

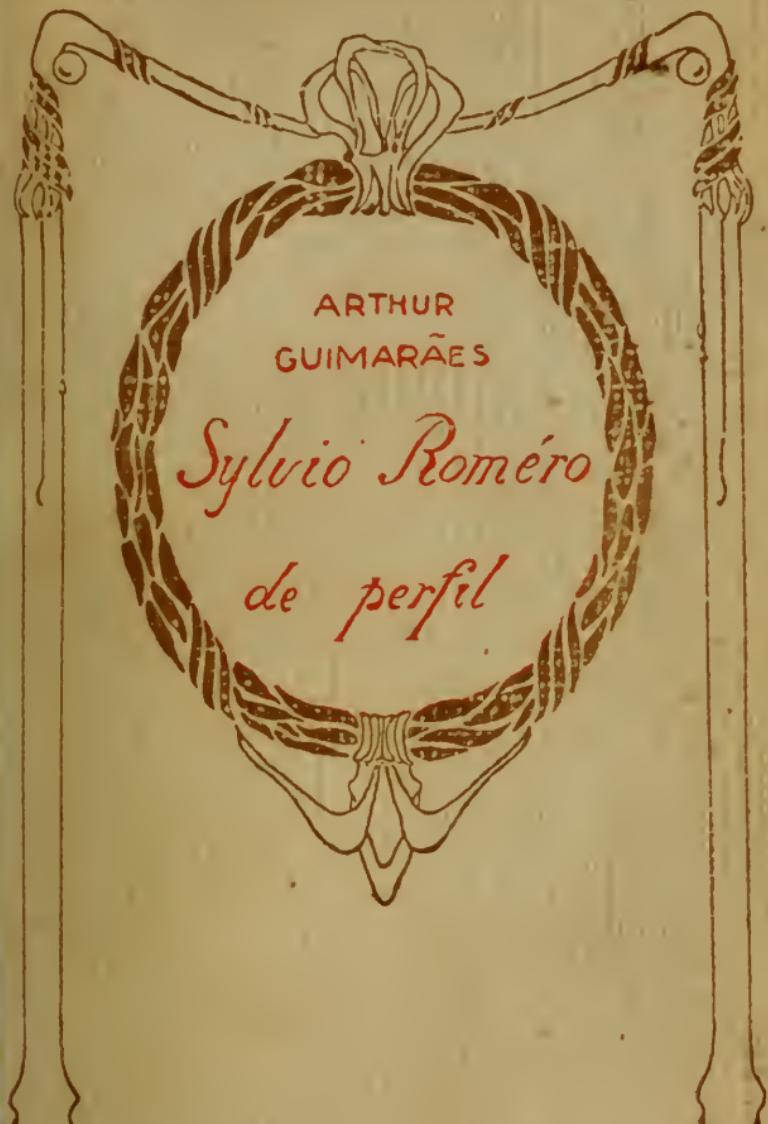


31761 07041989 0

Guimaraes, Arthur
Sylvio-Romero de perfil

PQ
9509
-5
R6G8





ARTHUR
GUIMARÃES

*Sylvio Roméro
de perfil*

Ho poseado p'mo José
Gomes Ferreira Costa bem
boa e affetiosa do

Hector

Fls. 24. 8. 915.

SYLVIO ROMÉRO
DE PERFIL

ARTHUR GUIMARÃES
DO INSTITUTO HISTORICO

Sylvio Roméro

DE PERFIL



1915 — Impresso na Typ.
a vapor de Arthur José de
Souza — PORTO-PORTUGAL.

PQ
9509
.5
R668



À FAMILIA

DE

SYLVIO ROMÉRO

O. D. C.

© Auctar.

Carissimo amigo Snr. Arthur:

Deixou-me suavemente commovido a leitura dos originaes de vosso ultimo livro: «Sylvio Roméro de perfil».

E' uma nobre e justa homenagem á memoria do glorioso extinto prestada pelo seu mais dilecto discípulo, «um dos seus quatro evangelistas», na sua phrase repassada de affecto.

Cumpre-me agradecer-vos, em meu nome e no de toda a familia a dedicatoria, e felicitar-vos pelo preciosissimo trabalho.

Acceitae, presado amigo, o meu mais affectuoso amplexo.

Rio, 3-6-1915.

Edgar Roméro.



Meu caro amigo :

Acabei, ha umas duas semanas, a leitura, que a sua gentileza me proporcionou, dos originaes de seu livro «Sylvio Roméro de perfil».

Revi, através as suas palavras, a narrativa de factos passados, a psychologia suave e desprenciosa de gestos e actos praticados, a transcripção de notas e cartas, a pessoa querida e inesquecivel d'aquelle cujo nome é o maior titulo de orgulho da minha existencia. E, por isso, essa leitura foi para mim um prazer inexcedivel, esse prazer cruel que a saudade nos dá...

Ella não me fez ficar-lhe querendo mais bem do que já lhe queria, porque a minha amisade já é tão grande que não pôde ser mais augmentada, mas fez-me ficar conhecendo mais uma face da nobreza do seu carácter, que eu já sabia dos mais fidalgos.

Se os que se vão d'esta vida terrena não deixam, como eu creio, de viver, meu pae deve-se sentir satisfeito por ver que não se illudia quando depositava no seu «evangelista» a confiança abso-

luta e a paterna amisade espiritual que sempre lhe dedicou.

Muito e muito obrigado, meu caro amigo.

Beija-lhe as mãos agradecido o todo e sempre seu

23-5-1915.

Sylvio Roméro (Filho).

PREFACIO

Certamente o thema é elevado e digno de tentar penna á altura da figura, mas não pude eximir-me ao brado do coração, que m'o impoz, eu que bem conheço a minha desvalia e sei a responsabilidade d'uma tal tarefa.

O estudo da personalidade scientifica é litteraria de Sylvio Roméro, um gigante no nosso meio, ha de surgir tratado por mãos idoneas, e como quer que não é sob esse aspecto que me proponho apresental-o, ouso esperar seja acolhido com benevolencia o que elegi — bem mais simples — o de um perfil intimo do grande Mestre da mocidade brasileira.

E' uma modesta contribuição para o conhecimento mais exacto da complexa individualidade, que dou sem pretensões e como amigo leal e companheiro de quasi vinte annos.

Porque um perfil ?

Primeiro porque o affecto m'o pediu, segundo porque entre as raras alegrias da minha atormentada vida, ufano-me da intimidade do glorioso auctor da *Historia da Litteratura Brasileira*.

O destino approximou-nos um dia, e no decurso approximado de 4 lustros proporcionou-nos ensejo de quasi diaria convivencia e de tamanha amisade, que só fez crescer e ir até o parentesco espiritual, por entre troca de carinhos e gentilezas, sempre renovados, que de recordal-os se me marejam os olhos.

E como da minha obscuridade pude alçar-me e operar o milagre de captivar a confiança e a estima do luminoso espirito ?

Conto-o em duas palavras.

Foi em 1896. Empregado no commercio, fóra das horas do expediente parecia-me que mais util era instruir-me que dissipar o tempo em festas e rapaziadas, pelo que frequentava o Lyceu Litterario Portuguez e o Externato Hewitt á noite, e applicava algumas horas lendo no Gabinete Portuguez de Leitura, de que meu pae era socio.

Arrancado á escola aos doze annos, portanto sem um curso regular de humanidades, o Lyceu, o Externato e o Gabinete não podiam preencher o vacuo existente e d'ahi a lembrança de n'um curso particular, corrigir um

pouco as lacunas, as insufficiencias do primeiro ensino.

Pensei em tres nomes para o curso particular: Ramiz Galvão, Carlos de Laet e Sylvio Roméro.

Qual escolher? Qual se prestaria a organisal-o?

Após hesitações, a sympathia elegeu o ultimo. Seduzia-me a franqueza do critico, quiz approximar-me d'elle.

Foi uma lucta: esquivou-se aos reiterados convites, allegou falta de tempo, achou que era uma extravagancia.

Hollanda Cavalcante, nosso hospede na casa commercial, frequentando a residencia do Mestre, esforçou-se por demovel-o da recusa e auxiliado por um meu compadre, Gustavo Veiga, deu com elle um dia em meu escriptorio.

Pittoresca e originalissima visita, inesquecivel esse primeiro encontro, extraordinarios seus gestos, suas palavras, suas ruidosas gargalhadas.

— Isto de sciencia nada vale para o comerciante. Deixe-se de historias, menino! Trate de ganhar dinheiro, é bem melhor!

É uma serie de pilherias e ditos de bom humor, que me deixaram entre attonito e desanimado.

Trançára as pernas no sofá e ria, ria mi-

rando-me como a um animal raro, a ponto de encavacar-me. Aterrado vi desfazer-se n'um instante meu sonho.

Evidentemente o grande professor não tomava a serio meu appello, divertia-se á minha custa.

Mas demorando-se, prestava attenção ao movimento do escriptorio e fazia perguntas de curioso. Quando eu suppunha que, farto da conversa, ia despedir-se sem nada decidir, eis que me fixa e batendo-me no hombro diz :

— Pois vou organizar o curso, menino. e quando prompto voltarei para marcarmos hora, logar e começarmos. O que lhe convem é uma especie de propedeutica ás sciencias.

Ganhando alma nova, radiante, desafogado, agradeci a gentileza e verifiquei quanto era pygmeu deante do homem que me fizera suar frio e passar rapido a alta temparatura — a do entusiasmo.

A organisação do curso foi nova campanha. Não consentindo a minha timidez que o procurasse, expedi os dois amigos á cata do mestre, até que marcasse outro encontro e começassem as lições.

Acabo de reler os cadernos em que as registrei e bemdigo a inspiração do curso.

Ao sim de tres annos estavam terminadas as lições e inauguradas as palestras que as continuavam insensivelmente.



Caro Arthur,

Procuramos os abraços:
Dá-me um, don't te
dá-te.

Sylvio Roméo.

23-11-1904.

• Retrato de Sylvio Roméo com o auctor
(Novembro de 1904)



E' positivo que teve para mim consideravel importancia a approximação, o que não quer dizer fosse aproveitado discípulo, só por propria culpa ou da minha intelligencia e não do professor.

N'essa epocha Sylvio havia pouco casado pela terceira vez, vira nascer-lhe a segunda filha d'esse matrimonio e honrara-me com um convite para baptisal-a.

Estava confirmada a nossa amisade : o compadrio só o dava ás pessoas muito intimas e queridas, de modo que sem o merecer, deveras sensibilisado, fiquei á prova de confiança, e referindo-a apenas quero justificar que posso traçar-lhe o perfil.

O destino e não meus merecimentos, concede-me, assim, a rara fortuna de uma longa e doce convivencia, muito não sendo que por isso eu possa dizer do homem familiar. E' o que vou fazer, singelamente enveredando pelo mesmo caminho que outros teem enveredado, só lamentando que a incompetencia me distancie de todos. Que m'o perdoem os admiradores e amigos do Mestre.

Antonio Cabral traçou o perfil de *Camillo* ; fel-o depois de outros e pôde ainda despertar interesse.

Tomei-o para modelo, mas é claro que o unico merito do meu trabalho, se é que o tem, está na novidade no Brasil : outro não tem.

Possuindo algumas dezenas de cartas de Sylvio, posso mostral-o tal qual foi na intimidade; tendo algumas duzias de livros que elle leu e annotou, uns dados e outros restituídos apôs a leitura, é-me facil revelar particularidades interessantes dos seus methodos de trabalho e de critica, e mais mostrar-lhe a simplicidade, a lhaneza, a fidalguia de sentimentos.

Tinha elle as duas aristocracias mais respeitaveis n'este mundo: as do caracter e do talento.

Escrevia ás vezes com violencia, e no entanto, era inimigo de todas as violencias. Ternuras, emoções de finissimo quilate, canduras e ingenuidades, espargia-as elle ás mancheias como nababo, por toda parte, a todas as horas.

Disse Antonio Cabral: «As cartas d'um grande escriptor não estão a par das de qualquer desconhecido, nem podem comparar-se ás do burguez pacato que faz encommendas ao tendeiro ou expede ordens ou recommendações ao seu feitor: são documentos vivos em que se folheiam, por vezes, paginas da sua vida ou sangram farrapos do seu coração. E' nas cartas reservadas que esses homens de talento e genio, — que devem ser bem conhecidos, que indiscutivelmente convem que o sejam — se mostram sem artificios nem disfarces, tendo cahido o véo da dissimulação com

que encobrem e escondem as feições que o publico julga serenas e tranquillas, quando tantas vezes as contorce a afflige a tortura e a dôr!»

Isto está dito e tornado a dizer, mas é conveniente e necessario repetir-se. Sylvio escrevendo, ás vezes parecia o que não era: cho-carreiro, aggressivo, violento, mau.

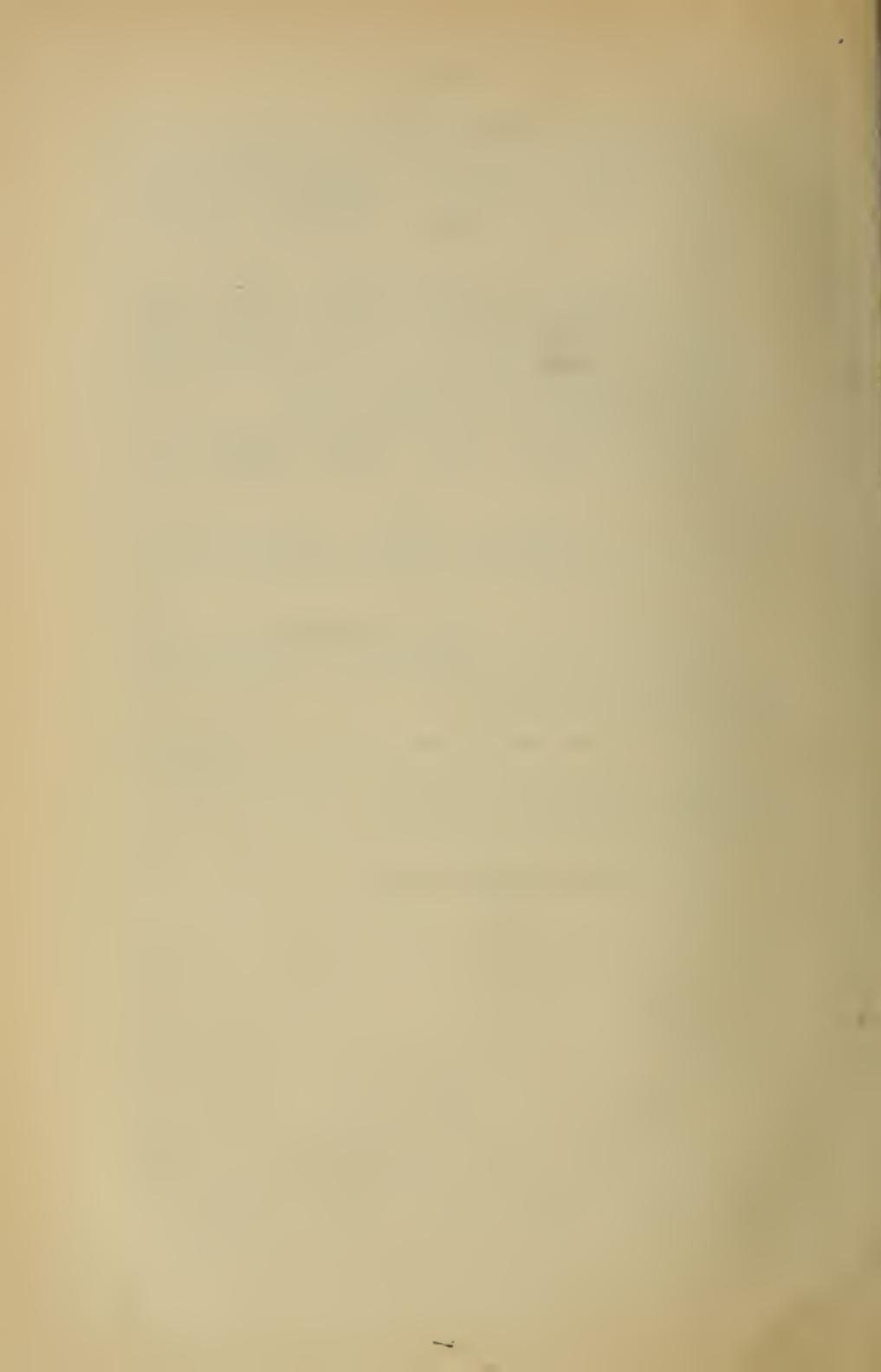
Merimée, repetimos com Antonio Cabral, não foi o pessimista, o descrente, o depravado, o cynico que pretendia parecer, mas sim um homem de sentimentos nobres, dedicado, sincero e franco.

Tambem Sylvio não foi o rancoroso, o mau, o violento que ás vezes parecia e seus desafectos assoalhavam.

Não. Era um meigo, um bom, um excellente homem. Proval-o é facilima tarefa. Indirectamente este perfil revelal-o-ha.

Nova-Friburgo, Março de 1915.





I

O Homem

(Biographia)

Sylvio Roméro nasceu na cidade de Lagarto, da antiga provincia, hoje Estado, de Sergipe, aos 21 de Abril de 1851.

Sua mãe, D. Maria Vasconcellos da Silveira, filha do portuguez Luiz Antonio de Vasconcellos e D. Rosa Ludovina da Silveira, era neta do ultimo capitão-mór portuguez que houve em Sergipe, e alli deixou fama desde os fins do seculo passado até 1822 pela severidade do caracter — Joaquim José da Silveira.

Seu pae, o portuguez André Ramos Roméro, era natural da cidade de Guimarães e filho de outro de igual nome e D. Josepha Vaz de Carvalho.

Assim, quer pelo lado materno quer pelo paterno, Sylvio Roméro, cujo nome por completo é Sylvio Vasconcellos da Silveira Ramos Roméro, é genuinamente descendente de portuguezes, o que aliás não desmente o seu typo.

Feitas as primeiras letras em sua terra natal, seu pae, que era negociante de bons haveres,

fel-o seguir para o Rio de Janeiro a estudar os preparatorios em principio de 1863.

O joven sergipano, no Rio, cursou, como interno, o antigo e excellente collegio denominado *Athenéo Fluminense*, que floresceu sob a habil direcção de monsenhor Antonio Pedro dos Reis, referindo-se sempre com respeito a seus mestres, um d'elles, pae dos distinctos militares Souza Aguiar (¹).

Prestados os exames de preparatorios nas antigas e severas mezas da Instrucção Pública, seguiu em Fevereiro de 1868 para o Recife a cursar a Faculdade de Direito, onde se bacharelou aos 12 de Novembro de 1873.

Levando para o Recife solida instrucção secundaria, entrou a estudar severamente durante os dois primeiros annos, sem nada produzir (1868-69), assumptos de litteratura, philosofia, religião, anthropologia, etc.

Seu primeiro escripto, feito em Novembro de 1869, e publicado no jornal academico *Crença* em Março de 1870, era apreciativo de um volume de versos publicado n'aquelle tempo pelo joven paraense Santa-Helena Magno.

Harpejos Poeticos intitulava-se o livro do poeta nortista, que ainda se mostrava todo eivado do romantismo americano a Gonçalves Dias.

O artigo, que se pode considerar uma profissão de fé do auctor, era uma critica muito severa, e levantou grande assuada nos circulos academicos.

(¹) Professor Francisco Primo de Souza Aguiar.

Geral foi a grita contra o novo iconoclasta.

Seja, porém, constatado que Sylvio em sua longa carreira, estendida por quarenta e cinco annos de luctas, não fez mais do que desenvolver as theses então formuladas, modernizando-as, lapidando-as, facetando-as com os conhecimentos novos adquiridos dia a dia.

A critica aos *Harpejos Poeticos* seguiram-se os estudos consagrados ás *Phalenas* de Machado de Assis, *Espumas Fluctuantes* de Castro Alves e *Peregrinas* de Victoriano Palhares, no *Americano* e no *Diario de Pernambuco*. No periodo academico Sylvio Roméro, além dos já citados jornaes, collaborou no *Movimento*, *Correio Pernambucano*, *Jornal do Recife*, *Escola e Trabalho*.

N'este ultimo publicou os artigos intitulados *O romantismo no Brasil*, que vieram mais tarde a constituir o nucleo principal do livro *A litteratura brasileira e a critica moderna*.

Depois de bacharelado em direito (1873), gastou no Recife tres annos (1874-76) a ver se se collocava no magisterio. N'esse intuito fez dois concursos á cadeira de philosophia do *Collegio das Artes* (curso annexo á Faculdade), não conseguindo ser provido na cadeira, graças á guerra tremenda que lhe moveram seus numerosos desaffectos e adversarios de ideias.

Seguiu então para o Rio (Novembro de 1876) e logo após para a cidade de Paraty, do Estado do Rio de Janeiro, onde por dois annos e meio exerceu o cargo de juiz municipal (1877-79).

Em meiodos de 79 veio fixar-se definitivamente no Rio, entrando no concurso a que

então se procedeu para o provimento da cadeira de *philosophia* do *Collegio de Pedro II*.

Foi nomeado em principios de 1880 lente *cathedralico* da alludida materia e exercendo esse cargo, e depois o de lente de logica, viveu sempre no Rio, jubilando-se em 1910.

Escolhido professor e fundador de ambas as academias de direito aqui creadas, a *Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes* e a *Escola Livre de Direito*, leccionou na primeira varias materias e na segunda cedeu o exercicio da cadeira a um amigo, creio que Borges Carneiro. Em 1900-02 representou seu Estado natal na Camara dos Deputados.

Em 1913 officiou á Faculdade de *Sciencias Juridicas e Sociaes* demitindo-se por doença. A congregação reuniu-se, não aceitou a demissão, e concedeu-lhe ilimitada licença.

Bella vida de trabalho !

O Homem

(Temperamento)

Desde que travamos relações, em 1896, já-mais o vi escrever ou ler de noite ; contava-me que assim procedia para evitar perturbações digestivas, de que uma vez fôra acommettido.

Fazia o *chylo* depois do jantar, sentado, palestrando com a familia ou com amigos, ou ainda recostado, meditando.

Recolhia-se, não tendo visitas de cerimonia, entre nove e dez horas e procurava repousar nunca menos de dez horas.

Muitas vezes conservava-se deitado, sem

somno, até perfazer aquelle espaço de tempo, que reputava indispensavel para o seu organismo.

Escrevia de dia, levantando-se entre sete e oito horas da manhã, mas nunca systematisou a producção: estava longe de pensar com Zola, que nullo era o dia sem linha escripta, nem tão pouco tinha horas certas de trabalhar.

Aos que o arguiam sobre a não systematisaçāo da escripta, respondia que se não escrevia sempre que se queria, mechanicamente, e sim quando se estava no ponto de produzir. A producção, accrescentava, assemelha-se a uma *délivrance*: tem gestação e periodo certo.

Mas n'elle não era tanto assim: muitas vezes só por preguiça não escrevia, que ideias nunca lhe faltavam.

Lia muito, nos bondes, em casa, nos logares onde tinha o que fazer, se se demorava, e nos ultimos annos no meu escriptorio, por bem dizer diariamente, sentando-se n'um dos cantos do velho sofá, que com a constancia do seu peso tinha a palhinha afundada.

Abria o livro que trazia e annotava-o escrupulosamente, tivesse ou não que critical-o. Saccava do bolso o lapis, pedia-me o canivete para aparal-o e de quando em quando, suspendia a leitura para fazer commigo commentarios joco-serios, que eu pontilhava com risadas, irrompidas naturalmente, tamanha a graça da apreciação ou o gesto animico com que a acompanhava.

Examinar as notas postas á margem das paginas dos livros, era ver o homem tal qual era — franco, engracado, irreverente, mas profundo, erudito, justiceiro.

Pertence a outro capítulo analysal-o sob este aspecto.

O de que queremos aqui tratar é do habito invariavel de apôs as refeições, com o miolo do pão formar bolinhas e atiral-as fóra. Trabalhava-as pachorrentamente, comprazendo-se no amassal-as como se fôra de obrigação sahirem perfeitas e eguaes.

Quando se retirava do meu escriptorio, no chão contavam-se innumeras, e todos sabiam de quem era a habilidade.

Se ao entrar o seu lugar no velho sofá estivesse ocupado por pessoa que elle não pudesse desalojar, resmungava baixinho e sentava-se n'uma cadeira, do outro lado, da forma predilecta, estivesse quem estivesse no escriptorio: «ás cavalleiras, cellocando-se ás avessas, com o peito voltado para o espaldar, no qual recostava os braços cruzados», exactamente como Antonio Cabral narra fazia Camillo Castello Branco.

Tambem exactamente como Camillo, é claro que sem intenção de o imitar (jámais lhe passaria pela cabeça imitar alguém), fazia uso constante da palavra, com aquella graça tão espontanea, tão natural, tão sua, mal sobrando o tempo aos ouvintes para apertar as ilhargas nos raros intervallos do esfuziar das gargalhadas vibrantes e ruidosas».

Mas ver-se-ha n'outros capitulos que muitas affinidades existiam entre o grande romancista portuguez e o notavel critico brasileiro.

Sylvio, ao sentar-se ás avessas na cadeira, differia de Camillo quanto ao complemento da posição; pedia outra cadeira, que dispunha em face e n'ella estirava os pés, ficando assim

horas esquecidas, desabotoado o collete e o primeiro botão da bragUILHA da calça.

Na cama, tinha posição tambem original: curvava uma perna, collocando o pé debaixo da outra, ou trançava ambas, lendo e, de vez em quando, passando as mãos em friso, sobre os cabellos brancos da leonina cabeça, de entradas salientes, só nas temporas.

Era realmente bella a sua cabeça, os cabellos partidos a um dos lados, a testa larga, accusando a belleza varonil, destacando-se não pelo tamanho, regular, mas pelo conjunto harmonico, realçado pela juba de leão formada pelo cabello abundante arrumado á direita.

Physicamente, Sylvio era isto: o typo de um completo peninsular, d'um burguez na exterioridade toda do seu arcabouço reforçado.

De estatura meã, testa larga, olhos mais para grandes do que para pequenos mas vivissimos, maçãs amplas, o ventre bojudo, principalmente devido a uma extensa dilatação do estomago, mãos e pés pequenos.

Havia, porém, sido magro na mocidade.

Um de seus luxos era, na intimidade, asseverar que desafiava a joven mais elegante e taful a exhibir um par de pés tão *mignons* e perfeitos como os d'elle.

Realmente, assim era.

Moralmente, o rebarbativo era um amoravel na lata accepção do termo. N'outros pontos d'este livro, deixo patente tal physionomia do seu temperamento.

Espicaçado, transformava-se, e ai do que ficasse sob as puas de sua critica mordente e acerada...

Mas, mesmo descompondo, ensinava. Em qualquer pagina de seus livros, aprende-se.

Disseram-no com verdade Arthur Orlando e Affonso Celso.

E' que toda a grande arte, é didactica, frisava Affonso Celso com Ruskin, em carta que lhe dirigiu e me mostrou.

As iracundias, as invectivas, as raivas do Mestre eram todas artificiaes, ficticias ou então passageiras.

N'um biographo de Castro Alves li que havia desacordo entre o que elle parecia ser em suas poesias, e o que de facto era; e de Bernardin de Saint-Pierre, toda a gente sabe que o auctor de *Paulo e Virginia* nada tinha de mavioso, de dulcoroso, de meigo...

Sylvio, aggressivo, iconoclasta, não tinha arrebatamentos na yida pessoal, era meigo como poucos.

Como se apresentava ou escrevia em casa?

Mettido em calças leves, brancas ou de brim, de enfiar ás vezes, e paletot tambem leve, sem collarinho, sem gravata, sem punhos e com camisa de passar.

Quando muito calor, fechava-se no gabinete, em camisolão, e só recebia os intimos n'esse traje.

O choro das creanças affligia-o immensamente e como quer que se consorciara tres vezes, havendo filhos de todos os casaes, nunca se libertára d'esse incommodo.

Entretanto, sua ogeriza ia além, estendia-se aos sons fortes em geral e aos ruidos, mas quanto a estes abrindo excepções.

O simples badalar dos sinos, o ribombo do

trovão, o tiro das pedreiras, o espoucar d'um foguete, em summa, todo o ruido forte, estri-dulo, punha-o logo nervoso, maxime se se tratava de ruidos humanos, faes como o ulular das multidões, e o pregão dos *camelots* na rua, de que sempre fugia.

D'essa ogeriza aos ruidos, deve-se exceptuar os da pyrotechnica, principalmente os mais grosseiros, principalmente os busca-pés, que muito elle se deliciava soltar e ver soltar.

As cabriolas, os estouros, o serpear d'esse fogo de artificio, elle acompanhava com vivo prazer e gostosas gargalhadas.

Certa vez viu em casa d'um amigo, por occasião dos festejos de São João, um boneco de salão, funcionando em physiologica posição, acocorado: estorceu-se de riso e mostrou tanto gosto no boneco, mirando-o e remirando-o, que o dono da casa lh'o offereceu.

Passados dias, narrava o que se divertira com os filhos a queimar busca-pés e a fazer funcionar o boneco.

Pura infantilidade para muitos, goso de bohemio ou recordação de nortista para alguns, havia verdadeiro encanto n'essas suas predilecções pela sinceridade e alacridade de que se revestiam.

Por amor á tradição nortista, ás recordações de sua infancia no Lagarto, tinha outras diversões em que se comprazia, os reizados, as festas do Natal, ao ponto de, com Mello Moraes, Filho, acompanhar cortejos e cantar modinhas, reviver o *folk-lore*, de que foi eximio cultor, tomar parte na não *catharineta*, com abandono de commodidades, perdendo noites, ensaiando córos, desdobrando grande activi-

dade, contra seus habitos. São cousas uteis, educativas, dizia, embora já avelhantadas.

Pelo que toca aos sons, os mais melodicos que fossem não o entusiasmavam: a ausencia a concertos não provinha só da parcimonia de recursos, e sim quasi que exclusivamente por não amar a musica.

Fugia, vexado, de o confessar. Sabia que delicto commettia, mas o facto é o facto e não ha como registral-o. Antonio Cabral o mesmo aponta de Camillo Castello Branco, em citação do P.^e Senna Freitas.

E' outra affinidade dos dois espiritos, ambos de notavel angulosidade. Camillo ouvia impassivel a boa musica, só gostando do fado; Sylvio cantava modinhas, trovas, lundús, mas abstinha-se de ir a concertos e não comparecia aos logares onde se fizesse boa musica.

Criticando obras e auctores dramaticos, tambem não frequentava theatros, aborrecendo-se sempre que, por comprazer, era obrigado a comparecer a espectacuios, fossem de que natureza fossem. Dizem-me que não fôra assim na mocidade em Pernambuco: frequentava theatros e acompanhava Tobias nas luctas pró e contra arriistas.

As summidades do palco que aqui aportaram, algumas viu por condescendencia com amigos, mas não se interessando absolutamente pelo trabalho artistico exhibido.

D'uma feita, condescendeu commigo ir ver a actriz Clara della Guardia, quando Ferreira de Araujo chamava para ella a attenção do publico.

Encontrou na fila dianteira de cadeiras um inimigo litterario e, como quer que estivesse

em cadeira correspondente á sua, satyrisou-o indirecta e finamente toda a noite, sem se importar com o que se representava.

Eu, gostando da arte dramatica, era forçado a perder lances importantes da peça, para ouvir-o e rir-me.

Na rua, constantemente, parava, aprumava o *pince-nez* e dizia-me :

— Olha para esta gente, como é pequena, feia, mal arranjada, um povo sem esthetica! E vae minguando! Repara! E' preciso educar as novas gerações, cuidar da «mente sã em corpo sã».

Ahi, o sociologo dava uma lição, que eu recolhia, como me cumpria, carinhosamente.

Além das modinhas e das trovas, xacaras, lundús e outros cantos nortistas, outra exceção conheci elle fazia no tocante a musica : a das bandas de batalhões, ao desfilarem pela cidade, tocando dobrados e marchas.

Sylvio cantarolava baixo, deixava-se ficar, e todo elle vibrava de entusiasmo.

Dava mostras de alegria acompanhando o compasso da musica : era o esto patriotico que o transformava e quantas vezes, em taes momentos, o supreendi emocionado a valer, tendo os olhos marejados !

Grande patriota !

Era o tom marcial, era o batalhão em marcha, era a bandeira, a que, respeitoso, saudava, era a imagem da Patria que elle via e acarinhava, nos seus sonhos d'um Brasil forte e progressivo !

Não gostava de perfumes.

Os que em geral a todos agradam, causa-

vam-lhe nauseas, mau estar, enxaquecas: o sandalo, a violeta, o jasmin, e heliotropo.

Não usava, pois, em absoluto, extractos no lenço, nem oleos ou loções na cabeça e bigode. Da fragrancia das flores apenas tolerava as do cravo e da rosa.

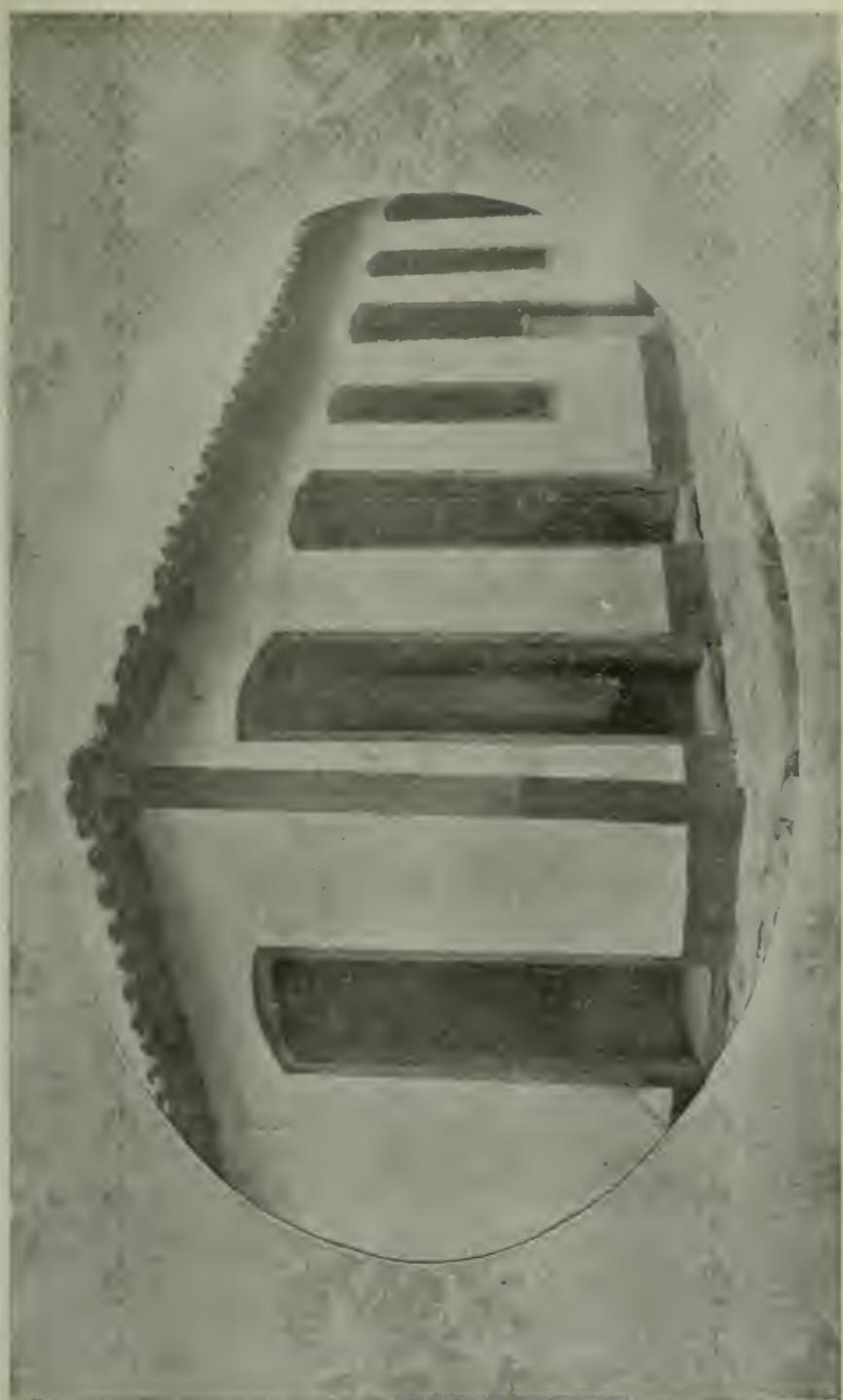
A florada das mangueiras e de outras arvores fructiferas, produzia-lhe abalo nervoso e constantes dores de cabeça.

N'uma das casas que habitou, na estação do Riachuelo, rodeada de mangueiras, passava mal durante a florada, e não raro sahia para casa de parente ou amigo, até que acabasse esse periodo de sua incompatibilidade organica com as anacardiaceas.

Tambem fugia quando a rabujice natural das creanças recrudescia; entretanto, se não tolerava, como já disse o chôro infantil, ninguem era mais paciente com ellas do que elle, que ia ao ponto de pegal-as ao collo e adormecel-as com cantigas, de que tinha vasto repertorio.

Influiam n'isto suas disposições de espirito e epochas de producção litteraria.





A casa onde nasceu Sylvo Roméo, em Lagarto, Sergipe
(Alpheu Roméo, amador)



O Professor

O professor não era um desdobramento do homem que acabo de apresentar, com os seus habitos, ogerizas, idiosyncrasias, cacoetes e modos de ser.

O professor, afóra a bondade, era outro homem.

Sabedor como poucos, orador d'alto des cortino, tinha implicancia com a rigidez da cathedra.

Fugia a todos os canones, fazia mesmo garbo n'isso, systematicamente não reprovava estudante, e na aula era o primeiro a facilitar cousas, em que a disciplina fosse subvertida.

Punha, não raro, uma perna sobre o braço da cadeira, abria o collete e discorria sem nunca se repetir, com desprezo por todas as formas didacticas.

Queridissimo, admirado, respeitado, aos collegas e alumnos tratava sem formalidades, n'um tom nivelador e pittoresco, que era d'elle, muito d'elle, e ninguem poderia reproduzir.

Martellar lições, fazer arguições, sabbatinas, não era com elle.

Os que fazem o ensino sob severos e estrictos aspectos pedagogicos, a dentro da rijeza ethica, extranhavam as liberdades do professor, e só pelo muito apreço consagrado ao homem é que lhes fechavam os olhos.

E' philosopho, diziam, e como tal deixavam-no agir, certos, aliás, do brilho do grande nome no corpo docente da escola ou da academia e do muito que a mocidade aprendia ouvindo-o, mesmo sem methodo, sem principios, desabusadamente. São muitas as anedotas que lhe attribuem em aulas e exames.

Apresentando-se a exame um irmão de Raymundo Correia, o poeta de quem elle devérás gostava, e sahindo-se bem perante os demais examinadores, Sylvio limitou-se a dizer-lhe:

— Recite *As Pombas*.

Recitado o bello soneto, Sylvio deu-se por satisfeito e approuvou o joven.

De certo a homenagem prestada a Raymundo Correia, foi devidamente apreciada por este sensibilissimo e formoso espirito; mas os escrupulos do poeta, jámais teriam permittido a reciproca.

Sylvio tinha como norma voltar o rosto a conveniencias, radicalmente banil-as, dar-lhes piparotes.

Suas distincções em bancas de exame eram brindes, pouco se importando com o escandalo dos collegas, que difficilmente podiam resistir-lhe.

Uma vez, no emtanto, irritou-se com um examinando de curso superior, que começara a dissertaçāo oral d'este modo:

— Nós, que *estudemos* Historia Natural...
Atalhou-o logo:

— Não, não é possível que o snr. tenha estudado Historia Natural. Juro-o. Pois se não sabe o portuguez!

Reprovou-o e mais ao deante referia-se ao facto, pezaroso, por não ter podido sopitar a indignação, lembrando-se que o rapaz podia ser burro, mas fazer carreira como tantos outros.

Com os jovens que o contrariavam nas cadeiras, rebatendo-lhe doutrinas ou acintosamente enaltecedo o positivismo, que elle combatera, replicava com valentia, mas acabava dando distincção ao examinando.

— Foi insolente, não ha duvida, mas tem talento, cumpria-me ser justo.

De outros, a referencia era mais restrictiva :

— Não é *burro*, mas é impertinente e pernóstico.

Celebres, os seus concursos e defezas de theses.

Do de Logica, toda a gente d'aquelle tempo guarda memoria, tão alto se levantou o candidato, que afinal, pelos annos em fóra havia de imprimir novos moldes ao pensamento nacional.

A metaphysica, que elle provou estar morta, com escandalo e gritos alarmados de muitos, no sentido em que elle o dizia, morta ficou...

Ào lente que o contrariara, dando ensejo á lucta e inesperado desfecho, vi annos transcorridos, apertar-lhe a mão e revelar-lhe grande apreço.

Tambem Sylvio pagava-lhe na mesma moeda.

Gosei em viagens de bondes de Villa Isabel, a palestra de ambos, e sou testemunha do vivo prazer intellectual do Mestre, ao ouvir citações

latinas e mordacidades do sarcastico e tambem notavel Dr. A. Coelho Rodrigues.

Nos outros dois concursos prestados em Recife, não o haviam deixado romper, porént n'um d'elles a reacção do Mestre fôra tal que lhe armaram um processo. Foi advogado de si mesmo, n'uma habil manobra livrando-se.

No d'aqui, escapou de ser espoliado, devido ao seu republicanismo.

Era grato ao imperador D. Pedro II, pela resistencia ás intrigas levantadas para não ser escolhido.

— Cezar Marques, passados annos, contava ao Mestre o ocorrido, e Sylvio, imitando-o, tinha graça enchendo a voz e repetindo-lhe as phrases :

— «Bem que intrigaram! bem que intrigaram! O que lhe valeu foi a rectidão do Imperador!

Avelhantado, decrepito, a voz do antigo director do Pedro II já me parecia do outro mundo. Jámai a esquecerei».

Ao movimento de larga justiça ao innovador do pensamento brasileiro, diffundidor sem par das correntes philosophicas destruidoras das de Cousin e outros, duas, uma como remate, outra como homenagem espontanea, de fôra, calaram-lhe fundo n'alma...

A de remate foi o seu ultimo trabalho, o monumental discurso de paranympno da turma de bachareis da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes de 1914, intitulado *O Remedio*, que o *Jornal do Commercio* publicou na integra e sei está se imprimindo em folheto em Lisboa; oração vibrantissima, fructo de elocubrações superiores, da ultima phase d'esse

extraordinario sociologo, que entre nós foi o primeiro a divulgar a Sciencia Social, applicando-a ás nossas cousas.

Hoje é corrente citar e acompanhar os trabalhos d'esses esforçados precursores de Le Play, Tourville e seus continuadores, Demoulins, Rousiers, Poinsard.

Ao traçar estas linhas, vejo a mais recente referencia ao movimento assimilador do sistema inglez na França, promovido por Demoulins, referencia feita pelo professor Coelho Lisboa no voto sobre o ultimo projecto de reforma do ensino entre nós.

Eis o trecho: «Quando a França, por Edmundo Demoulins, busca o sistema inglez para com elle alimentar e levantar o espirito de seus filhos, que maravilhados pela superioridade dos anglo-saxonios, tomam a orientação de «l'Ecole des Roches», *novo typo de escola mais apropriado ás exigencias da vida actual* ('), o Brasil deve pedir lições aos anglo-saxonios da America, fitando o progresso dos Estados Unidos do Norte».

Com que carinho, com que amor, com que zelo o erudito auctor da *Historia da Litteratura Brasileira* nos recommendava e a todos os seus discípulos o manuseio constante das obras dos auctores da escola social, combinadas com as da anthroposociologia!

Um dos seus primeiros gritos publicos foi o do discurso de recepção de Euclides da Cunha na Academia de Letras.

Lembro-me dos dissabores que d'ahi lhe

(') O italicico é nosso.

advieram, e consolo-me com a assimilação gradativa, embora não confessada, das ideias que elle espargia, bebedas na *Sciencia Social*, e expurgadas do que não convinha ou offerecia duvidas ao seu claro espirito. Mas achavam-no *linguarudo*, inconveniente, desabusado!

Darei a synthese do herculeo trabalho do Mestre n'outro capítulo, se a tanto me chegarem as forças, no que diz respeito á applicação da sciencia social ao Brasil.

A outra homenagem, vinda de fóra, que o commoveu, foi a dos estudantes de Coimbra, por occasião da divulgação em folheto de sua conferencia sobre o *Elemento Portuguez no Brasil*.

A resposta que lhes mandou, é prova inconcussa do asserto.

Quando fez o prefacio das *Questões Economicas Nacionaes* cujo trabalho foi submettido á apreciação de Edmundo Demoulin, este deu ácerca do livro desenvolvida noticia n'um dos fasciculos da *Sciencia Social*, concluindo por encommendar ao Mestre e ao discípulo novos desenvolvimentos das theses explanadas segundo o methodo.

Sylvio escreveu ao escriptor francez uma carta dando as zonas sociaes em que, a seu ver, se divide o Brasil, e começou a escrever o *Brasil Social*, que deixou muito adiantado, mas infelizmente por acabar.

Os capitulos primeiros sahiram em revistas, e os que os leram poderão avaliar o que seria a obra integral.

Sem prejuízo da corrente philosophica do seu espirito, a escola de Le Play e continuadores, que aceitou, divulgou e esclareceu,

serviu de maravilhoso instrumento ao grande sociologo, e as sementes lançadas á terra germinaram, a despeito de deturpações e invejas, hoje desapparecidas.

O professor tomou a peito pregar a nova fé: honra lhe seja pelo serviço prestado á juventude, mesmo sem observancia da ethica professoral.

A mim, brindou-me em 1908 com um plano de estudo da Sociologia, que passo a transcrever:

1.º Ler a *Introducção á Scienza Social*, de Spencer; porque n'este livro encontram-se as ideias mais geraes sobre o methodo, o conteudo e as relações d'essa sciencia com a biologia, a psychologia, etc.

2.º *Principios de Sociologia*, do mesmo Spencer, porque n'esta obra percebe-se o rythmo geral da evolução applicada ás cousas humanas na ordem juridica, na politica, na industrial, na economica, etc.

3.º As obras de Ammon, Lapouge e outros sectarios da mesma ordem de ideias, porque n'ellas se apprehendem perfeitamente os fundamentos anthropologicos da Scienza Social. N'este grupo, é conveniente juntar os livros de Gobineau, Bordier e Le Bon.

Le Bon distingue-se pela habilidade com que destaca as influencias psychologicas que actuam na Sociologia.

4.º A leitura dos livros dos principaes discípulos de Le Play, nomeadamente de Tourville, Demouiins, Poinsard, Rousiers e Préville. Estes pela habilidade com que estudam pelos processos de observação, as condições

do viver das sociedades, principalmente sob os aspectos do trabalho, da familia, da propriedade, da patronagem, etc.

1.^a NOTA — Todos estes autores estão de acordo nos seguintes pontos capitales: 1.^o, principio da evolução e das selecções naturaes; 2.^o, distincção capital das raças, n'uns, como Lapouge, desde os primordios, em outros, como uma consequencia do viver social; 3.^o, incontestavel superioridade das gentes do Norte, — são as que a escola de Le Play chama de *particularistas*, as que De Gobineau chama de *aryanas* e Lapouge *homo europaeus*; 4.^o, a inferioridade das populações com o nome de *homo meridionalis* da Europa meridional, que tem muitos parentescos com bérberes, com o *homo afer*; 5.^o, guerra implacavel ao socialismo e varios delirios democraticos.

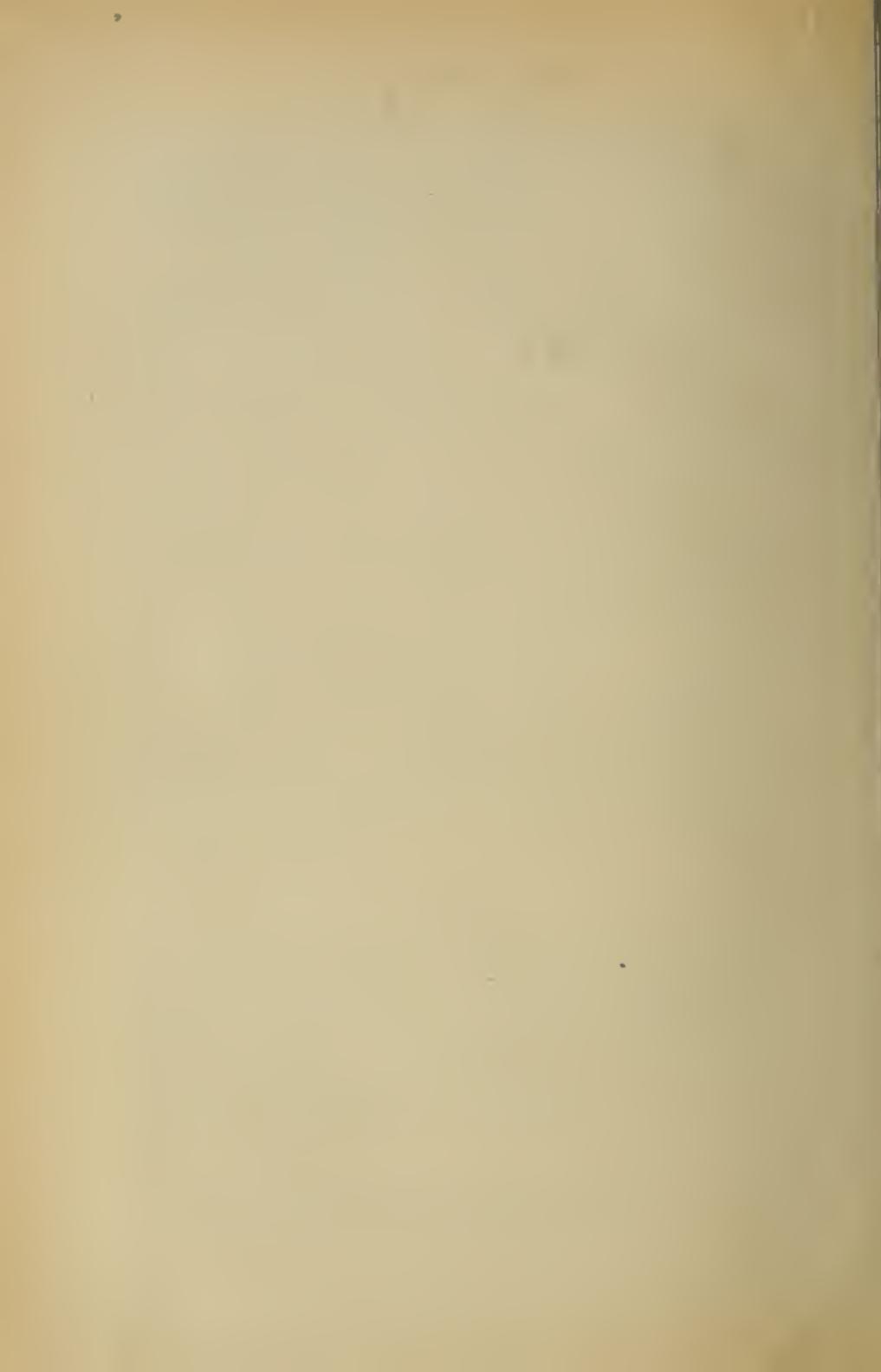
2.^a NOTA — As obras de Tarde, Giddings, Word, Kidd, De Greeff, Gumplovicz, Durkeim, Worms, podem ser lidas com vantagem, mas são de ordem secundaria. Novicow está abaixo de toda a critica.

* * *

A relação completa das publicações de Sylvio Roméro está nas ultimas obras, exclusão das *Minhas Contradicções* (¹), sahida pouco antes da sua morte, verificada a 17 de Julho de 1914, e d'*O Remedio*, folheto a imprimir em Lisboa, segundo me informaram.

(¹) Prefaciadas por Almachio Diniz.

O curso particular que me concedera, não o transcrevo aqui por estar no prefacio das *Questões economicas nacionaes*, e nos *Novos Estudos de Litteratura Contemporanea*.



III

O Philosopho

Sylvio era um duplo philosopho: tinha a sciencia geral dos seres, dos principios e das cousas, elevação de espirito, profundeza psychologica, systema particular de encarar e ver o mundo; e, na accepção vulgar, sabia supportar o infortunio, era resignado aos vae-vens da sorte, conformava-se com a pobreza, collocava-se acima dos accidentes da vida.

Do primeiro, fallam soberbamente seus livros; do segundo, o *philosopho* no sentido corriqueiro, mas que é o que aqui tem cabimento, vou algo dizer.

Impossivel ter-se mais graça e originalidade do que elle na correspondencia particular, cheia de imprevistos, de engenhosos achados, e de adjectivações aos nomes das pessoas ás quaes se dirigia, adjectivações meigas, humoristicas, impagaveis, inesperadas, e, diga-se, escoimadas de malicia, pois n'essas cartas vasava a sua alma, era absolutamente sincero, como darei prova.

A sua assignatura aos intimos era, *mutatis mutandis*, «do namorado Sylvio», «do velho

e amante Sylvio», «do velho melancolico Sylvio» e outras curiosas e de cunho todo especial.

A abertura adjectivada, era mais variada: Joven amigo C., Joven e delicado A., Gentil B., Meigo D., Delicioso E., Joven delicioso, terno e meigo F., Santo G.. Dilecto H., I, meu amor; J, meu amôrsinho; K, amoroso; L, adorável; M, angelico; N, mimoso; afóra as aberturas em diminutivos e as communs «caro», «querido» e «estimado».

Tambem: Carinhoso O; Sublime P; Q, meu anjo; R, flôr mimosa.

Entenda-se que essas adjectivações eram feitas a homens superiores, eminentes, da mais lidima categoria social, que se riam ao abrir as cartas do Mestre, por elles adorado. Só por discreção, não lhes dou os nomes.

A letra era immensa, escarranchada, de tal largura e comprimento que um brilhante escritor chegou a pôr em letra de fôrma, com espirito, que os editores deviam pagar-lhe um excesso para o papel almasso por elle gasto além do commum.

Ou a d'elle, ou a lettrinha de Coelho Netto — os dous extremos — grauda uma, meuda a outra.

Mas para documentar a *philosophia*, no sentido vulgar, do Mestre, ahi vae uma authentica carta por elle escripta e expedida:

«Minha comadre D. — Saudações. Ora, louvado seja Deus! Até a minha comadre minha credora! O meu compadre ainda viveu muito tempo depois que desfizemos o contracto do livro e nunca nada teve a arguir-me; a comadre, deixa passar tanto tempo e agora é que

se lembra de cobrar-me o que absolutamente não lhe devo. Pois saiba d'uma vez por todas que o editor definitivo da obra foi F., ainda vivo, a quem meu finado compadre directamente e na minha presença transferiu seus direitos, recebendo o importe das primeiras folhas de impressão já feitas, por não ter recursos para proseguir na factura da obra. Ficou assim desligado do compromisso que commigo havia assumido; e sem prejuizo algum. O Sr. F., a quem a comadre pode recorrer, lhe dirá o mesmo, por ser a verdade. D'este seu compadre (e aqui variou por necessidade o fecho costumeiro) que nunca mentiu... S. R.»

Outro seu aspecto *philosophico*: desageitamento nas compras.

Sempre que ia comprar, fazia-se acompanhar dum amigo, pois nenhuma confiança tinha em si para tal fim.

A's vezes, se o caixeiro não o comprehendia de primeira intenção, fazia uma careta, abanava a cabeça e queria retirar-se. Se o caixeiro mostrava empenho em servil-o, imediatamente repetia o que queria, bem explicado, e tinha satisfação em auxiliar-lhe a comprehensão.

Tão simples, tão naturaes, tão familiares as explicações e conversas, que o caixeiro acabava sympathisando com o comprador, a principio brusco, depois amoravel.

Se, por exemplo, ia comprar rapé (vicio que por algum tempo teve), o vendedor tinha que fazer-lhe um relato de qualidades e preços, acabando elle por comprar marca nova, que dias depois abandonava, para voltar á antiga.

Ainda outro philosophismo, este supersti-

cioso. Tinha horror ás cousas funebres, só excepcionalmente acompanhava enterros, não comprava nem tocava em livros que tivessem pertencido a mortos, não gostava de conversas em que entrassem extintos, não aceitava recordações e objectos de defunctos.

Estremecendo grandemente seu irmão Joviniano, sua viuva offereceu-lhe a bengala do uso d'aquelle e Sylvio jámai a utilizou...

Commigo, mostrou desejos de ficar com uma bengala com que me viu; dei-lh'a, e logo suspeitoso, inquiriu:

— Compraste-a?

— Não, Mestre, é uma recordação de meu Pae.

— Já não quero. Guarda-a.

Impressionante era, no emtanto, a sua conformação com a pobreza. Exemplar e tocante, grande e magestosa na sua expressão.

Não se affligia: furtava-se a festas e diversões, limitava-se ao estricto e necessario, sem azedumes; vivia, n'uma palavra, vida simples e sã, como a ensina Carlos Wagner, porque aquella creatura liberrima tinha, nas intercancias do seu liberalismo, o tempero d'un forte conservantismo.

Era liberal e conservador de espirito, simultaneamente.

Só o honra dizer-se que parecia um burguez no todo e nas particularidades.

Dizia-me que houve um tempo em que gostava de ajanotar-se, usando cartola, fraque e bengala.

Sempre o conheci refractario, por indole e necessidade, á indumentaria: *canotier, paletot* sacco e collete da mesma côr.

A corrente do relogio era de *plaquet*, o relogio dos mais baratos.

— Qual, quem é pobre não tem luxos, dizia; e eu, para cumulo, sou um desarmado para a vida practica; nunca o dinheiro me chega.

Este final era acompanhado de melancolico gesto e fervorosos gabos ao pae e ao avô, ambos previdentes e praticos.

— Só um de meus irmãos não se formou — arrematava; quatro «ganharam o mundo» e diplomaram-se. Veja que meu pae sabia ganhar dinheiro.

— E o caro Mestre já formou quatro filhos também, e acabará formando mais...

Desconversava, jubiloso com a referencia comprobatoria do seu valor.

Ao ser eleito deputado por Sergipe, é que mandou fazer sobrecasaca, usando esse traje muito tempo. Mas em casa nada alterou de habitos, e recebia as visitas onde e como estava.

Resta referir-me n'este capitulo á sua *philosophia gaiata*: as alcunhas, os appellidos que distribuia a creados e pessoas acanhadas de sua *entourage*.

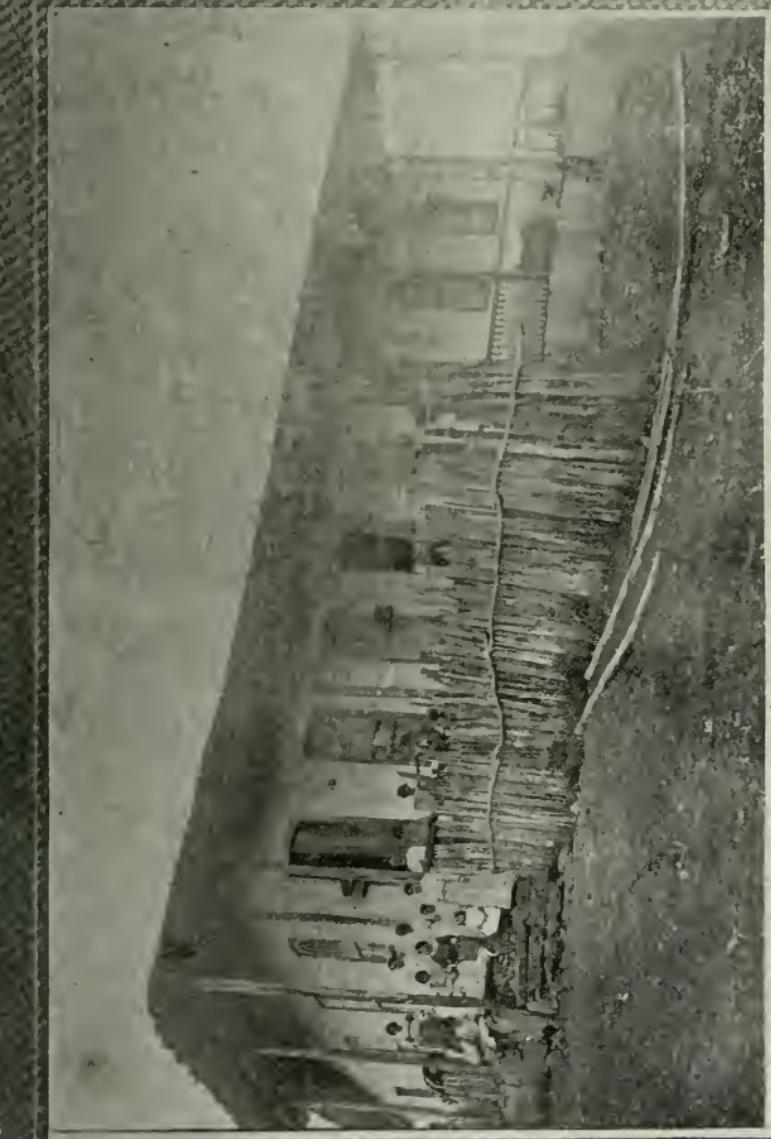
A um creado alcunhou de «Duque de Saldanha», por lhe achar parecenças com o famoso marechal portuguez; a um caixeiro de minha casa commercial appellidou de Bocage, por identico motivo; e não raro, nos seus livros, distribuia appellidos a escriptores de sua antipathia.

A um chamou de «felpudo mastodonte», pelo aspecto hirsuto e barbudo; a outro, com quem teve polemica violenta, de «espingolado»; a

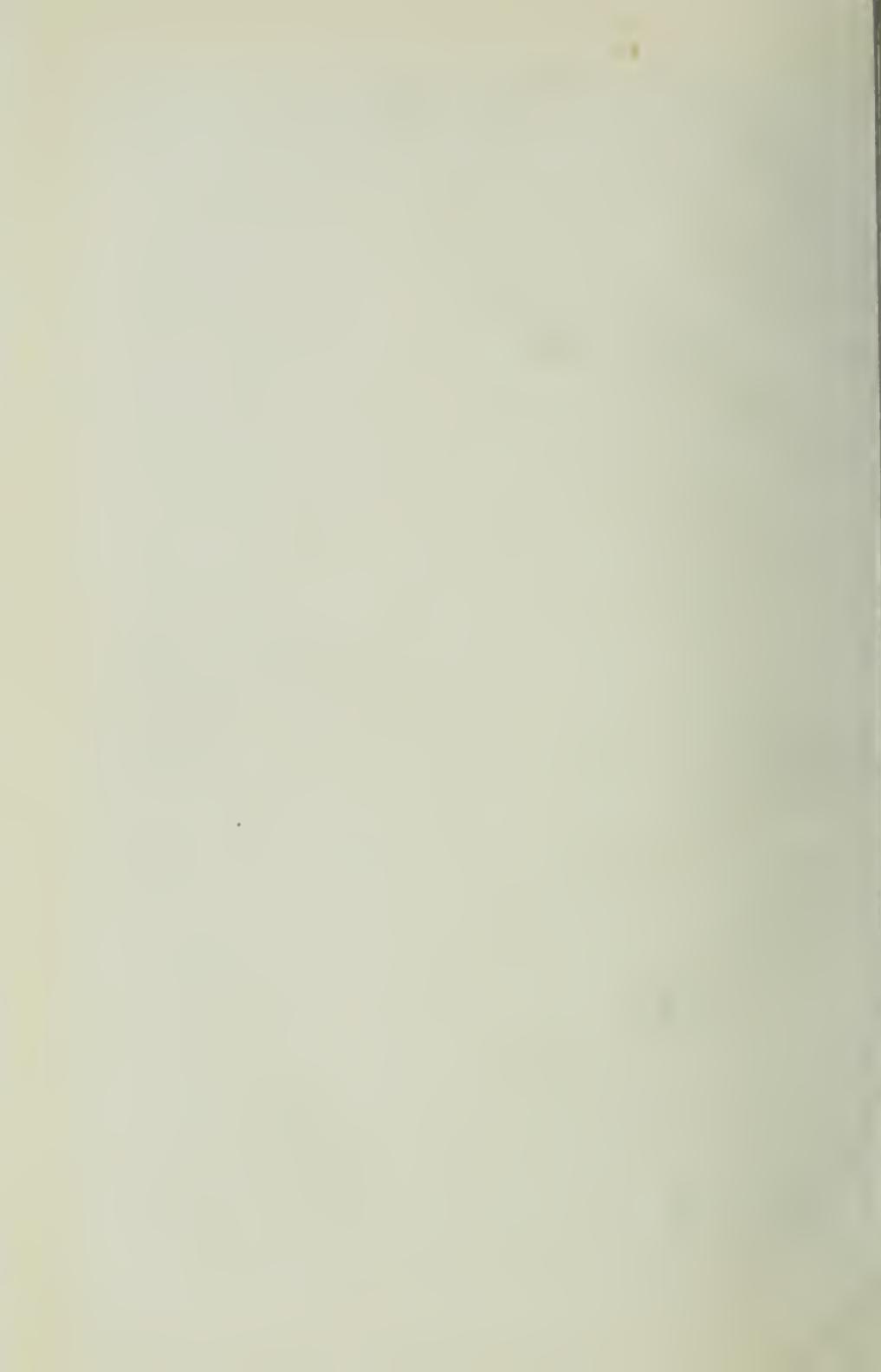
um terceiro Joaquim da Terceira; a dezenas, isto e aquillo.

Levavam-lhe a mal misturar erudição com chocarrices, mas porque não aceitá-lo tal qual era, com o seu temperamento exhuberante e expansivo?

Era um traço ficticio e não real do seu temperamento; pois no fundo, a alcunha, mesmo depreciativa e provocadora de ridículo não estava em correspondencia com os seus sentimentos pessoaes.



O *Engenho Moreira*, a que Sylvio alludiu na auto-biographia publicada n'*O Momento Literario*, por João do Rio (Alpheu Roméro, amador).



O Amigo

Sabia cultivar a amísade como poucos.

Ha mesmo, d'elle, uma originalidade a esse respeito: tinha como axioma o opposto do proverbio celebre, dizia que «preferia ser mais amigo do seu amigo do que da verdade».

Exaggerava, mas para salvar amigos vi-
mentir, elle a quem a mentira repugnava, elle,
que tinha por principio ser verdadeiro, mesmo
contra si.

E não é lícito atirar-lhe por isso pedras;
todos, todos, podemos e teremos, por certo,
ensejo na vida de alguma vez mentir, sem que
sejamos profissionaes da mentira... na boa
intenção, é claro.

Sua maior dedicação, absorvente, poderosa,
fanatica, sabe-se, foi a de Tobias Barreto, o
philosopho e jurista de Escada.

A viuva e filhos sentiram-na sempre no ca-
rinhoso assessoramento do Mestre, nas preoc-
cupações de espalhar novas edições das obras
do poeta, prefaciando-as, na idolatria por sua
memoria, no zelo por sua fama, no engrande-
cimento de sua cerebração.

E que refregas tremendas por causa do autor de *Menores e Loucos*?

Ardoroso, sahia á liça, e ai do que arranhasse a personalidade querida e vultuosa: sahia a escorrer sangue.

— Aggridam-me, mas a Tobias não consinto: é uma injustiça, é o desconhecimento dos serviços relevantíssimos por elle prestados á nossa mentalidade.

Ao ser publicado o livro *Machado de Assis*, ousei divergir do Mestre, e escrevi-lhe de Lisboa, onde me achava, com o devido respeito, uma carta, á qual benevolamente respondeu n'estes termos:

«Joven e delicado Arthur. Saude. Esta vae em forma de requerimento. Desculpa; é o papel que tenho á mão. Tenho presentes tres cartas suas, cada qual mais interessante. Por ter andado doente do figado, (molestia geral de brasileiros) não lh'as respondi logo.

Vejo e concordo com o que me diz sobre o livro a respeito de Machado de Assis. Mas concordo só em parte; é que se dão circunstancias que o meu caro Arthur não conhece bem, no tocante a certos factos tratados no livro.

E' assim que, no fundo, o parallello com Tobias só foi feito *como resposta* indirecta a certos criticos; que tinham aqui, a proposito da minha *Doutrina contra doutrina*, e bem fóra de proposito, fallar em *pessima escola de Tobias*, ao passo que sempre teem andado a *babar-se* de goso em fallando de Machado de Assis! Além d'isto, ha motivos especiaes no nosso meio litterario, meio que me tem sido hostil e contra o qual arremetto sempre que posso.

Bem ou mal, não estou de acordo com elles: pertenço ao partido da reacção, iniciado vae para trinta annos quasi no Recife. Defendo o velho Tobias: 1.º, pelo seu merito intrinseco; 2.º, para justificar o meu proprio criterio; 3.º, como meio de guerra.

E' uma clava que costumo brandir contra certos semi-deuses cá da terra. O famoso Machado, a quem aliás não nego grande merito, é um d'estes, e por isso atirei-lhe em cima o outro.

Ambos brasileiros, ambos mestiços, ambos nascidos no mesmo mez e anno, ambos poetas, ambos prosadores, ambos humoristas, ambos pessimistas, ambos criticos: eis os pontos de contacto que iustificam o parallello. Não se compararam cousas identicas, nem cousas contrarias, senão cousas que teem similhanças e dissimilhanças. E' o caso dos dois que teem os indicados pontos de contacto e, como diferenças, teem o ser um *conteur e romancista* e o outro *philosopho e jurista*. Mas, o que eu comparei foi o poeta ao poeta, o prosaista ao prosaista, o pessimista ao pessimista, o humorista ao humorista. (Santo Deus, quanta cousa em *ista!*...). E' pouco mais ou menos o caso dos criticos europeus quando compararam Schopenhauer (*philosopho*) a Leopardi (*poeta*): o que elles compararam não é o poeta ao *philosopho* porém o pessimista ao pessimista: porque ambos o foram em subido grau.

Tal é o caso quando se compara Carlyle (*historiador*) a Heine (*poeta*). O que n'um e n'outro se põe em parallello é o *humour*, que ambos manejavam com força e vida. Quanto á extensão dada ao que se refere a Tobias, jus-

ſifica-se pelo esquecimento a que eu o via e vejo aqui votado, e creio ser proposital. Quando até a gente seria não o conhece aqui devidamente, quanto mais o resto!...

O meu caro Arthur, por exemplo, que conhece Machado de Assis ha annos velhos, ha quantos conhece Tobias?!... Eis ahi a cousa em flagrante. Pois ambos tem a mesma edade, e começaram a escrever ao mesmo tempo. Vejo o que me diz do escrever do Laet e dou-lhe razão; mas Laet está no meu Livro entre os bons prosadores do Brasil.

Não concordo *in totum*, com o que se refere a Taunay e Eduardo Prado, em face de Coelho Netto. Os dois não escrevem mal, mas o ultimo melhor, apezar de mais moço. Desculpa tanta *parlenda*. Outra cousa. Dou-lhe de conselho que se muna ahi da bella *Historia de Portugal* de Schoeffer, da qual ha ahi uma moderna e boa traducçao, feita por um moço portuguez.

Outrosim, peço-lhe que me consiga em Lisboa um exemplar da obra modernissima de Leite de Vasconcellos sobre o Portugal pre-historico e antigo. Não me lembra o titulo. Creio que se chama *Antiguidades portuguezas*, ou cousa que o valha.

Em todo o caso, é um livro novo, grande, sobre as origens das raças em Portugal e supponho que sobre a peninsula em geral. Li rapida noticia nos jornaes d'aqui.

Compre, leia e depois m'o empreste, na volta. Meus respeitos á sua Ex.^{ma} Snr.^a; e venha breve para o nosso forte *braseiro* americano. De seu am.^o m.^{to} obg.^o e cr.^o, *Sylvio Roméro*, Rio, 2-2-98».

Eu estava em Lisboa, prestes a regressar, e pelo tom da carta se verá que ainda não havíamos chegado á intimidade posterior.

Tinhamos dois a tres annos de relações, mas discípulo e Mestre, já nos entendíamos usando de franqueza.

Aprendi n'essa carta, como em tudo que d'elle emanava, sensibilizado com a explicação, e grato á distincção n'ella envolta.

Tobias não fôra seu Mestre, o que não significa não tivesse recebido no inicio de sua carreira influxo das ideias do primeiro e seu contemporaneo. Conheceram-se no Recife, e o talento os approximou, a affinidade de ideias os juntou para sempre, sem que nunca esmorecessem o carinho e o apreço d'um pelo outro.

Sylvio recitava poesias de Tobias horas a fio, e parava para enaltecer-lhe o fogo do estro, para sublinhar-lhe bellezas de composições e arrojos de concepção.

Sempre Bella

Na lucta pela vida, illuminada,
Por lindos olhos ao clarão divino,
Diz o tempo á belleza: eu te devoro!...
E a belleza responde: eu te domino!

O tempo curva-se ao poder mais forte.
Das bellas, como vós, é esta a gloria:
Onde murcha uma flôr, mil flôres brotam,
E sempre assim repete-se a victoria!

Ou de outros poetas, Gonçalves Dias, Gregorio de Mattos e Castro Alves:

Era assi qual amorosa
Hera que hum robre vingou;

Ligou-se estreita com elle,
Do topo se debruçou,
Folha metteu pelas folhas
Vida com vida cazou.

.....

(Das *Sextilhas de Frei Antão*, de Gonçalves Dias).

Ou então trechos de *Y Juca Pyrama*, do mesmo auctor; como :

Tu choraste em presença da morte ?
Na presença de estranhos choraste ?
Não descende o cobarde do forte :
Pois choraste, meu filho não és !
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando crueis forasteiros
Seres presa de vis Aymorés ...

Ou ainda d'este mesmo auctor a poesia
Teus Olhos :

Teus olhos tão meigos, tão bellos, tão puros
De vivo luzir ...

De Gregorio de Mattos :

Uma forte entoação
Vos cantaram Braz Luiz,
Segundo se conta e diz
Por solfa de fá bordão ...

.....

Ou chasqueava de um poetastro pernambucano recitando-lhe os versos :

Porque não briga a França com a Prussia
P'ra libertar a Polonia,
Que outr'ora foi nação e hoje é colonia ?

De Castro Alves cantava em casa com a

familia *Gondoleiro do Amor* e *São duas flores unidas*.

A segunda dedicação de Sylvio, foi por Hilario Ribeiro, o auctor da *Cartilha Maternal*.

Não foi do meu tempo; Hilario estava morto; mas sei que Sylvio levantou o inventario do amigo, inventariando propriedade intellectual, talvez pela primeira vez no Brasil.

Com outro amigo de élite, o livreiro Francisco Alves, contractou a venda das obras didacticas do professor e ficou tutor de seus filhos, promovendo a educação de todos, casamento das moças e subsistencia da viuva.

A *Cartilha*, contra todas as regras na nossa terra, deu uma fortuna, e as contas de Sylvio, como em tudo em que se mettia, foram prestadas rigorosamente, escrupulosamente, secundado pela tambem grande honradez de Francisco Alves.

Um dos filhos de Hilario ia nestes ultimos annos, constantemente ao meu escriptorio ver e ouvir o Mestre, como filho.

Não era só reconhecimento, era necessidade de pedir-lhe conselhos.

E eis como o homem desarmado para a vida pratica soube e poude ser util á familia d'um amigo, desinteressada e nobremente!

Sabe-se que algumas obras didacticas teem dado fortunas no Brasil; mas o que é para admirar é o facto de não ter o Mestre enveredado por esse lucrativo caminho, quando abriu-o para outros tão auspiciosa e criteriosamente.

Dizia-me, ufano:

— Já inventariei valores intellectuaes, com exito; e rematava, melancolico: lamento não

ser gramatico ou mestre de primeiras letras, para abarrotar o mercado com livros uteis á infancia e... ás minhas pobres algibeiras. E' questão de feitio. Veja você: da *Historia da Litteratura Brasileira* vendi já duas edições ao Garnier, que só poucas e magras centenas de mil réis me deram, e o *Compendio*, para dar um pouco mais, tive que associar n'elle João Ribeiro, repartindo os lucros das edições.

A *Historia da Litteratura Brasileira*, a cathedral do pensamento nacional, na bella e incisiva phrase de Arthur Orlando, tem este conceito, até de inimigos, que anda por ahi generalisado: é *livro para ladrões*.

E Sylvio, a quem se atribuia um temperamento fôgoso, irritadiço, aggressivo, sorria meigamente quando na intimidade se apontavam "casos e casos de plagios" a esse monumento brasileiro...

— Não é tanto assim... e desconversava.

Não raro entrava-me pelo escriptorio, e era pisar o primeiro degrau da escada e logo se advinhar pelo tropel *sui generis* quem subia.

Peusado e forte o seu pizo, infallivel um bufar de cansaço, ruidoso, acompanhado do bater vibrante da bengala em cada degrau, ou assobiando até ao alto, e uma ou duas graçolas ao primeiro conhecido que encontrasse á entrada do escriptorio. Não se molestavam os que lhi as ouviam, gostavam de as merecer, embora rebarbativas, ás vezes, como 'esta:

— Saia-me do caminho, não me interrompa; o *santo* está? E' só com elle que me quero entender.

O *santo* era eu, mas não por o aturar, como dizia.

Comprehende-se que, dous affectivos, tivemos grande alegria em nos vermos a miudo e palestrarmos, maxime eu que assim lograva obter o prolongamento indefinido, em conversas, do curso que com elle fizera tres annos, curso que reputo uma das melhores inspirações da minha vida.

O Barão de Tautphoeus (), o sabio educador, companheiro do mestre no Internato Pedro II, ocupava logar escolhidissimo no seu coração.

«Não vi ainda sabedor mais completo, bondade mais perfeita, caracter mais integro», dizia-me emocionado, ao recordar a doce convivencia que tiveram, tamanha que Sylvio, inimigo de andar, só pelo goso da companhia, fazia grandes caminhadas, para ser agradavel ao andejo sabio.

Às vezes internavam-se pelas mattas, na Tijuca, em Santa-Thereza, e ficavam horas esquecidas a palestrar e a examinar plantas. O barão adorava a botanica.

— Tautphoeus — exclamava Sylvio — atirado para o Brasil por uma revolução, e pertencente a uma illustre familia allemã, foi-nos mandado pela Providencia. E' incalculavel o beneficio prestado a varias gerações brasileiras por esse sabio.

E impressionado, concluia :

— Tive aviso da sua morte, accorri, mas já o achei semi falla... Tambem só tive outro aviso de morte até hoje, na minha vida : o de

(¹) Emigrado politico de linhagem.

Tobias Barreto. Houve um baque pezado no meu quarto, mas nada vi. Tomei nota, e veiu após a triste noticia da morte do maior philosopho que o Brasil tem tido.

Tautphoeus deixou-lhe uma prophecia sobre o futuro do Brasil em face da Republica, e Sylvio publicou-a pouco antes de morrer.

O livreiro Francisco Alves, seu compadre, foi outra grande dedicação de Sylvio: ia vel-o diariamente, como a min, ficando na loja tempo esquecido, e na ausencia que extraordinarias demonstrações de alto apreço e vivissimo affecto lhe dispensava!

Francisco Alves editou-lhe obras, e como quer que não fossem da especialidade da casa os generos preferidos pelo Mestre, é que se explica serem relativamente poucas as suas edições da importante livraria.

Esta amisade, mais antiga do que a minha, enchia de desvanecimento o coração do querido morto.

Honrado, leal, intelligente, sem ser litterato, mas saturado de boas leituras, Francisco Alves captou, com justiça, toda a confiança de Sylvio.

A Hilario, Tobias, Francisco Alves, é preciso juntar Arthur Orlando e Clovis Bevilacqua, dous formosos espiritos, dous perfeitos caracteres, dous santos, na propria phrase de Sylvio, mas santos de sua maior devoção.

Sou suspeito para fallar de ambos, porque consagro-lhes lidima admiração e creio que se não molestarão de me dar por honrado com as suas affeições.

Dedicou livros ás filhas d'um e d'outro, procurou sempre enternecidamente enaltecel-os.

Encontro n'uma carta de 23 de Junho de 1904, a mim dirigida, o seguinte:

«Não posso tambem deixar de ler e agradecer os livros de Arthur Orlando. E' uma pérola. Peço-lhe que vá de minha parte, dizendo que foi pedido especial meu, visitar e conhecer o Clovis (Barão de Mesquita 52). E' um dos meus quatro *evangelistas*, isto é, compadres: Arthur Orlando, Clovis Bevilaqua, Francisco Alves e... (permitta-se-me que occulte o ultimo, alli generosamente encartado pelo Mestre, sem o merecer). Não deixe de ir. Dê-lhe um abraço. Está para ir-se para o Recife. Do velho namorado, *Sylvio Roméro*».

Privou com Constante Jardim () com quem visinhou em Santa-Thereza, depois com Mello Moraes Filho em São Christovão e, por ultimo, com Nestor Victor, na Estrella (Rio-Comprido); e Deseimbargador Souza Pitanga, em Icarahy e tinha em alta conta as relações de amisade e litterarias com Martinho Garcez, amigo de cincoenta annos da familia desde Sergipe; Dr. J. J. de Carvalho, Ennes de Souza, Commendador Alves de Souza e outros que só omitto por não me ocorrerem no momento.

De personalidades illustres, extintas, recordava-se com saudade Alberto Brandão, Arthur Goulart, Amphrisio Fialho, Augusto Franco, Aluizio de Azevedo, Araripe Junior, Arthur Azevedo, Barão de Tautphoeus, Baptista Pereira, Bulhões de Carvalho, Benicio de Abreu, Barão de Traipú (General), Barão do Rio-

(1) Medico conceituado em Santa-Thereza

Branco, Belisario Augusto, Borges Carneiro, Carlos de Gusmão, Chapolat Prévost, (1) Coelho Barreto, Deodoro da Fonseca, Domingos Olympio, Euclides da Cunha, Franklin Tavora, Ferreira de Araujo, França Carvalho, Fortunato Duarte, Fausto Cardoso, Francisco Fajardo, Gustavo Massow (2), Gemeniano Brasil, Guimarães Passos, Galdino Travassos, Gumerindo Bessa, José Avelino, José do Patrício, Joaquim Nabuco, Joaquim Murtinho, João Pedro de Aquino, José Pisa, Justiniano de Mello, Lima Drumont, Lucio de Mendonça, Medeiros Correia, Manoel José da Fonseca, Maria Clara da Cunha Santos, Martins Junior, Pisa e Almeida, Pacheco Leão, Saulino de Oliveira, Pardal Mallet, Quintino Bocayuva, Raymundo Correia, Sylvio Santos Paiva, Theophilo Leão, Tito Lívio de Castro, Urbano Duarte de Ouro Preto, Vicente de Ouro Preto e Olympio Viveiros de Castro.

Tocante, o carinhoso devotamento, por seus irmãos e parentes,

Celso, o mais jovem dos irmãos, foi por elle educado, e nada mais encantador do que ouvi-lo dizer :

— Estou com saudades do tenente, (3) vou passar uns dias com elle no subúrbio. O diabo

(1) O operador que lhe salvou a terceira esposa, numa difícil operação, nada cobrando e recebendo de Sylvio encantadora carta, que começava assim: «Prenda-me. Sou réo...».

(2) Chefe da casa Laemmert, editora das obras de Tobias Barreto e prefaciadas por Sylvio Roméro.

(3) Oficial de marinha reformado.

é o apitar contínuo dos trens... Mas o tenente é o tenente.

On isto, com o outro irmão, Joviniano (¹);

— Sigo para Madureira, a vêr o ingrato do Joviniano, que me não apparece. Aquelle nasceu medico, tem olhos nos dedos.

Era, de facto, um talento de primeira ordem, desabusado como Sylvio, alma de escol, de quem Sylvio chegava a dizer: «é mais intelligente do que eu», e estremecia-o tanto que, quando Sylvio perdeu o vapor em Lisboa, foi ao meu escriptorio, alarmado, interpellar-me «se era verdade ou se eu estava a occultar á familia uma catastrophé».

Vi-o em termos de brigar comigo, a despeito da estima reflexa com que me honrava.

Celso, respeitoso, dedicadíssimo, deante dos interrogatorios a que o Mestre o submettia, ria, ria, e não sabia como agradar-lhe em tudo e por tudo. É um *gentleman* no caracter, uma probidade macissa e uma intelligencia aguda, que a fatalidade d'uma ankilose retirou do serviço activo da Armada.

— «Que officialão, comadre, se perdeu!»

Nylo (²), outro irmão, que morava no interior, vindo á cidade ia logo vêr Sylvio.

No meu escriptorio ia esperal-o e pilheriavam n'uma camaradagem perfeita. Era intelligentíssimo tambem, e culto, muito culto, com irreprimíveis surtos de franqueza, e parecenças

(¹) Medico e politico de prestigio.

(²) Morreu Juiz em Santa Maria Magdalena, Estado do Rio.

com Sylvio e Joviniano, nas imprevistas graças e na ironia das replicas.

Ao presidente do Estado do Rio, uma feita, tendo seus vencimentos em grande atraso, escreveu, depois de ter esgotado outros meios, enviando-lhe uma letra, para que lh'a endossasse, assim de fazer dinheiro! Era uma cobrança habii do que lhe era devido, que, provocando o bom humor, surtiu effeito.

Guardo d'elle excellente e bella recordaçao, pelo affecto com que me tratava.

Não conheci seu irmão Benildo ⁽¹⁾, morto, mas conheci Emilio, funcionario federal em Sergipe, que aqui veiu uma vez tratar-se, e Sylvio recebeu com igual affectuosidade.

Tambem fiquei a estimar-o e a apreciar-lhe as qualidades moraes e intellectuaes.

Seu cunhado Altino do 1.^º matrimonio ⁽²⁾, Sylvio levou-o ao Dr. Abel Parente, diabetologista, e tão acertado tratamento foi instituido, que voltou ao cabo de dois mezes, por bem dizer, curado, ao Recife.

Formosissimo caracter, foi-me eulevo o que d'elle ouvi ácerca da vida e dos actos do Mestre em Recife.

Almas de selecção, que se partiram, Joviniano, Nylo; almas boas, que ficaram, Celso, Emilio e Altino.

No recesso do lar, cortez sempre com a esposa, e seus cunhados do 2.^º e 3.^º enlace brando e solicto com os filhos e sobrinhos

⁽¹⁾ Desembargador em Aracajú.

⁽²⁾ Desembargador Altino Corrêa de Araujo, actual presidente do Tribunal da Relação do Recife.

acolhedor para com todos, parentes e conhecidos.

* * *

Mas quero encerrar este capitulo com o lance mais emocionante, por mim presenciado, de Sylvio, na amisade, fóra da familia.

Euclides da Cunha fizera-se amigo de Sylvio, escolhendo-o para seu *paranympho* na Academia de Lettras.

Foi varias vezes ao meu escriptorio, para ler-lhe seu discurso, e admirar de perto o gigante da *Historia da Litteratura Brasileira*, como me dizia.

Penhorado, o Mestre ligou-se ao fulgurante e poderoso auctor dos *Sertões*, de quem me fazia extraordinarias referencias; e de tal modo, tão espiritualmente, que mesmo sem o visitar, ocorrida a tragedia, surgiu-me no escriptorio para irmos juntos render a ultima homenagem ao cadaver.

Fomos ao Sylogeu. Sylvio cabisbaixo, concentrado, agoniado: eu, fugindo de tocar na tragedia, distrahindo-o o mais possivel, até que, enfrentando o corpo, o Mestre levantou o lenço e osculou demoradamente a fronte pallida do grande morto.

Rolaram-lhe as lagrimas, abundantes, sacudindo todo, e eu tive que retiral-o quasi violentamente, para evitar que cahisse com uma syncope...

Choravain, alli, o amigo e o brasileiro, encarnando a Patria, na pessoa de Sylvio.

Privou, entre outros, de que depois se afastou, sempre por justos motivos, com Koseritz.

o emigrado alemão, jornalista eminente no Rio Grande do Sul.

Koseritz ligava-lhe tamanho apreço, que lhe editara um dos livros.

Pois bem. O afastamento do Sylvio teve como causa o sentir que Koseritz o suppunha um aliado pró Allemanha Antarctica...

Foi a ponta do véu levantada n'uma palestra, que maguou fundo o coração do grande brasileiro.

Calou-se, afastou-se.

Passados annos, fez o formidavel folheto *O Allemanismo no Sul do Brasil*, que o otimismo e deploraveis pontos de vista politicos tentaram sufocar.

Hoje, repetem-se seus argumentos, tanto entra por nossos olhos a realidade do perigo, que elle viu muito antes de todos.

O visionario passou a ser o patriota-vidente.

Medeiros e Albuquerque e Graça Aranha fizeram há pouco revelações alarmantes e concordantes com o pensamento do auctor do *Allemanismo*. E José Verissimo, n'um nobilissimo gesto, em artigos para o *Jornal do Commercio*, acaba de confessar que a razão estava e está com Sylvio.

* * *

Em 1900, estando em Campanha, recebeu a visita d'um de seus admiradores mais fervorosos, que não conhecia, e veio a ser discípulo fidelissimo: Augusto Franco, a quem incumbiu de prefaciar o *Passe Recibo*, resposta a Teóphilo Braga.

Dizia-me:

— «É um moço excellente, que precisas conhecer. Muito me captivou a sua visita, prova de apreço intellectual».

Manteve correspondencia com o intelligent e estudioso moço, pô-lo tambem em contacto commigo, e assim se fez uma amisade que jámais esfriou.

Augusto Franco, de compleição fraquissima, de muito estudar teve que ir á Europa, escolhendo a Állemânia para instituir tratamento.

Foi, e não voltou!

Guardo carinhosamente cartas e cartões que de lá me dirigiu (V. retrato e *fac-simile* á pag. 65), indagando dos trabalhos e da saude do Mestre e amigo commun.

Em Bello-Horizonte, onde vivera antes de embarcar, fôra prestante auxiliar da administração João Pinheiro, sendo director do *Minas-Geraes*, orgão official do Estado.

Ao influxo d'elle, o estadista mineiro leu e esboçou a applicação da Sciencia Social ao grande Estado. Ainda a Sylvio se deve este serviço.

* * *

Com referencia a concursos, Sylvio era gaiato narrando *cincadas* e *brilharetos* a que assistira. Forramo-nos a contar algo sobre desastres por elle presenciados, mas temos satisfação em constatar a justiça sobre o preparo de alguns candidatos.

As provas de Escragnolle Doria, no concurso de Historia, no Collegio Pedro II, mereceram-lhe altissimos gabos, tanto mais valiosos quanto se sabe que havia polemizado com o visconde de Taunay, parente do candidato.

E sempre que alludia a talentos de escol, caracteres puros, e estudosos sérios, Escragnolle Doria vinha á tona.

— Professores como este, é o de que precisamos como de pão para a bocca.

* * *

De gentilezas dispensadas a discípulos, havia que fez a Chrysanto de Brito, igual á de Augusto Franco: convidou-o a prefaciar-lhe os *Discursos*, edição da casa Lello, do Porto. E Chrysanto foi sempre gratíssimo ao Mestre e seu sincero admirador e amigo.

* * *

De cada adoração, recta e sincera, elle contava uma ou mais anedocas, d'essas de *humour*, que vale a pena registrar.

De Tobias, entre muitas, certa vez ouvi-lhe esta:

O Instituto Archeologico de Pernambuco não contava em seu seio o nome do emerito professor, o que causava reparos, e um dos directores de então quiz sanal-os, obtendo de Tobias permissão para inscrevê-lo.

Conseguiu-o, mas sob a promessa de que nenhuma despeza teria a fazer.

Decorridos dias, olhem o cobrador á porta com o recibo da mensalidade e Tobias, desesperado, devolvendo-o com o seguinte recado:

— Diga lá que ser besta sem pagar já é cousa desagradável, mas pagar para ser besta é cousa insupportável.

Sylvio tinha eguaes irreverencias e sarcas-



Augusto Franco, malogrado discípulo de Sylvio Roméro
e prefaciador de *Passe Recibo...* (Resposta a Theóphilo Braga).



Herrn

Conselho de Estado
Gabinete Imperial
113-Bua Side de Setembro
moderno 1º andar. Rio.

Augusto Franco

Accente o direito e querido Amigo as Boas Festas do Francisco.

St. Blasien i. Baden,
1-1-909.

mos, e ninguem lhe tocasse nas amisades, literarias ou não.

Amigos de sua qualidade são raros ; e tão amigo sabia ser, que até invertia conscientemente o *amicus Plato, sed magis amica veritas.*

Grande e nobilissima alma !

Não me eximo, só para documentar a grandeza da sua sensibilidade, a transcrever a seguinte carta, a mim dirigida (¹) :

«9-3-09. — Sublime e delicioso Arthur. Isto não é carta ; é um abraço pelo dia de hoje ; mas não é abraço de formalidade, é abraço de coração. Dias formosos vão surgir em que has de viver alegre e despreocupado. Do velho namorado, *Sylvio Roméro».*

* * *

Escrevendo a Medeiros e Albuquerque para Paris, pediu-lhe que lhe indicasse um logar onde pudesse viver na Europa, após a jubilação no internato Gymnasio Bernardo de Vasconcellos. Mostrava predilecção pelo Algarve, em Portugal, e Medeiros aconselhou-lhe, creio, Florença, na Italia, como clima e logar bello e calmo.

Se não realizou o projecto, deu ensejo a que o discípulo além da informação, lhe enviasse *La Géographie Humaine*, de Brunhes, que andou extraviada mas, afinal, recebeu, penhorado á gentileza.

(¹) V. *fac-simile* á pag. 67.



Rio de Janeiro, 9 de Março de 09.

Óptimo e Feliz
Ano Novo,

Isto não é car-
ta; é um abraço
pelo dia de
hoje; um abraço
e palavras de fr=
aternidade, e abra-
ço de corações. Dias
formos não sur-
gir em gera traz-
-de vida alegre e
despreocupada. - São
felizes os amigos



O verdadeiro applicador da Sciencia Social no Brasil

Depois de agitar entre nós as novas correntes philosophicas e de organizar e coor-
denar a historia da litteratura brasileira por vinte
annos (hoje, creio, não ha mais quem o con-
teste) Sylvio Roméro, de quem Tobias Barreto
dizia, tinha a *vis organisatrix*, voltou-se n'estes
ultimos quinze annos para o estudo do Brasil
social e economico.

Assim como na famosa introduçao da *His-
toria da Litteratura Brasileira* fizera uma vista
de conjunto do Brasil que mesmo os diver-
gentes com a doutrina e os juizos criticos da
obra gabaram sem reserva (Medeiros e Albu-
querque foi d'esse numero), tambem na appli-
cação *Leplayana* — methodo, estudo, escola —
às nossas cousas e raça, foi d'uma felicidade
rara.

A Sciencia Social, que a principio era mal
conhecida no nosso meio, e erroneamente
como repositorio de observações de viagens,
por uns, e de ensino e pedagogia, por outros,
teve no prefacio das *Questões Economicas*

Nacionaes a primcira, a meu vêr, real e justa interpretação, pelo nosso mais ardoroso e competente pregador das bôas ídeias.

Foi em 1904.

N'outro prefacio, para um livro de Hermeto Lima, elle alludiu e occupou-se tambem, com carinho, da escola.

Foi publicado em artigo de jornal sob o titulo *Versos, versos... mais versos...*, na mesma epocha.

Mas em 1900 (Fevereiro), em carta a mim dirigida, quando eu presidia o Centro Commercial do Rio de Janeiro. Sylvio, a proposito da representação das carreiras usuaes, transmittia-me as suas primeiras impressões da escola, de que folheara uns numeros da revista que o grupo de Demoulin redigia e ainda mantem em Paris; em seguida, na Camara dos Deputados, no discurso de 13 de Dezembro do mesmo anno, sobre sellos em contas assinadas, e, por ultimo, permanentemente, com a fé d'um apostolo e a coragem d'um pioneiro, em tudo, por toda a parte, e quasi que a proposito de tudo...

O laþor mais acendrado, movido pela alavanca do patriotismo; a serenidade do proselytista, coada atravez da convicção a mais arraigada; o arranco do espirito que tem pressa de se dar, de se vêr assimilado; a ancia de ser util ao Brasil, escoimada de vaidades; eis as molas que o impelliram para a frente...

Sigamol-o na formidavel preparação para difundir a Sciencia Social; e, sobretudo, admiremos o grande fundo de probidade d'esse gentilissimo espirito, n'esta carta:

«Arthur — Recebi as suas de 25 e 26. Recebi

Anselmo, Demoulins, revistas e folhetos. Tudo. Muito agradeço. Para penetrar na doutrina da Sciencia Social, tive que lér os dois enormes volumes de Vignes, quatro de Demoulins, um de Préville e outro, extraordinario, de Henri Tourville. Ora bem: Vignes dá a doutrina geral, Demoulins applica-a aos antigos povos da Asia e Europa e mais peculiarmente aos franceses e inglezes de hoje. Préville applica-a admiravelmente aos africanos. Agora é que eu sei o que são negros.—Tinha apenas o presentimento.

Agora vi tudo. Ora, como os negros entram em larga escala como factor na nossa formação, estou apparelhado por este lado.

Mas a Sciencia Social não estudou ainda os nossos indios, nem os *portuguezes* ('), que tambem são factores; tive que lér um volume inteiro de Lisboa sobre indios, para vêr os factos e applicar-lhes a nova interpretação doutrinaria. Li um inteiro de Herculano, que trata de economia portugueza (o 7.º dos *Opusculos*), e Tourville; mas não basta. Por isso pedi-lhe o Anselmo de Andrade. De Lisboa, Herculano e Anselmo quero apenas os factos. A doutrina dou eu.

Conhecidos a fundo os factores e a doutrina, applico tudo ao *brasileiro de hoje*. Por ora só tenho leituras enormes e notas; pois tenho lido outros muitos, como Varnhagen, o bom Lucio d'Azevedo, etc. Do namorado, *Sylvio Roméo*.

(¹) Posteriormente Leão Poinsard foi a Portugal e escreveu *Le Portugal Inconnu*.

Ed. Demoulins, a quem o Mestre incumbira-me de escrever, não só assignando a *Revista*, como solicitando informações, ácerca da escola, respondera-me gentilissimamente, convidando-nos a formar grupo no Rio de Janeiro, e remettendo-nos para o já formado em São Paulo, que, ainda n'isso, nos levava primazia...

Formado o grupo, sob a chefia de Sylvio, por minha indicação (dada, é claro, pelo simples facto de ter sido eu quem escreveu para lá), saiu pouco depois o livro *Questões economicas nacionaes*, com o prefacio, e Ed. Demoulins, como já tive ensejo de dizer, nas paginas do *Boletim de La Science Sociale*, dedicou-lhe desenvolvida noticia.

O de que Sylvio não gostou, foi da recomendação de nos entendermos com o nucleo paulista, não por vaidade, mas pelo justo motivo de não constar ter em vista o dito nucleo o mesmo objectivo que nós, embora composto de pessoas idoneas e importantes.

Foi surpreza, que d'elle só tiveraímos conhecimento após a assignatura da revista.

Escrevi, no entanto, ao chefe de São Paulo, para trocar ideias, tomado informações sobre o valor real da *Ecole des Roches*, visto constar-me lá ter elle, o distinto Dr. Silveira Cintra, dous filhos, e eu pretender mandar os meus para lá; respondeu de modo satisfactorio e completo, e Sylvio apreciou a resposta, modificando a primeira impressão.

Realmente, ainda se não tinha na terra dos bandeirantes, ao que nos conste, fallado ao publico no *systema*, na *doutrina*, na *escola*; e aqui, de Demoulins, apenas se citára o *A quoi*

tient la superiorité des anglo-saxons, como d'um livro de viagens e sem se ferir seu lado doutrinario.

Do *Education Nouvelle*, fallou-se, sim, mas como de *ensino e pedagogia*, e pouco mais se escreveu a respeito, sem querer vêr nunca a parte de doutrina da obra.

São Paulo, ainda São Paulo, convidara pelo grupo de lá, no anno atrazado (1913), a Scien-
cia Social a enviar um de seus membros ao Brasil, no intuito de fazer conferencias, estu-
dar o meio, e, *noblesse oblige*, lembrou-se de officialmente solicitar a Sylvio Roméro que re-
cebesse o conferencista e abrisse a sessão.

Infelizmente, o estado de saude do Mestre fel-o declinar da insigne honra, e tambem de um convite para ir a Paris. (¹)

O escriptor enviado pela Scien-
cia Social, fez duas ou tres excellentes conferencias, que li no *Estado de São Paulo*, batendo palmas á iniciativa paulista.

Mas, Sylvio, autonomo no seu pensamento, nem tudo acceitava de *cabeça baixa*, como dia-
zia, da Escola. A questão dos *caminhos dos povos*, por exemplo.

Estava com Ammon, Lapouge, era pelas raças.

De Le Play sahiram, como se sabe, duas es-
colas: a da *Reforma Social*, e a da *Scien-
cia Social*.

(¹) O primeiro convite foi feito por V. de Faria, A. Severo e outros. O segundo, pelo Dr. Bettencourt Rodrigues. Este versava sobre um curso de *ethnographia* brasileira na Faculdade de Letras, de Paris.

Da primeira, os principaes membros foram: Delaire (o chefe), R. Cheysson Maroussen, Luiz Guibert, de Ribbe, Fagnier, Batcave, etc.

Da nossa são: Ed. Demoulins, H. de Tourville, Préville, R. Pinot, Rousiers, Bureau, Babelon, Champanet, Mustier, Azambuja, etc.

Em ambas existem monarchistas e catholicos; mas são, e aqui explicava o mestre, essas duas cousas qualidades secundarias para a *questão social*, para a *sciencia social* e para a *reforma social*.

Varios dos modernos monarchistas franceses citam Le Play, porque este pensador os ajuda; mas (é ainda Sylvio quem explica), esses monarchistas ferventes, que constituem um partido politico, não constituem uma terceira escola, sahida de Le Play.

Haviam-me informado que Bourget e outros espiritos conservadores monarchistas citavam Le Play; d'ahi a consulta e a resposta doutrinaria do mestre, que estava em Minas e de lá m'a enviou.

Elle, lá na Campanha, proseguia nos seus estudos especiaes e eram aniosamente recebidas por mim as cartas em que me punha ao corrente dos resultados a que ia chegando.

No dia 13 de Abril de 1904, dizia:

«Acabei o sublime Anselmo de Andrade. E' estupendo. Elle, Demoulins, Le Bon, muito me teem deliciado. Estou lendo tambem, como termo comparativo, por ser povo do Continente, o livro de Rousiers sobre os americanos. O Vignes, li para as theorias geraes, o Demoulins para applicações ao Velho Mundo, a Inglaterra, França, Italia, Allemanha, Oriente e Occidente velho e novo, o Préville para a

Africa e, como não existam trabalhos da escola sobre Brasil e Portugal (¹), li o Anselmo para este paiz, e varios nossos sobre o Brasil, tanto indigena como moderno. Por estes dias, acabado o Rousiers, começarei o meu quadro geral do Brasil durante todo o seu viver e particularmente hoje».

A 14: «Hontem, tendo acabado todas as leituras de preparo para o meu amplo quadro do Brasil durante os quatro seculos de sua existencia, maxime o ultimo, submetti a uma leitura rigorosa e de conjunto os originaes do seu livro e fiquei satisfeito. Vamos ser os primeiros a fallar não no Le Play, mas na sua bella escola de analyse social, sob a direcção de seus discípulos».

Em Março de 1904, portanto anteriormente, já n'aquelle seu tom pittoresco, terminava assim uma carta:

«Metti-me no inferno, isto é, a fazer um quadro do estado real, positivo, exacto, do Brasil, seu povo, sua cultura, sua vida social e politica, segundo os principios da escola de Le Play, e estou abarbado. Tive de lér quarenta e tantos livros, e estou abarrotado...»

Sobre o *Portugal Economico*, de Anselmo de Andrade, escreveu-me:

«Como retrato economico de um povo, não pôde haver nada melhor. Oxalá tivessemos um assim sobre o nosso desgraçado Brasil! Que livrão! Falta-lhe apenas a interpretação doutrinaria, pela escola da Sciencia Social. Como

(¹) Ainda não tinha sahido o estudo de Poinsard sobre Portugal.

repertorio de factos, é talvez superior a muitos da escola. Se tivesse a doutrina, era sem rival. Era um crime, se não o tivesse lido, tendo já estudado, á luz da doutrina, o *indio*, o *negro*, o *brasileiro actual*; faltava-me o *portuguez*. Tinha devorado o Herculano e o Gama Barros, mas não chegavam».

Passados dias:

«Li *La vie américaine — Ranches, fermes et usines*, de Rousiers, e vou ler Dom Antonio da Costa e Bazilio Telles, que completam e ajudam Herculano e Anselmo».

Depois:

«Estou lendo Bazilio Telles; é bom; serve-me; está de acordo com Anselmo, na indicação das *molestias*; diverge nos *remedios*». Foi, afinal, publicado o *Brasil Social*, uma parte, que o resto Deus não consentiu escrevesse, mas estava todo n'aquella poderosa cerebração.

Do *Brasil Social* saiu o resumo para o *Boletim da Scienzia Social*.

Agora, que deixamos o periodo de encarar o *leplaysmo* ou como repertorio de observações de viagens, ou como lições de pedagogia, é com magua que vemos desapparecer o seu verdadeiro applicador ao Brasil.

Sylvio gastára mais de douz mezes a lér, sete horas por dia, livros da escola da *Scienzia Social*, na cidade da Campanha.

Alegra-me vêr — e cito só a ultima, por ser de hontem — a referencia ás excellencias da *Educação Nova*, feita pelo illustrado Dr. Coelho Lisboa, no já alludido parecer á reforma do ensino entre nós.

Está-lhe filiado (já o declarou em *Mensagem*)

o actual presidente da Republica, que fundou em Itajubá, com seu parente Dr. Theodomiro Santiago, o Instituto Electro-technico.

Se lá se agir segundo o programma de Sylvio Roméro, o successo não se fará esperar.

Coelho Lisboa, consagrando indirectamente a obra do grande brasileiro, auctor do *Brasil Social*, disse :

«Promovamos agora a reconstrucçao e a hygiene do espirito publico, pela educação nova — filha da America do Norte (¹), iniciadora de seu progresso, adoptada pela Inglaterra e propagada em França por Edmond Demoulin».

E' o que é preciso fazer, mas, releve-se-me a insistencia, se desacompanhar as lições de Sylvio Roméro.

Convém, no entanto, addicionar aqui, como fecho, dous trechos de cartas do Mestre, uma de 1910 e outra de 1911.

A de 14 de Fevereiro de 1910, diz :

«Arthur querido. Li o Mahan, escriptor americano, sobre raça branca e seu futuro e perigos que corre, e gostei. Estou acabando o Lapouge, que é muito bom para as questões technicas na anthropologia. Elle e o Ammon são os fundadores da anthroposociologia, sciencia que reune a anthropologia á sociologia, une Broca a Spencer, como a escola de Le Play une a sociologia á ethnographia, une Spencer a Jubainville e outros. Como processo

(¹) Peço permissão para divergir. A America do Norte não creou; applicou, desenvolveu.

e methodo para estudar e classificar povos, a escola de Le Play é melhor. Leva-lhe vantagem a de Lapouge e Ammon¹, quando estabelece no fundo de tudo o elemento *raça*, que foi sempre a minha velha mania. Ha, porém, concordancia nas duas escolas quanto aos resultados: o *homo europœus* de Lapouge é o *particularista* de Le Play e consortes; e o *alpinus* e o *mediterraneus* de Lapouge são alli os *communarios* de Le Play. Hei de fazer sentir isto no prefacio que vou fazer para o seu livro. Do namorado, *Sylvio Roméro*».

«Caro Arthur. (7 de Setembro de 1911). — O escriptor a que você se refere, (¹) vê-se que não conhece nada da *Sciencia Social*, e é pena. Leu o livro de Poinsard sobre *Le Portugal Inconnu*, que lhe interessava, e de tudo transcreve o trecho em que o auctor ataca o movimento politico, antes do social, cousa, aliás, que está acontecendo no mundo todo: a marcha politica é mais accelerada, por ser manipulada por um grupo de espertos; a marcha social é lenta, por ser cousa pesada, levada a effeito pela massa nacional toda».



(¹) Ramalho Ortigão.

Cartas da Europa

Vale a pena destacar as cartas que, da Europa, onde foi rapidamente em tratamento de sua saude, bastante abalada, me dirigiu o auctor da *Philosophia do Direito*.

Não são rendilhadas, e justamente por isso é que se me afiguram interessantes: apresentam-no em toda a simplicidade e affectividade,

«Lisboa, 7 de Julho de 1900. Caro Arthur. Saude. Fiz boa viagem, e aqui cheguei no dia 4 do andante. Tive muita contrariedade em não vêr o panorama da entrada; porque o *La Plata* entrou á noite e tarde. Apezar da boa viagem, sinto-me enfraquecido com o abalo do mar e do Lazareto, d'onde sahimos depois de dois dias, apenas, é certo, porém massadores. Estou no *Franckfort-Hotel* e já me appareceu o José de Mello (¹), que tambem mandou visitar-me ao Lazareto. O Mello, no só dia que tenho passado em Lisboa, me tem feito tantas

(¹) José de Mello, director e proprietario da *Mala da Europa*, em Lisboa.

gentilezas, que não sei como retribuir. Não se pode resistir ao encanto do homem. Ainda não pude ir á empreza ⁽¹⁾ por elle dirigida, bem como não pude ainda consultar medico. Mais de espaço lhe darei minhas impressões de Lisboa, que são excellentes, apezar do meu descostume das cousas de cá. Diga-me como vae tudo por ahi. Recomende-me á Ex.^{ma} comadre, sua mãe, irmãos e amigos. De seu compadre e amigo, *Sylvio Roméro*».

«Joanne ⁽²⁾, 15 de Julho de 1900. Caro Arthur. Vi Lisboa, perdendo a entrada, pois que o vapor, como já lhe disse, entrou á noite ; vi o Porto, onde muito gostei de seu Tio Antonio ⁽³⁾ ; vi Villa Nova de Famalicão e Joanne ; já fui ás Caldas das Taipas e a Guimarães. No dia 20 seguirei para o Gerez. Não vou antes porque o Americo ⁽⁴⁾ tem de ir a Lisboa a despedir-se de uma familia que passa por alli no dia 18, creio. A descripção do que tenho visto, já não lh'a faço aqui, porque vou fazel-a para a *Mala da Europa*, a pedido do José de Mello. A elle entreguei o seu discurso, cujas ultimas provas acabo agora mesmo de vêr, aqui em Joanne, e vão seguir para Lisboa por mão do Americo, que está a partir. Achei melhor dividir a tarefa ; dar o discurso ao Mello,

(¹) *A Editora*.

(²) Aldeia do Minho.

(³) Antonio Ferreira da Costá Guimarães, director da companhia de seguros A *Urbana Portugueza* e secretario da *Associação dos Proprietários do Porto*.

(⁴) Americo Guimarães, meu irmão, seu ciceroni em Portugal.

por ser trabalho seu, e o relatorio a seu tio, por ser causa do Centro Commercial. Que ha de novo por ahi? Sahiu o livro de discursos de Tobias? Sahiu o *Livro do Centenario*? Peço-lhe que vá ao Garnier e indague como vae meu livro, que mandei para Paris; se houver provas, emende-as, por obsequio. Se houver dinheiro, receba. Peço-lhe que mande entregar todos os mezes a minha mãe (¹), em Lagarto, Sergipe, a mesada do costume. Lembranças a todos. *Sylvio Roméro*».

«Caldas do Gerez, 22 de Julho de 1900. Caro Arthur. Saude. Já recebi duas cartas suas, e fiquei muito alegre. Esta é a terceira que lhe escrevo. Tenho gostado muito de Portugal. Lisboa, Porto, Famalicão, Guimarães, Povoa de Lanhoso, Gerez, logares unicos vistos até agora, muito me teem agradado. Prometti ao Mello fazer uma descripção de tudo, e você então verá. Tenho gasto pouco: pouco no vapor, pouco no Lazareto, nada em Joanne, pouco em Lisboa, pouco aqui. Tenho de ficar por este logar até 13 de Agosto proximo. Gastei treze dias na viagem de mar; dois no Lazareto, sete em Lisboa, seis em Joanne, e estou aqui ha tres. Com a economia no aluguel da casa, e da estada da familia na Fazenda (²), e recebendo um pouco mais na Camara, pretendo ir a Pariz. Você calcule ahi quanto me chegará para isto, e mande-me

(¹) D. Maria Vasconcellos da Silveira.

(²) Fazenda de *Sant'Anna*, no Estado do Rio, municipio de Parahyba do Sul, distrito de Mont-Serrat.

ordem para receber aqui. Responda com urgencia. A obra a imprimir nos Lellos ⁽¹⁾, nem sequer começou ainda. O mesmo a que está em Pariz ⁽²⁾, d'onde, com surpresa minha, recebi carta do Garnier, já sabendo da minha estada aqui. Devo, sahindo do Gerez em tres de Agosto, e ficando em Joanne dez dias, o que me leva a 23 do dito mez, seguir para Porto e Lisboa, partindo em principios de Setembro para Paris. Pretendo ir com o Americo. Diga-me o que ha por ahi. Sahiu o livro do Tobias? Que novidades ha, politicas e litterarias? Peço-lhe para me mandar algum jornal, a *Gazeta de Noticias*, por exemplo. Saudades a todos. Adeus. Do seu amigo velho e dedicado, *Sylvio Roméro*».

Caldas do Gerez, 27 de Julho de 1900. Caro Arthur. Você deve escrever-me todas as semanas, por todos os vapores, tal como faz com a *Malla* e o *Mello*. Por cá ando já ha oito dias, como lhe disse. Esta é a terceira que lhe escrevo, com pessima penna e misera tinta; por isso sahe tudo assim sujo. Por hoje não tenho novidades a contar, senão que seu tio andou doente, e está nas Caldas de Vizella, e eu ando com saudades suas. Recommend-e-me muito a sua familia e amigos. Adeus. De seu compadre e amigo grato, *Sylvio Roméro*».

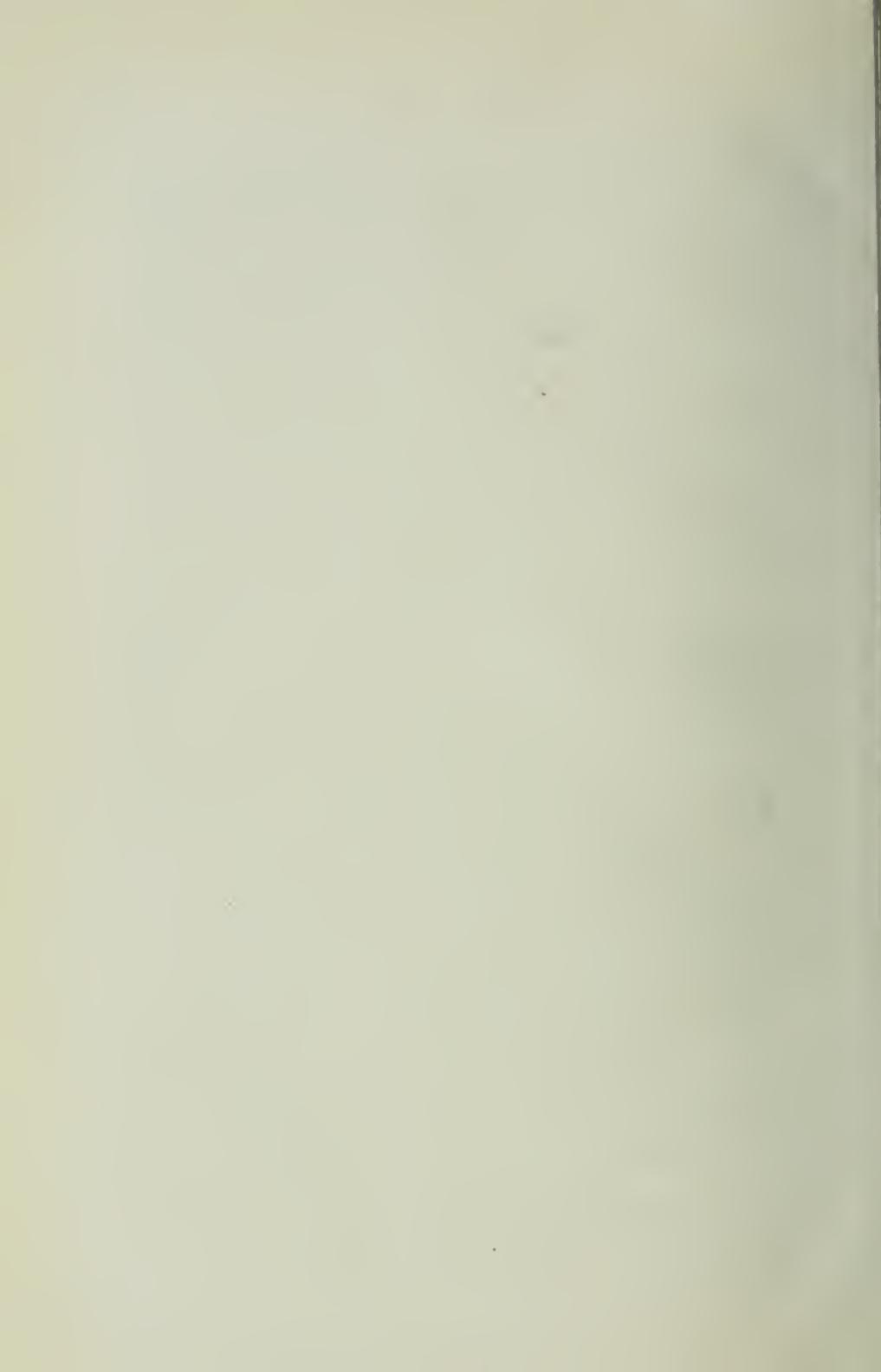
«Caldas do Gerez, 1.^o de Agosto de 1900. Caro Arthur. Decididamente fui caipóra: Encontrei na Europa o mais terrivel verão d'este

⁽¹⁾ Livraria Chardron, no Porto.

⁽²⁾ No Garnier, em cuja casa de residencia, em Paris, foi-lhe offerecido uni almoço.



A centenaria Antonia, ainda viva, que foi mucama de Sylvio Roméro
(*Alpheu Roméro, amador*).



seculo! Os jornaes veem cheios de noticias aterradoras de todo o hemispherio do Norte. Na França, Hespanha, Portugal, Allemanha, Inglaterra, são numerosos os casos de insolacão. Mando-lhe uns pedacinhos de jornaes, por onde você verá. A temperatura tem chegado, em alguns pontos, a 45º á sombra e mais!!... Aqui, no Gerez, tem feito muito calor, e, de repente, fortes nortadas que mudam por encanto a temperatura.

Por isso, já fui á cama duas vezes com febre, constipado. Já estou com vinte dias d'aguas, e irei aos vinte e cinco por conselho do medico. Devo sahir do Gerez, por Braga, no dia 14, se Deus quizer.

Hoje me levantei da segunda constipação, e estou muito enfraquecido; por isso, peço-lhe que envie esta a minha senhora, devendo tambem servir para ella. Do mais tenho passado bem; o baço e o figado desappareceram por tal forma, que, ao apalpar, se não sentem.

Pretendo ir tomar uns doze ou quinze dias de aguas em Vidago, para o estomago, e depois voltarei por Paris a Lisboa, seguindo para o Brasil. Peço-lhe que me escreva, dando detalhadas noticias de tudo ahi. Recebi o volume dos *Discursos*, de Tobias, e enviei-o ao Joaquim Nabuco, em Londres.

O Bernardino Machado (¹) ainda está em Zurich. Peço-lhe que dé lembranças minhas a minha comadre e a todos da familia. Ainda não recebi resposta das primeiras cartas que

(¹) Meu primo, então lente na Universidade de Coimbra e politico prestigioso.

escrevi para o Brasil. Devem-se contar, entre idas e voltas, uns quarenta dias!

Já em outras cartas lhe fallei do Americo, do Antonio, do barão de Joanne ⁽¹⁾, e nada mais tenho a dizer senão que vão bem de saude e sempre amaveis. O Americo trouxe-me aqui ao Gerez; viemos por Caldas das Taipas e Povoa de Lanhoso, sem passar em Braga.

Que disseram ahi os criticos dos *Discursos* de Tobias? Como vae o Congresso? Que fizeram do meu projecto sobre as contas commerciaes? Como vae a peste bubonica? Agora, quando me escrever, deve ser para Joanne. Acceite um abraço do amigo grato, *Sylvio Roméro*.

«Porto, 22 de Agosto de 1900. Caro Arthur. Saude. Devo ter carta sua em Joanne, que deve ser hoje devolvida para aqui pelo Americo. Tenho que recolher-me por uns dias ao Porto, onde cheguei hontem (21), de manhã, porque, desde o Gerez, voltou-me a maldita febre intermitente, que desde Paquetá, Cambuquira e Rio não me tinha dado mais, e até me suppunha livre d'ella e curado. A principio, no Gerez, supuz ser consipaçao; isto durante dois accessos. No terceiro, porém, bem conheci a *bicha*, que andava incubada. Em Joanne tive o quarto e não tive mais duvida, parti para o Porto a consultar o Dr. Caldas ⁽²⁾, que me receitou e aconselhou a ficar aqui uns dias, e depois seguir para o Bom-Jesus de Braga.

(1) Meu primo, já fallecido, irmão de Bernardino Machado.

(2) Dr. Pereira Caldas, medico muito procurado pela colonia brasileira no Porto, e hoje fallecido.

Comtudo, tomei vinte e um dias de aguas no Gerez, que me fizeram bem ao fígado e baço. Falta agora debellar a infame palustre, auctora de tantas lastimas. Está prompto o livro sobre *Martins Penna*, e quasi prompto o que tenho em Paris. Logo que tenha exemplares, lhe mandarei. Mande-me algum dinheiro, com que possa ir a Madrid e a Paris. Mande dizer ao Mello que me dê um exemplar do seu *Discurso*, pois quero vêr como saiu, se é que já saiu.

O Santos (¹), que me diga o que achou dos *Discursos de Tobias*. Dê-lhe lembranças e a todos os amigos. Lembranças á comadre, e tome um abraço do velho, *Sylvio Roméro*.

•Porto, 3 de Setembro de 1900. Caro Arthur. Recebi a sua carta de 12 do proximo passado. Hoje, são tres de Setembro. Amanhã tenho que ir com o Americo para a aldeia, e de lá para as Pedras-Salgadas, a conselho do Dr. Caídas. O Gerez não me pôde curar, por causa da intermitente. Fiquei aqui desde 21 do proximo passado, até hoje, a tomar medicamentos, para debellar a febre. Depois das Pedras, irei a Paris e voltarei ao Brasil. Escrevo-lhe ás carreiras do *Porto-Club*. (²) Americo esteve aqui hoje, e volta agora mesmo para a aldeia. Amanhã vem buscar-me. Do todo seu, *Sylvio Roméro*.

•Porto, 4 de Setembro de 1900. Caro Ar-

(¹) Antonio Martins dos Santos, meu socio então, que lhe mereceu grandes attenções, por sua intelligencia e qualidades moraes.

(²) Restaurante afamado no Porto.

thur. Escrevi-lhe hontem ás pressas, e venho agora ser mais explicito. São sete horas da manhã e estou á espera do Americo, que me vem buscar para seguirmos para as Pedras-Salgadas, via Guimarães. A razão de tal viagem, é que o Gerez não me poude debellar os meus males, por ter eu a febre palustre incubada. Aqui estive, a tratar-me d'ella, no Porto e agora o Dr. Caldas me envia para as Pedras, para que eu não volte para o Brasil quasi na mesma, tendo feito tão longa viagem. Hoje, vou para o Americo para Joanne e amanhã seguiremos viagem com o José (¹) Na volta das Pedras irei a Paris oito dias. Recebi os jornaes, e agradeço-lhe tudo. Peço-lhe que dê muitas lembranças á comadre e amigos. Um segredo, para nós: parece-me que o Americo casa aqui, na aldeia. Ele mesmo já me disse que pretende fazel-o. Então?) (²) Do amigo velho, *Sylvio Roméro*.

«Pedras-Salgadas, 12 de Setembro de 1900. Joven e caro Arthur. Saude. Aqui cheguei com o Americo e o José a 6 do andante. O Americo voltou; nem ficou no Gerez, quando já estive, nem quiz ficar aqui, nem quer ir a Paris. Está preso na aldeia. Já tenho a passagem para voltar para o Rio, a 22 de Outubro. Pretendo sahir d'aqui das Pedras a 22 do corrente, depois de dezaseis dias de aguas. A febre intermitente que, como sabe, me repetiu no

(¹) Meu primo, Dr. José Gomes Ferreira da Costa, então estudante de medicina, em Coimbra, hoje conceituado medico no Porto.

(²) Casou-se, efectivamente, na aldeia.

Gerez, na aldeia e no Porto, não me tem repetido aqui, por em quanto. Vamos a vêr se me deixará em paz.

Diga ao Santos (¹) que passei perto de Friume, e já tenho tido tentações de andar em gericos. Tenho-me lembrado d'elle a miudo, aqui, por Traz-os-Montes. Os meus livros de Paris e do Porto, estão promptos, e devem estar ahi nos principios de Outubro. Que tal achou o formato, papel, typo do seu *Discurso*? Tudo está muito bom, a meu vêr. Peço-lhe que me recomende a todos. Nada até hoje do Bernardino Machado. Anda ainda na Suissa, com a familia. Vi o artiguinho do *Jornal do Commercio*; está bom, e agradeço-lhe a remessa. Muito gostarei que o astro, sua gentilissima cunhada, solteira, continue ahi a encantá-los com o bandolim, que toca na perfeição. E haverá cousa mais divina na humanidade do que a beleza feminina, toda bondade e graça, a serviço da arte? Do velho, *Sylvio Roméro*.

Pedras-Salgadas, 14 de Setembro de 1900.
Garo Arthur. Estou como a minha Clarinda (²), que tem continuado a ter febre, ahi na Fazenda!!! Pois não é que hontem (¹³), tive um accesso da *bicha*!!! Estou damnado. Attribuo a repetição da febre no Gerez a um riacho imundo que alli ha, e aqui a um outro de nome Aveilames, que é a cousa mais porca em agua que pode haver. E' pena que tão

(¹) O já referido amigo, nascido em Friume.

(²) Sua filha do primeiro matrimonio, também impaludada no Camorim, na Barra da Tijuca.

bellos climas sejam assim desnaturalados pela porcaria. Vou partir para Vidago, onde não ha rio, ao que me dizem. Não me dou em logares onde ha aguas estagnadas.

Cahi hontem, depois do almoço, e tive febre toda a noite; mas já arrochei tres capsulas de bromydrato de quinina. Estou atordoados. Escrevo pela manhã, e já estou de carro á porta para Vidago, que é pertinho. Mande esta á Mocinha ⁽¹⁾, e vejam todos o que ganhei na tal Barra da Tijuca. Do amigo velho, *Sylvio Roméro*.

«Joanne, 21 de Setembro de 1900. Caro Arthur. De 20 de Junho a 4 de Julho — viagem no mar: de 4 a 6 de Julho — Lazareto; de 6 a 11 de Julho — Lisboa: de 12 de Julho á noite a 19 do mesmo; — Montilhão ⁽²⁾; de 19 á noite a 15 de Agosto — Gerez; de 15 de Agosto a 21 do mesmo — Joanne; de 21 de Agosto a 5 de Setembro — Porto, onde estive a curar as febres que me voltaram no Gerez; de 6 a 20 de Setembro — Pedras-Salgadas. Eis-me, de novo, aqui em Joanne, onde cheguei hontem mesmo (20), ás dez da noite, em companhia de José, e, desde a Régoa, do Americo. Amanhã (sabbado, 22), devo partir para o Porto, para tomar no domingo (23), o trem para Paris, onde ficarei dez dias, voltando a modo de passando por Madrid, que

⁽¹⁾ Sua digna esposa, D. Maria Petronilha Bartolo Roméro.

⁽²⁾ Solar de meus avós paternos, na aldeia de Joanne, no Minho, já referida, situada entre Famalicão e Guimarães.

pretendo visitar, e Coimbra, poder chegar a 20 de Outubro a Lisboa, e devendo tomar o paquete para o Brasil a 22 do mesmo Outubro. Devo ahi estar em principios de Novembro. A necessidade de demorar-me no Porto, doente, e de ter de fazer uma estação d'aguas nas Pedras, tendo já feito uma no Gerez, protrahiu minha volta ao Brasil. Lembranças a todos. Do namorado, *Sylvio Roméro*.

«Paris. 28 de Setembro de 1900. Joven e delicioso Arthur. Saude! Cheguei aqui, a Paris, no dia 25 do corrente, ás 9 horas da noite.

Fiquei deslumbrado logo á primeira vista da cidade!... Já passei aqui 26, 27 e agora 28, sempre cada vez admirado mais. A exposição é feérica, a cidade deslumbrante.

Afinal, aqui encontrei o Bernardino Machado, que chegou da Suissa e já partiu para Famalicão. Gostei muito d'elle, como antes já tinha gostado do harão e do Antonio, seu tio.

Escrevo-lhe esta da casa da rua de Montholon n.º 26, do Gonçalo de Castro. (¹) Eu estou á rua de Chabrol n.º 53, Hotel America.

Acabo de receber sua carta de 11 d'este e agradeço. Devo sahir d'aqui, por Madrid, a 14 ou 15 de Outubro e devo embarcar em Lisboa a 22, como já lhe disse. O Americo foi quem me arranjou o dinheiro para a viagem. Logo chegue o cheque d'ahi, pagarei com elle ao Americo. Não ha no mundo rapaz melhor do que elle; é perola. Não quiz vir a

(¹) Meu tio, de passeio em Paris, e pessoa da maior veneração, d'elle e minha.

Paris. Ninguem o arranca da aldeia. Digo-lhe ao ouvido: é o namoro, cale sua bocca...

Só no Rio lhe darei *Martins Penna* e *Ensaios de Sociologia e Litteratura*. Gostei muito de saber da saída do *Livro do Centenario. Lembranças a todos*. Do velho, *Sylvio Roméro*.

«Paris, 5 de Outubro de 1900. Caro Arthur. Saude. Escrevo-lhe esta de casa do nosso excellente Gonçalo de Castro. Aqui estou desde o dia 25 de Setembro á noite. Tenho andado deslumbrado com a immensa e maravilhosa cidade. Como o tempo já começa a esfriar, pretendo seguir ámanhã d'aqui para Lisboa, passando por Madrid. A febre não me tem voltado, felizmente, até agora; mas já pilhei um resfriamento. Dé muitas lembranças a todos os seus e a todos os nossos amigos. Do amigo velho, *Sylvio Roméro*».

«Lisboa, 23 de Outubro de 1900. Caro Arthur. Saude. Vieram novos accessos de febre e, chamando eu o Dr. Mora, para medicar-me, elle disse que eu não poderia embarcar no dia 22, e, por isso, deixei de seguir. Partirei no vapor francez seguinte. Vou mandar dizer á Mocinha que não embarquei porque não encontrei mais iogar a bordo, visto estarem tomados todos os logares em Bordéos. E' para não alarmar. Peço-lhe que desculpe as cousas com todo o fino e geito. Lembranças a todos os nossos amigos. Do amigo muito grato, *Sylvio Roméro*».

«Recife, 17 de Novembro de 1900. Caro Arthur. Acabo de chegar aqui ao Recife, e como vim muito enjoado da viagem e muito cansado, resolvi saltar aqui para descansar.

quatro ou cinco dias e seguir no vapor alemão ou nacional. Peço-lhe que me mande por telegramma dar aqui o sufficiente para pagar a passagem até ao Rio. Como ainda tive febre em Lisboa, antes da partida, a viagem me aborreceu e por isso é que fiquei em descanso. Escrevo esta ás pressas. Mande levar á Mocinha. Do amigo velho, *Sylvio Roméro*.

Aqui termina a correspondencia da Europa — quatro mezes, inclusivé as viagens de ida e volta, e a impressão que se recolhe d'ellas, é a d'um estado d'alma inquieto do auctor.

Nenhuma mirada para o ideal, para a paisagem, para a observação de costumes e povos; ausencia de imagens e notas litterarias.

Porque esse feitio secco e chronologico de relatorios dado ás cartas d'esse homem alegre, expansivo, exhuberante?

Trabalhavam-lhe o espirito causas deprimentes que, por momentos, o despersonalizavam.

Eram varias: 1.^a, a molestia; 2.^a, appreensões com um desequilibrio nervoso apparecido em seu filho mais velho, do primeiro matrimonio, que tomou vulto na ausencia e, na occasião, foi preciso occultar-lhe; 3.^a, a deslocação do meio; 4.^a, a mais predominante, saudades da familia e dos amigos.

Era um grande affectivo.

As impressões da viagem, que me não transmittira por ter-se compromettido a dal-as á *Mala da Europa*, apenas as esboçou em três artigos e não proseguiu n'ellas, mau grado reiteradas solicitações vindas de Portugal.

Os dois artigos tinham agradado immensamente.

Mas o philosopho, o sociologo, o litterato, teimavam em não querer ser o *touriste*.

Que pena!

Alegra-me constatar que a viagem, a despeito da demora em deixal-o a febre, deu-lhe quinze annos mais de vida...

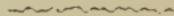
Refez-lhe as forças.

Ainda sobre as impressões da viagem, Sylvio, acossado por mim e outros para proseguir nos artigos, respondia-me:

— Vou escrever, sim, sobre Famalicão, Joapne, Guimarães, Gerez, Braga, Pedras-Salgadas, Bouro, Villa Real, etc.. com o auxilio do Americo. Até breve.

Sobrevieram doenças em familia, preocupações outras, e as *Impressões* não prosseguiram.

Repto: que pena!





Sylvio Roméro aos 45 annos de edade



VII

Alguns trechos de cartas e cartas de varias epochas sobre varios assumptos

A labuta das ideias, incessante, aspera, intensa, porque, pobre, não podia ter bem estar, mudando de casa constantemente, levou-o ao interior algumas vezes, com o duplo objectivo de, economisando, fortalecer-se e aos seus: e., na calma do campo, sem interrupções, produzir, trabalhar nas suas obras de folego.

Na Campanha, 1904, fins, e começos de 1905, cerca de um anno, deu forte impulso ao terceiro volume da *Historia da Litteratura Brasileira*, e concebeu e realizou o quadro do *Brasil Social*.

O curioso é que, escrevendo, escrevendo, verificou que cumpria separar esse quadro da *Historia*, por ser um Estado no Estado, o que fez, não obstante o proposito de, affeçoando-o, inclui-lo tambem n'aquella obra.

Ficou o quadro, incompleto, e não concluiu, infelizmente, o terceiro volume da *Historia*, com quanto muito adiantado.

D'esta sua estadia na Campanha são as

cartas sobre a Escola da *Sciencia Social*, que dou no capítulo v.

Em São José d'El-Rey, Tiradentes, tambem em Minas fez outra estadia, menor, de mezes; e em Juiz de Fóra uma terceira, tão grande quanto a da Campanha.

Foi a Vassouras, só, já bem doente; a Mendes, a Therezopolis, tambem só.

Não podendo supportar o calor, devido ás molestias, quando não ia para fóra, contentava-se em deslocar-se para Paineiras, Alto da Bôa-Vista, na Tijuca, Paquetá e Icarahy, em Nictheroy, onde, afinal, veiu a morar.

Quando foi forçado a seguir para a Europa, havia estado na Barra da Tijuca, Camorim, onde contrahira o impaludismo, tentando antes curar-se em Paquetá e depois em Cambuquira, como se vê das suas cartas da Europa.

Aqui, estando no exercicio de suas cadeiras de professor, ou frequentando a Camara, vinha á cidade e visitava-me, como já tive ensejo de assignalar, pelo que pouco escrevia cartas, ou, antes, só as fazia para dar incumbencias ou ralhar-me por não pedir notícias.

Comprehende-se que os intervallos em que não nos viamos, permanecendo elle no Rio, eram pequenos e não exigiam correspondencia, maxime pelo contacto quasi diario com os filhos e parentes, que me traziam recados.

Veja-se, porém, o carinho do amigo, n'estes trechos de varias cartas:

«Arthur querido. Já conheci que V. não me tem amisade, tanto que só me escreve quando tem cartas minhas a responder. Se não, não».

«25-1-1909. — Delicioso Arthur. Misericordia! Estou alarmado! E' impossivel! Pois

escrevi-lhe no dia 22, hoje é 25 e nada e nada! Que é isto? Que ha?»

«24-2-1901. — Caro Arthur. Peço-lhe que me não deixe de escrever sempre, pois as suas cartas são a unica alegria que me visita n'estes sertões».

«5-3-1909. — Querido Arthur. Muita pena tive que a maldita vida commercial, para a qual V. não nasceu, o tenha por tal fórmia agarrado que lhe tira, muitas vezes, o ensejo de dar largas aos bellos impulsos de seu coração. Oh! a mercancia! maldita carreira, que botou a perder nações inteiras — Carthago, Phenicia, Veneza, etc., etc.!!... Porque não me escreve?»

«25-6-1904. Arthur. Desfaço-me em tristeza, quando vejo chegar o trem, trazer *Gazetas* e não trazer cartas suas».

«Juiz de Fóra, 15-12-1911. Arthur. Que é isto? Em que mundo andamos nós? Como é que se deixa um amigo velho ás moscas, sem carta, por mais de quinze dias?»

«Arthur. A tristeza invade-me a alma: não tenho cartas suas. Nada me diz, se recebeu ou não o meu artigo doutrinario sobre os cargos publicos».

«Arthur. Muito tenho sentido o abandono em que V. me tem deixado. Não me tem escrito ha dez dias!»

«Arthursinho. Recebi as suas de 15, 16 e 18. Encheram-me de alegria. Como já lhe disse, estou ficando *maricas* e sentimental. As cartas me fazem bem. Esta de agora é carta de amor».

«Carissimo e terno Arthur. Saudz. Tenho recebido suas cartas, que todas teem servido

para me consolar um pouquinho da sua ausencia».

«6-5-1911. Arthur. Tenho tido muita pena da ausencia de suas cartas e mesmo por terem sido as ultimas muito seccas».

«7-6-911 — Querido Arthur. Saude. Estou pelos cabellos: segunda, terça e quarta-feira sem carta sua!»

«29-4-1912 — Arthur. Depois de dez dias de silencio, tive o prazer de carta sua; já andava triste. A illusão é um grande factor na vida humana: social e individual. Por isso, dê-me, ao menos, a illusão de que me estima....»

«23-4-912. (¹) — Arthur. Saude. Você veiu fazer saudades....»

Já são muitas, e bastam estas transcripções para documentar a profunda sensibilidade, a amorabilidade de Sylvio.

A minha pessoa nada vale aqui, o que vale é o auctor das cartas.

Que thesouro, aquelle coração!

O estribilho d'essas cartas saudosas, meigas, tinha um companheiro, igualmente tocante: «Não se esqueça da mezada de minha mãe».

* * *

Mas deixemos este aspecto de sua personalidade affectiva, interessantíssimo, por certo, que se desdobrava com igual intensidade perante os irmãos e filhos e os seus *evangelistas*

(¹) Dois dias depois de seu anniversario, a que fui assistir.

já citados, para copiar cartas do Mestre sobre politica, sociologia, critica, economia.

«Campanha, 29 de Agosto de 1904 ... Na nossa polemica, quero que você se lembre da lição da *Sciencia Social*, quer na ramificação de Spencer, quer na de Le Play. Olhe a *relação exacta entre governo e povo*.

O povo é o que é, o que elle vale, o que d'elle fez a *raça*, o *meio*, a *historia*, o *ambiente do seculo*, a *pressão estrangeira*...

A *forma de governo* não é que o faz; seria o mesmo que dizer que o *padrão da roupa* e o *corte do cabello* é que fazem o individuo, sua natureza moral, seu caracter. Os governos, mesmo entre os povos antigos, mais faceis de dirigir, foram creações originaes, portanto diversas e multiplas, do genio d'esses antigos povos.

N'esse tempo, é claro, o governo era já uma resultante do caracter d'essas gentes; o que não impedia que, mesmo então, a *fórmula variasse de povo a povo* e, o que é mais *no mesmo povo, de tempos a tempos*. *Variava de povo a povo, o que era inevitável, e prova que nunca existiu uma fórmula typica obrigatoria para todos, e, repito, no mesmo povo, conforme o impulso das épocas, o que prova ainda a inexistencia de uma fórmula eterna, imutável.*

Os exemplos são tantos, quantos os povos que teem existido. Os romanos, basta fallar n'estes, tiveram a *realeza*, a qual variou quasi que de rei a rei; a *republica*, que variou ainda mais; o *imperio* que foi de mudança em mudança, até morrer.

Variavel e secundaria, como é, a fórmula.

admitto até certo ponto que não sendo *essencial*, não seja *indifferent*; é *relativa, relativa ao caracter do povo*, e, pois, *subordinada a esse mesmo caracter, dependente d'ella*. Admitto, pois, que a forma *A* se adapte melhor ao genio do povo *B*, a forma *C* melhor ao caracter do povo *D*. Mas tal adaptação, *melhor ou peór*, veja bem, não vai ao ponto de inverter os papeis: *fazer da forma o principal e do genio do povo o accessorio*. Eis a questão em esqueleto.

A melhor ou peór adaptação é sempre no sentido secundario de não se meter na economia do povo, além de outros males, se os tem, mais um mal novo, proveniente da inadaptação de uma forma ainda não experimentada e superior, ás vezes, á capacidade prática do povo. Só isto. Se o povo é forte, bom, sadio, energico para a vida, um governo, *conforme ao seu genio*, não o fará outro; deixal-o-ha seguir o seu caminho normal. Se lhe applicarem um governo em desacordo com o seu caracter não terá, eis a cousa, tal governo forças para o desviar de seu andar seguro e regular.

Povo bom, isto é, creador, inventivo, progressivo, é sempre bom, tenha bom ou mau governo. Nem até se comprehende que grandes e validas nações tenham maus governos.

Isto se dá com os povos inorganicos, como o Brasil, porque o governo é sempre uma *synthese do estado social do povo*; o governo *cahe da nação*; é uma *funcção da vida popular*; é um *expoente d'ella*. Não cahe do céo por descuido, nem brota do chão.

Tudo isto é em referencia, dizia, aos pro-

prios povos antigos, antes da formação das doutrinas a respeito de governo e suas fórmulas.

Com a formação dos povos modernos, resultado da enorme elaboração de elementos contraditorios da edade media, e, especialmente, com o advento das nações americanas, ainda mais complicadas, o caracter secundario das fórmulas de governo ficou, se é possivel, mais evidente.

E' preciso não perder isto de vista: dois factos novos chamaram a attenção para a questão das fórmulas de governo entre modernos; de um lado, *a necessidade de prover de governo povos novos, que o não tinham original e proprio*, como as nações da America, antigas ex-colônias, cousa começada com os Estados-Únidos no seculo XVIII; de outro lado, *o mal estar das proprias nações europeias, sob o velho regimen da realeza*, a pedirem reformas, o que rebentou com a Revolução Franzeza, no mesmo seculo e se propagou por toda a Europa, gerando o *constitucionalismo moderno*.

A questão era nova e urgente. Os ideiologistas, cada um por sua parte, elevaram a questão de *fórmula* a grande altura. Mas logo se viu que era ponto secundario no debate: d'ahi a fórmula dos **Governos mixtos**, nos quaes entrava um pouco de realeza, um pouco de aristocracia, um pouco de democracia, etc.

Já se vê, ainda uma vez, que o principal é o *fundo, a essencia*, e não a *fórmula, o accidente*.

Para os modernos, especialmente na America, é evidente que, não tendo inventado *fórmulas novas*, só poderemos ter *governos imitativos*.

dos, governos copiados dos modelos existentes, o que prova, ainda, a secundariedade da questão de forma.

Não ha monarchia, por exemplo, que faça a Russia ser causa diversa do que é: um povo tartarisado, perfido, sem cohesão, sem iniciativa, vacillando entre o *nihilismo louco* e o *despotismo feroz*.

Não ha monarchia, igualmente, que faça a gente brasileira causa diversa do que ella é...

Aqui vae uma synthese, para melhor comprehensão :

a) Governo bom: tudo vae bem; porque o povo, que faz a vida da nação, é *bom*. (É a hypothese mais corrente);

b) Governo mau: tudo vae, ainda, *bem*: porque, a despeito do *mau governo*, cuja funcção é limitadissima, a nação é *boa*, é *valorosa*. (Hypothese rara).

1.º *Povo forte*, energico, bem orientado, povo de valor, em summa com um

2.º *Povo fraco*, sem superiores qualidades, sem largo vôo, sem iniciativa, como todos os povos medianos do sul da Europa e da America, com:

a) *Governo bom*: tudo vae *mal*: porque, a despeito de governo *bom*, cuja função é limitadíssima, a nação é *má*, é *fraca*, é *tola*, e tão desorientada que, para seus vicios e males, procura causa fóra de si, como a *brava gente brasileira*. (*Hypothesis rarissima*):

b) *Governo mau*: tudo vae, ainda, *mal*; porque, além da *ruindade* geral da massa, que é a dona de seus destinos, há a *ruindade*, que pouco pesa, aliás, do governo. (*Hypothesis mais commun*).

Ora, tudo está a mostrar que, theorica e praticamente, não ha, não pôde haver *governo typico, impeccavel, a impôr-se aos povos*.

Já se vê que a contribuição, em *bem*, ou em *mal*, dos governos, é muito reduzida.

E' a lição da *Sciencia Social* e da historia. Tudo que fôr fóra d'isto é um dissolvente aos ensinamentos da nossa escola.

Veja se Rousiers desnortea sobre *Republica* nos Estados Unidos, e lhe attribue o progresso do povo; veja se Demoulin faz o mesmo sobre *monarchia* na Inglaterra e lhe attribue a superioridade do povo anglo-saxão. Não se illuda, nem com republica nem com monarchia, compadre; peço-lhe pelo amor de Deus!

A Republica não salvou o Brasil, a Republica não salvará Portugal (em que pése ao fanatismo do nosso Bernardino Machado) e ao

idealismo de Basilio Telles, que attribue todos os males do reino ao que elle chama *as tres olygarchias* — a do *governo*, a do *dinheiro* e a da *burocracia*.

Ora snr. compadre! Quer maior prova do pouco que valem governos na vida dos povos, de que quem faz a vida da nação é ella mesma? Em *bem*, se ella é *superior*; em *mal*, se é *inorganica*, como a brasileira. São verdades estas evidentes para nossa escola.

Se você quer dar preferencia á monarchia, dê (¹) (Veja como sou tolerante!); mas faça-o, peço-lhe, com resalva de nossos principios scientificos, especialmente os da Escola social. Do namorado, *Sylvio Roméro*».

Esta carta, lapidar de clareza, de synthese, de argumentação irrespondivel, accuseia-a eu penitenciando-me, encantado com a carinhosa prova de affecto e apreço do querido Mestre.

Prestou-me o inestimavel serviço de fazer comprehender que um povo se não fabrica, como se fabricam figuras de cera!

* * *.

A proposito da morte do Barão de Rio Branco, escreveu-me esta carta:

«Juiz de Fóra, 24 de Fevereiro de 1912. — Caro Arthur — ... O Barão era grande e querido dos deuses. Não sabe você que *causa vitrix Diis placuit, victa Catoni* — a causa

(¹) Então, como hoje, via e vejo falta de estadistas nas instituições vigentes; mas liberto de fórmas, de regimens.



Praça da Matriz, na cidade de Lagarto, onde nasceu Sylvio Roméro
(Alpheu Roméro, amador).



vencedora agrada aos deuses, a vencida a Catão? E' o destino, meu caro; Rio Branco trouxe a função de *integrar o territorio*.

Sua carreira divide-se em quatro partes: 1.^a, de 66 a 78, no Rio; ahi já ensaia o que terá de vir a ser, a saber, estuda historia do Brasil, aprende a politica no jornalismo e na Camara, ensaia-se na diplomacia, no Rio da Prata; — 2.^a, na Europa, de 1878 a 92; estuda sempre o Brasil, de que são documentos o *mappa do paiz*, as *Notas* da traducçao do livro de Schneider, o *Resumo da Historia do Brasil*, etc.; — 3.^a, de 92 ao Tratado de Petropolis, em que cresceu como um gigante; — a 4.^a é de então até á morte.

As tres primeiras são de muito valor, maxime a terceira. Na quarta elle enganou-se, por suppor-nos mais do que somos.

No seu patriotismo, procurava pôr o Brasil em evidencia. D'ahi, o cardinalato, o congresso pan-americano no Rio, estrangeiros a discursar aqui, jornaes a defender-nos na Europa, Haya, reformas da Armada e do Exercito...

Programma optimo, que nós não comportavamos... Illudiu-se e com elle todo o Brasil. Deram-lhe a tragar o calix da agonia, mas morreu bem. Desilludido, por certo, como Pedro II, como José Bonifacio, como o proprio Deodóro, como os grandes brasileiros de alma e patriotismo. Estou de lucto, compadre. Do seu velho namorado, *Sylvio Roméro*.

A 29, ainda sobre o Barão de Rio-Branco:

«Arthur

Não conheci sufficientemente, como homens na intimidade, nem ao barão de Rio-Branco

nem ao visconde de Ouro-Preto; mas ambos me pareceram simples e affaveis. O barão, talvez, um pouco mais simples, o visconde muito mais attencioso. Já não é a mesma impressão que tenho do Joaquim Nabuco e do Ruy Barbosa. Este me parece um retrahido, o outro um tanto solemne e hieratico. Mas tambem os conheci pouco na intimidade.

Lembro-me d'um caso do Nabuco, que me não deixou boa impressão d'elle. Tendo recebido minha carta, escripta em termos calorosos, a respeito d'um amigo querido, nem deu attenção ao pedido, nem me respondeu....

* * *

D'um escriptor que lhe reprochava não ter estylo, escreveu-me em 28 de Março de 1911:

«Querido Arthur, Deixa-l-o.... O estylo não é mais do que a physionomia intellectual de um espirito, transmitida pela escripta. Não lhe vejo outra definição. Assim sendo, toda a gente, todo o escriptor o tem, queira ou não queira. Dizer de um auctor que *não tem estylo* é o mesmo que dizer de um homem que *não tem cara*. Um impossivel....»

* * *

Acerca de liberalismo, escrevia-me em 29 de Fevereiro de 1912:

«Arthur, Com *liberalismos*, nunca se fundou nada n'este mundo, mesmo quando taes liberalismos são *organicos*. Faça ideia quando são *inorganicos*....»

* * *

Sobre opinião publica, escreveu-me:

«...Mas que desvairamento geral!... Já não se distingue um *tartufo ignobil* d'um *patriota honrado!*... Em nome de nossa Escola,— da *iniciativa particular*, da *educação nova*, da *Sciencia Social*, não acredite em opinião publica no Brasil!... Mas, querido Arthur, isolemos-nos. não fermentemos tal desvairamento...»

* * *

Acerca de *La Foule Criminelle*, de Scipio Sighele, escreveu-me em 1911:

«Acho que você deve ler este livro, porque, firmando-se principalmente em Spencer, ajuda muito a anthroposociologia e a *Sciencia Social*. Encara certos aspectos sociaes de conjunto, como o Le Bon, porém melhor. Le Bon aproveitou d'elle muito. *Sylvio Roméro.*»

* * *

Em 19 de Abril de 1912, de Juiz de Fóra, dizia-me:

«Estou tambem arrumando artigos para o nosso novo livro — *Actualidades*, que compreenderá *Reincidencias* (meu) e *Luctas d'agora* (seu). Vá-se preparando. *S. Roméro.*»

* * *

Mandei-lhe um livro de Ostwald; accusou-o em cartas de 28 e 30 de Abril e 6 de Maio de 1911:

«Já comecei a ler o Ostwald. Não é mau; mas pensa que a sua tentativa é nova, quando

não passa do velho *monismo*, onde elle muda a expressão *força* em *energia*. Esta ultima expressão — *energia*, elle a empregou, ás vezes, como igual a *forças* e outras como igual a *materia*, isto é, *massa e força*, o que não é precisamente o mesmo, pois aqui além do elemento *força*, ha tambem o elemento *massa*.

No fundo, a *energetica* é a mesma physica remoçada nos nomes. Mas, e é isto o que nos importa no caso, a explicação da historia, da sociologia, da civilisação, preponderantemente pelas concepções da physica, já tinha sido tentada por Helvetius, d'Holbach, Büchner, e quasi todos os materialistas extremados. Mais modernamente por Quetelet, o proprio Comte, e mais ainda por Bagehot, que tem um livro com o titulo *Physica e Politica*, — que é muito bom e convém lér. Nicola Marselli traz até na sua obra — *A Scienza da Historia* — um capítulo — *A Physica da Historia*.»

Na de 30 de Abril de 1911 :

«Ostwald enfraquece no fim, mas foi bom lér, para vêr como os partidarios da nova physica, que substitue força e materia por energia — encaram as cousas sociologicas. Os processos dos que fazem a sociologia pelas sciencias biologicas e anthropologicas (Spencer, Ammon, Lapouge, etc.) são muito superiores».

Na de 6 de Maio de 1911 :

«O Ostwald serviu-me para vêr a gente da *energetica* em campo social, e mais nada».

* * *

Em 1.º de Dezembro de 1911, dizia-me no final d'uma longa carta :

«Parece-me que os tempos se approximam; vamos ter cousa grossa por ahi, ou, ao menos, erros de espantar o mundo. — *Sylvio Roméro*».

Terrivelmente prophético !

* * *

Em 10 de Março de 1905:

«Tenho lido o *Momento Litterario*. O João do Rio escreveu-me, pedindo alguma cousa. Prometi e não mandei. *Sylvio Roméro*».

Insisti por que attendesse. Fel-o, e a 1.º de Abril dizia-me :

«Hoje é 1.º de Abril; mas tudo que vou dizer é verdade (Seguem-se varias cousas). O João do Rio agradeceu-me a resposta n'uma carta muito bonita para mim. Logo que saia a resposta, você me mande, *Sylvio Roméro*».

* * *

Guardo para o fim uma nota, que dá toda a medida de bem querer do Mestre para comigo, e a carta que me dirigiu no dia 31 de Janeiro de 1910 sobre o diagnostico de sua molestia, carta assombrosa de serenidade e de graça, mesmo com o irremediavel...

Eis a nota :

«Aconselho-o que largue, quanto antes, a Companhia, deante do que me diz. A carne gorda é para os felizardos; para você dão os ossos do officio, certos de sua habilidade. São empreitadas que lhe não servem. Largue; aquillo não é presente de amigo... *Sylvio Roméro*».

Agora a carta :

«Tijuca, 31 de Janeiro de 1910.

«Arthur. Eu bem andava sempre dizendo: eu acórdo *morrendo*, almoço *morrendo*, ando *morrendo*, janto *morrendo*, deito-me *morrendo*... Sempre andava a me queixar, sempre, sempre... de palpitações, tonteiras, vertigens, dyspnéas, asthmas, etc., etc. Segundo o Barbosa Romeu, tudo aquillo era estomago!... Qual estomago! qual nada!... Mestre estomago sempre andou mettido em tudo, como porta-voz do arthritismo; mas agora está patente a *arterio-sclerose* do 1.^º para o 2.^º gráo!...»

E' o diagnostico do Abel Parente, feito com todo o cuidado e com franqueza declarado! Estou tomando as precisas cautelas e os precisos medicamentos. E' de opinião que as applicações electricas não fazem bem nem mal, segundo Huchard, a maior auctoridade no assunto. Servem, porém, para mim, as massagens no ventre. Eu bem andava desconfiado!

Recebi o artigo sobre o perigo allemão. Agora, todos o veem; mas não me citam⁽¹⁾.

Dê lembranças minhas a todos os seus, e ao Piza e D. Yayá, que ahi se acham. Accele saudades do am.^º velho, *Sylvio Roméro*.

P. S. — A sclerose é isolada; não é acompanhada de diabetes, como a de C., ou de nephrite, como a do Benicio de Abreu. — *S. R.*»



(1) Dolorosa verdade!

VIII

Phrases, conceitos, satyras

Em 1904 Sylvio mostrou desejos de visitar o visconde de Ouro-Preto, que sabia honrar-me com a sua amisade.

Fomos ao escriptorio do visconde, á rua do Rosario n.º 45, sob.º Depois de gentilissima recepção, o visconde quiz saber se Sylvio passava bem e que trabalho tinha em mãos. Sylvio respondeu-lhe que ia bem e trabalhava no terceiro volume da *Historia da Litteratura Brasileira*, porém que a parte propriamente de narrativa achava-se atrazada, porque mettera-se a fazer um quadro do Brasil tal qual é, que lhe estava dando agua pela barba.

O visconde sorriu e maliciosamente disse:

— Trata-se, ao que vejo, de um projectil...

Sylvio sorriu e a conversa tomou outra direcção.

Ficaram amigos, como antes já mutuamente se respeitavam.

Ao despedirmo-nos, o visconde, vindo até á escada, amabilissimo, inopinadamente, com muita graça, disse a Sylvio que lhe queria fazer um pedido.

— Todo ouvidos, visconde.

— Ponha-lhe fulminato, muito fulminato, Doutor, no projectil...

E Sylvio sahiu radiante, commovido, com o grande apreço que lhe ligava um notavel homem de Estado da monarchia, dizendo-me:

— Os republicanos nunca me receberam melhor.

Quando foi publicada a conferencia sobre *Pinheiro Chagas*, em carta recommendava-me: «...dê um ao visconde e outro ao Affonsinho⁽¹⁾, dos quaes ando, de certo tempo a esta parte, cada vez mais namorado».

* * *

Um juiz do sertão do Ceará brindou-o com amistosa carta, acompanhada de retrato.

Sylvio deixou carta e retrato entre seus livros, disposto a responder na primeira occasião, penhorado á attenção, tanto mais que o juiz revelava-se admirador ao ponto de dar o nome de Sylvio ao seu primeiro filho.

Decorridos dias, procurou carta e retrato e não os encontrou, ficando arreliadíssimo e privado de corresponder á gentileza do longinquo admirador, maxime por não ter retido na memoria nome e endereço.

Passados annos, de mudança, ao ter que revolver livros, saltou de um d'elles o invólucro perdido. Pois bem. Logo tratou de responder pedindo desculpas, justificando-se e demonstrando que á manifestação dos senti-

(¹) Conde de Affonso-Celso.



Sylvio Roméro em Juiz-de-Fóra (Minas-Geraes)



mentos do patrício, não ficava indiferente, mau grado o tempo decorrido, retribuindo com a offerta d'um exemplar dos *Discursos*, que acabavam de sahir.

Resgatou, assim, a falta involuntariamente commettida.

* * *

Desenvolvendo-se o gosto pelos autographos em cartões postaes, Sylvio, como era natural, teve que pagar seu tributo á moda.

A Souza Bandeira fez a seguinte piada, dirigindo-se á Ex.^{ma} Senhora do distinto escriptor: «Seria, a meu vêr, muito acertado que V. Ex.^a obtivesse do nosso Bandeira que, em vez de Fr. João das Mercês, defendesse Frei Transfiguração».

A Olavo Bilac:

«A melhor cousa que ha no mundo, é *ouvir estrelas*».

Não sei se foram a seus destinatarios; sei que as escreveu, bem como a seguinte quadra, no album de uma gentil senhorita:

«Quero-te bella!» — diz-te o mundo inteiro;
 «Quero-te bôa!», diz-te o coração.
 Se como amigo exprime-se o primeiro,
 O segundo te falla como irmão!

* * *

Era um timido, quando em meio ceremonioso; perdia a expansão habitual, aquella abundancia de gestos, e deixava de dar gostosas gargalhadas.

Refractario a protocollos, tinham que aceitá-lo tal qual era.

Jámais teve uma casaca, e, sempre que não fosse possivel evitar-lhe o uso, pedia emprestada a de algum amigo gordo, e vestia constrengido.

Uma d'essas vezes, foi a do banquete oferecido ao presidente da commissão do Código Civil, na Camara dos Deputados. Se pudera (era o relator geral) faltar, faltaria.

Sabem como Sylvio assistia ás reuniões da Comissão?

Alheiado por completo das discussões travadas.

Interpelado a cada passo sobre tal alheamento, ostensivo, porque lia attentamente a *Historia Universal* de Th. Mommsen, respondia que o *Diario Official* tinha que registrar todo o debate e, portanto, que no momento opportuno o compulsaria para, de conjunto, fazer seu trabalho, sendo impossivel reter de memoria matéria tão complexa.

Um Código Civil não era, como vêem, causa capaz de absorver o philosopho; e a prova é que lhe approuve encarar o lado historico e philosophico do Direito.

Mas brilliantissimo, afirmavam os competentes, foi o trabalho; e, tendo sido organizado um livro com retratos e biographias de todos que trabalharam no Código, a de Sylvio foi amoravel e bellamente traçada pelo proprio auctor do Código — Clovis Bevilaqua!

* * *

Um co-estadoano, *tula*, perfeito homem de bem, intelligent, mas obsecado pela mania de

casar-se, costumava confidenciar com Sylvio sobre seus amores.

D'uma feita, annuncioi-lhe que vinha de São Paulo uma moça rica, que por elle estava apaixonada, disposta a desposal-o.

Imagine-se o assombro do Mestre ao saber que a joven não conhecia o poeta.

— E' que ella leu umas poesias de minha lavra e ficou logo apaixonada, pelo que a pedi em casamento.

Mas, falhando este, logo outro lhe apparecerá.

— Como?

— Fiz um discurso n'um jantar, e uma belade logo gostou de mim...

Era obsessão.

Religioso, tendo mesmo se formado em theologia, na Europa, bastante instruido, bonissima alma, perdera a esposa na lua de mel; e, decorridos vinte annos, eis que, de novo, queria casar-se.

Sylvio perdoava tudo: o narcisismo do viuwo, a desegualdade de edades, as paixões fulminantes, a pretensa victoria dos amores intelectuaes, mas nunca, nunca se conformava com o querer o amigo co-estadoano apurar, consciente ou inconscientemente, branquidade!

E' que as paixões só visavam moças alvas!

Não o conheci; por isso, não ha offensa na apresentação da pilheria do Mestre.

* * *

A proposito do thema — *tudo se paga n'este mundo* — contou-me certa vez:

Um medico, inimigo de Tobias Barreto, sa-

bendo gravemente doente o philosopho da Escola, e por questões d'este com terceiros (o que ainda mais agrava a hediondez do seu proceder), sahiu a campo pela imprensa aggredindo-o.

Como?

Alludindo á enfermidade de que, dizia, Tobias estava atacado, a do apodrecimento em vida, mephistophelicamente descrevendo-a.

Sylvio teve ensejo de alludir ao facto revoltante, mas não estava ainda consummada uma circumstancia que justifica o citado thema.

Esse medico teve, apôs a morte de Tobias, uma molestia em que o corpo todo se lhe abriu em pustulas fetidas, de que, a custo, se viu livre.

— A phrase de Napoleão — *Rien est perdu dans ce monde; tout est payé ici* — era exacta; concluia Sylvio.

* * *

Ácerca da educação dos filhos, o mestre discorria, fazendo lembrar Camillo Castello Branco, pelas ironias sobre ensino.

Camillo disse, para não cumprir, é claro:

«— Estes (apontava os filhos) livrarei eu de saberem lêr e escrever...»

— Pois V. Ex.^a diz isso?!... replicou-lhe o snr. Souza Machado, admiradissimo.

— Digo, e hei-de cumprir. Sabe lá os desgostos que as letras me teem dado!...»

Sylvio tambem fazia o mesmo: o opposto do que dizia.

O primeiro filho, a quem a molestia inutilisou, foi educado na Allemanha, e era um ma-

thematico de escol; os outros, do primeiro e segundo matrimonios, todos se formaram, excepto um, porque não quiz; e do terceiro matrimonio, jámais descurou tel-os em bons collegios.

Tendo confiado a educação de dois a padres, afigurando-se a todos livre-pensador, isso dava ensejo a que o interpellassem.

— Não vejo mal na educação religiosa (a religião é uma das creações fundamentaes da humanidade); mas se houver com meus filhos, darei logo o antidoto — a Escola Alleman. E terei chegado á precisa correcção, finalisava, com a maior naturalidade, sem offendre a ninguem.

Mas com um d'elles, deu-se caso engracadissimo: parecia tender ao ascetismo, e, quando Sylvio se dispunha a envial-o para a Escola Alleman, verificou, n'uma das ferias, que o pequeno podia ser tudo, menos sacerdote, tanto o seu temperamento era insubmissô e desassombrado.

— «O pequeno sahiu-me de força! Já não vae para a Alieman».

Mas o outro fez-se jesuita, e a carta em que Sylvio lhe consentiu tomasse ordens é um modelo de sobria compostura paterna e firme liberalismo.

Dictou-m'a: por isso guardei-lhe os termos:
Eil-a:

«9-11-1906. — Querido Nelson. Recebi a sua carta em que me pede permissão para entrar em noviciado da Companhia de Jesus. Desde que é da sua vontade, não me oponho, uma vez que deve ter presidido a essa sua resolução maduro exame. Desejo que seja muito feliz,

não tendo nunca motivos de arrependimento.. De seu pae e amigo, *Sylvio Roméro*».

Já é alguem; será uma gloria, esse seu filho jesuita, se não arripiar carreira.

O outro, irmão do mesmo matrimonio, já é tambem alguem no mundo civil; perlustra a carreira diplomatica com intenso brilho.

Será notavel.

Os outros, do primeiro matrimonio, são funcionarios que erigem o cumprimento do dever acima de tudo, e aos quaes não faltam altos predicados moraes e intellectuaes.

Edgar é um poeta distinctissimo, um espirito sardonico, que só devido a grande modestia não apparece mais. João é um grande e integro caracter.

* * *

Sylvio, se sempre se manteve afastado das práticas religiosas, jámais as hostilisou, e uma vez, na Beneficencia Portugueza, n'um almoço que lhe offeceram depois da conferencia sobre o *Elemento Portuguez no Brasil*, vi-o saudar o capellão, presente á festa, n'uma bellissima oração á Cruz, que a todos encantou.

O capellão ergueu-se, commovido, e foi abraçar o Mestre.

Tambem, respeitando as praxes, descobria-se á passagem dos feretros e ás portas das egrejas.

* * *

E' interessante de bom humor, de graça, esta passagem d'uma carta que, a 25 de Janeiro de 1909, dirigi-me :

«Mande dizer ao homem das saccas de café, que eu só posso e devo pagar uma das saccas ; porque não tenho competencia, nem coragem, de sacrilegamente desfazer um bello movimento de gentileza e generosidade que elle, em seu escriptorio e presença, teve para comigo, offerecendo-me de presente a alludida saccá, a primeira.

E' accção bonita, que faz parte do activo das bellas acções d'elle e não serei eu que a desfaça. Não acha ? Isto, pelo que toca a elle ; pois que, pelo que a mim me toca, teria de apagar d'alma o traço brilhante que n'ella me ficou do homem e substituilo por uma faixa negra. Tenho o dever de o fazer ? De certo, não. Peço que dê estas explicações, que agradece o namorado velho, *S. Roméro*».

* * *

«Cahi em melancolia completa» — era o seu phrasear dos dias e das horas aborridas, semsaboronas, assim como o «ter *esterizio nervoso*», era estar molle, sem aptidão, displicente. Ter *durindana*, era o esterizio intenso. O vocabulo fôra por elle aproveitado, não do verbo popular *estrigir*, derreter toucinho, mas dos nortistas.

Outras locuções pittorescas bâilavam-lhe, a miudo, nos labios, ou cahiam-lhe da pena, escrevendo a íntimos.

Ora era o «vamos de rota batida», alludindo a caminhadas, ou a cousas bem encaminhadas ; ora era o «com a hostia em vante», na mesma accepção, mas mais forte, por indicar cousa *sagrada*, certa, infallivel ; ora era o «aquieta,

Fulano!», quando um amigo se exacerbava a seu lado.

Entretanto, de todas as suas phrases, a mais caracteristica era — «empurrei a pena no papel», quando tinha começado a fazer algum trabalho importante.

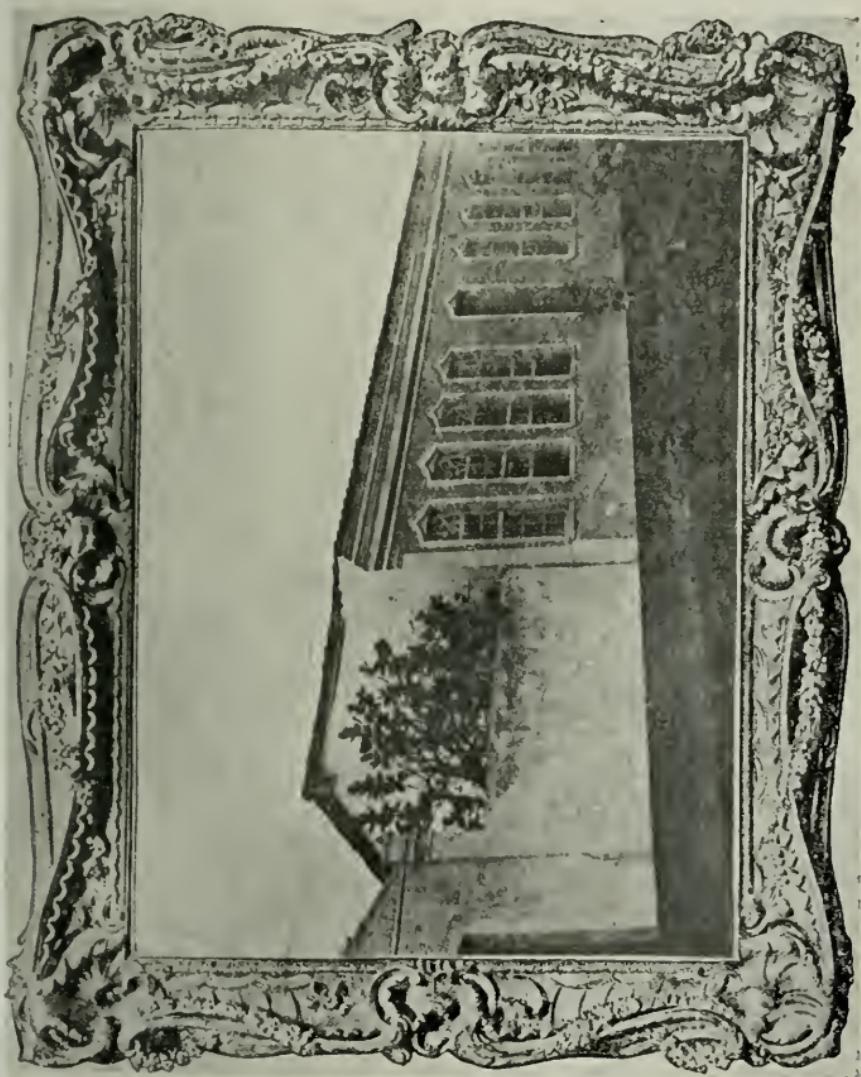
* * *

Quando até nós chegou, e parecia victoriosa, a corrente da Paz, no mundo todo, em 1911, dizia-me em carta de 20 de Agosto:

«Qual paz, qual nada! E' a putrefacção, caro compadre, não querer a lucta. A humana-dade toda equalisada, a comer e babar, a augmentar a prole, estagnada no lodo do industrialismo insaciavel — velha porca em bom chiqueiro! Ora, ora...»

Prophetico conceito!





Lagarto, Sergipe.—Casa onde Sylvio Roméro passou a infância
(Alpheu Roméro, amador).



IX

Notas á margem dos livros lidos.

Partia, inflexivelmente, do principio de que se não deve escrever de um escriptor, sem conhecer-lhe bem toda a obra; o que não quer dizer não criticasse apenas um livro, quando visasse sómente o estudo d'elle e não o conjunto de toda a producção scientifica e literaria do auctor.

E da grande probidade do critico posso dar testemunho, porque o vi examinar a obra de varios escriptores, entre outros, José de Alencar, J. M. de Macedo, Pinheiro Guimarães, Aluizio Azevedo, Machado de Assis, Martins Penna, José Verissimo, enchendo de notas sobre notas as margens dos livros.

Vivissima era a sua memoria, guardando a affabulação dos romances, as tramas dos dramas, as quadras das poesias, que tinha prazer em repetir-me, para melhor esmerilhar-lhes as falhas ou admirar as perfeições; mas, melhormente, se lhe sentia a rectidão quando um novo estudo de conjunto do auctor o levava a modificar juizo anterior.

— Quer saber? o Macedo é escriptor muito mais serio do que eu supunha.

— E F., mestre?

— Não é gente.

E só. Mas a sentença estava lavrada, o auctor ia para as gehennas... Além das notas, sublinhava a lapis trechos e periodos inteiros, grilhetando-os, quasi sempre, com o «sic.»

Concordancias ou discordancias com o auctor lido, nem sempre sahiam escorreitas, escoimadas de graçolas, remoques ou irreverencias.

A miudo punha: *Que besta! Que estúpido!* *Plagiou* — e outras equivalentes exclamações, aliás em livros festejados.

Como quer que não tivessem o destino da divulgação, cousas crespas, cabelludas, escrevia, e não ha como não censural-o, porque eram isemtas de premeditações aggressivas ou de achincalhamentos propositaes.

Simplesmente, depois de fallar o critico, expandia-se o homem, realmente engráçado, certo de que só os intimos veriam aquella *licença* vocabular entre conceitos peregrinos, fulgurantes, de arguta critica, de solida erudição.

Essa crueza, aliás, tinha limites: escusado é precisal-a.

Mas, nol-a pode sugerir uma das *Notas á margem* de Camillo Castello Branco, apresentada por António Cabral:

«E eu lembro ao nobre auditorio,
que em dia assim de folgar.
já que escapei do oratorio,
não me devem enterrar.»

Fóra um cochilo da musa do insigne A. F. de Castilho, traduzindo o *Medico á força*, que

‘Camillo não perdoára ao seu grande amigo, «cravando na pobre quadra citada esta formidavel estocada :

Fechar uma comedia com um p.... é original.»

Pois Sylvio não era menos irreverente e gaiato: ainda n'isto ambos se pareciam.

É applicavel a Sylvio o que Antonio Cabral diz, ao finalisar o capítulo :

«Entre ellas (Notas) ha uma, referente á duqueza de Lafões, que foi esposa do fundador da Academia Real das Sciencias, interessantissima, sim, mas infelizmente impublicavel...»

Estou no mesmo caso: não posso, repito, publicar muitas das notas do glorioso brasileiro.

Antes, porém, de dar algumas, seja-me licito applicar-lhe palavras que Antonio Cabral consagrhou a Camillo.

Ajustam-se-lhe como luva.

«Criticava á medida que ia virando as folhas do volume. Raro é o livro das suas estantes que não tem, á margem d'uma pagina, uma nota, um commentario, uma reflexão de aplauso ou uma vergastada de censura. Sabe-se que era velho habito do inexoravel critico, ao passo que ia lendo, escrever aqui e além, nas proprias folhas dos livros que devorava, as impressões que a leitura lhe deixava gravada no espirito. Lia *intelligentemente*, cuidadosamente, como não podia deixar de fazer um escriptor d'aquella estofa.»

E, mais adeante:

«Nada escapava á viveza do seu espirito! Não perdoava um erro. Tambem não regateava um louvor. Quando reputava justa a reprimen-

da, fustigava sem piedade a palavra, a linha, a pagina que lhe repugnavam, — toda a obra, e o seu auctor, se contra uma e outro a sua intelligencia se revoltava. Merecessem-lhe, porém, agrado, a passagem do livro, o trecho, o capitulo, o volume e o applauso lá ficava escripto, sem hesitação, sem retrahimento. O que elle assim escrevia era a sua opinião sentida, clara, nitida : era o seu parecer, posto alli sem rebuços nem disfarces, sem favor nem má vontade — pois que as annotações com que ia marginando os livros que lhe entretinham as horas de descanso, quasi todas escriptas a lapis, ao correr da leitura, eram reservadas, reconditas, sem destino á divulgação. Não podem, portanto, traduzir, intuito de louvaminhas, como não é permittido maculal-as com suspeita de que as envenenasse o odio, ou as azedasse a intenção propositadamente aggressiva».

Os meus livros, por elle lidos e restituídos, são documentos inconcussos de parecenças de processos, o que affirmo, por ter visto os de Camillo em São Miguel de Seide.

Ficava molesto, sempre que uma obra lhe era entregue com muitos erros typographicos.

Só differia do outro na feitura de *paradigmas*.

O *paradigma* era a correção rigorosa, paciente do primeiro exemplar de obra nova, de sua lavra, que lhe chegasse ás mãos, para nortear as emendas a serem feitas em todos os exemplares offerecidos á imprensa, a amigos e a pessoas gradas.

Fazia questão d'isto.

Se não eram processos peculiares aos dois, os de tal annotação critica, tinham, pelo me-

nos, apanhados no seu todo e nos vincos da mordacidade, uma grande originalidade.

Camillo foi, aliás, um homem genialmente desequilibrado, ferido por dores moraes continuas, ao passo que Sylvio, com um tambem não pequeno lastro de dores moraes, foi um perfeito equilibrado, n'este ponto approximando-se de Alexandre Herculano.

Herculano e Sylvio não supportaram a politica, descreeram da regeneração das suas patrias, mas mantiveram invejavel independencia, e nunca desaprumaram.

Das dores sofridas por Sylvio, a maior foi a do entenebrecimento da razão do primogenito, que eu, e meu irinão Americo Guimarães, levamos para a Casa de Saude São Sebastião, n'uma soturna noite...

Transportado, depois, para o Hospicio Nacional, Sylvio acampanhou-o commigo e o Dr. Theodureto do Nascimento, e só na volta, ao tomar o carro, uina crise convulsa e violentissima explodiu, abalando-o desesperadamente..

Tive medo.

Perdeu duas consortes, varios filhos, sofreu accusações de ordem letteraria, que rebateu esmagadoramente e, por ultimo, viu-se indirectamente envolvido n'uma tragedia, a respeito da qual limito-me a dizer, parodiando Antonio Cabral sobre Camillo: «A este homem de coração, era assim, no coração, que a fatalidade feria !».

Não teve thebaida a que se acolhesse; morreu, pobremente, fóra de sua casa, na cidade do Rio de Janeiro, na de um filho, e quiz Deus que eu fosse uma das ultimas, senão a ultima, visita que elle recebeu.

Deixei-o ás 4 e $\frac{1}{2}$, tarde d'um luminoso sabbado — 17 de Julho de 1914; ás 5 e $\frac{1}{2}$, morria, sem que se esperasse tão proxima a morte, apesar de condemnado; e, alta noite, um telegramma annunciava-me o triste desenlace.

Antes de fechar este parenthesis, peço permissão para lembrar aos publicos poderes do meu paiz que, n'aquella hora, uma divida elles contrahiram para com o illustre morto: a de, quando formado o nosso Pantheon Nacional, para lá trasladarem os seus ossos e os de outros, que bem mereceram da Patria.

José Bonifacio, P.^e Feijó, Pedro II, Deodoro, Benjamin Constant, Joaquim Nabuco, Rio Branco e Sylvio Roméro nivellaram-se na benemerencia: seus restos lá deverão ficar.

O monte-pio deixado pelos professores é exiguo, e bom seria que se acautelasse o futuro de sua familia, entretanto, sei que seria inutil batalhar esse bom combate, e volto-me só para a trasladação, quando opportuna...

Antonio Cabral disse que, em Portugal, as letras não constituem carreira, e, quem quizer viver, não ha-de ater-se a ellas.

No Brasil, o caso não muda de figura.

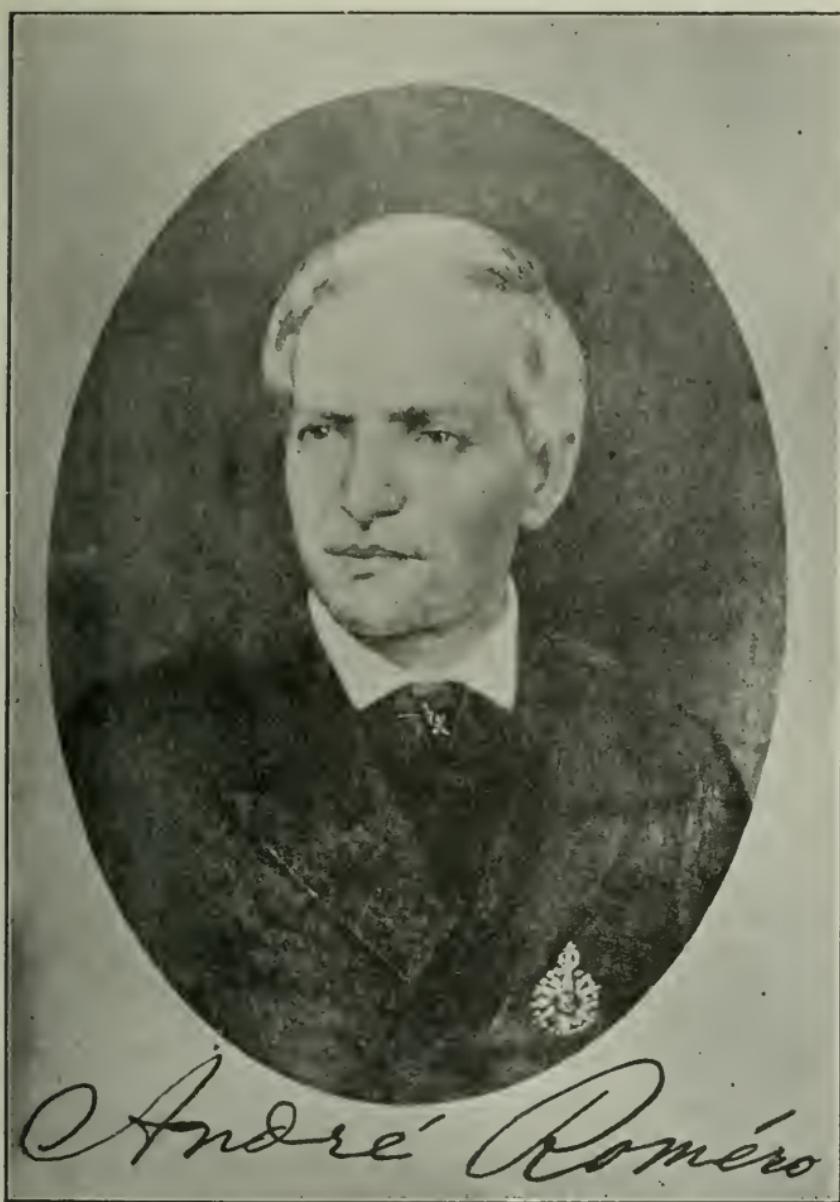
Se Sylvio não fôra lente, nem o minguado montepio a familia teria.

E' horrivel!

Agora, as notas á margem dos livros.

N'um volume litterario de auctor brasileiro, por elle lido em 1897, o prefacio e a introducção logo lhe deram materia para annotações.

O auctor, referindo-se a facto pouco antes narrado, ou observação feita, em vez de escrever *este* ou *esta*, escreveu *esse* ou *essa*,



André Ramos Roméo

O negociante de Lagarto André Ramos Roméo, pai de Sylvio



seguramente dez vezes, e, em todas, o lapis do Mestre fez um circulo e poz: *Errado*.

Onde escreveu: *incidentes do ultimo suicidio, assassinato, ou outra bella desgraça identica*, isolou a ultima parte e fez: *Oh! Oh!...*

Quando disse: *José de Alencar no romance, Gonçalves Dias na poesia — eis os dois fundadores da Litteratura Brasileira, com a criação do Indianismo*, Sylvio observou: *Errado. Nem elles crearam o Indianismo, nem este é a litteratura brasileira*.

Ao affirmar que Alencar foi o creador da *linguagem* brasileira na lingua lusitana, o critico protestou: *Escriptor nenhum crêa uma linguagem*; e, citando o auctor Baptista Caetano, Macedo Soares, Beaurepaire Rohan e outro, Sylvio corrigiu: *Nenhum d'estes é um escriptor; fizeram apenas estudos sobre o que, erradamente, se chamou idioma brasileiro*.

Abriu uma chave n'um período guindado, e poz: *Pacholice*.

N'uma frase afrancezada — depois tem *F...* publicado — ironisou: *Après, F... a publié*.

Na phrase: *O Brasil é um ninho enorme de poetas* — á qual se segue um hymno á natureza, Sylvio deu este aparte: *Tudo isto não serve para formar poetas: exemplo, a Inglaterra, a Alemanha, que os teem maiores que os paizes de clima ameno e bellas paisagens*.

Quando se referiu á *Escola do condor*, emendou: *condoreira, sim*.

Nas expressões *ennevoado de duvidas*, lançou um *Sic*.

Em trechos que lhe pareceram desenxabidos, grácejou: *Tão sem graça!*

As omissões de nomes, corrigiu-as, e os

periodos que lhe agradaram, na forma e no fundo, declarou: *Bom.*

N'outros pontos, limitava-se a interrogações, ao *aqui* ou ao sublinhamento; ou a um simples e secco — *duvido.*

Aproveitava uma ideia ou uma lembrança que lhe accudiam no momento da leitura, registrando-as nas folhas do ante-rosto e do fim do livro.

Assim é que, no fim d'esta obra, escreveu:
 «1897 (no fim). — Trabalhos a escrever:
 — Um estudo sobre a raça em geral e sua influencia sociologica;
 — Um estudo sobre o estado social e politico do Brasil;
 — Um balanço sobre a vida mental brasileira no seculo xix:
 — Um estudo sobre os repentiſtas brasileiros;
 — Um estudo sobre Carlos de Laet;
 — Um estudo sobre Araripe Junior;
 — Um estudo sobre Taunay;
 — Uma systematisaçāo de trabalhos sobre o ensino;
 — Uma systematisaçāo sobre a questão da repetição sociologica;
 — Um parnaso sergipano;
 — Uma resposta sobre Castro Alves;
 — Alguma cousa sobre o De Greef (¹);
 — Continuar a *Historia do Direito*:

(¹) A gentileza de Chrysanto de Brito permitiu-me dar em *fac-simile* um postal de De Greef ao Mestre.

- Continuar a *Historia da Litteratura Brasileira*;
- Continuar a *Historia de Minas Geraes*;
- Continuar a *Philosophia do Direito*;
- Continuar o *Evolucionismo e o Positivismo no Brasil*.

No ante-rosto, a um canto, copiou estes *versinhos baianos*:

« Todo branco quer ser nobre,
 Todo mulato é pimpão,
 Todo negro é feiticeiro,
 Todo cigano é ladrão. »

(*Raças do Brasil*).

N'um volumesinho de Lucien Roure — *Études Philosophiques Hippolyte Taine* —, ao chegar á pagina 38, escreveu: *Tudo muito traco n'este auctor, nada analysa a fundo.*

D'ahi por deante. — pobre Roure! — os apartes sucedem-se vertiginosamente: *Está errado, isto é velho, é da escola historica, tudo é falso* e, por ultimo, este conceito irreverente: *Este critico não é digno de Taine, porque é muito bêsta. Diz sempre muitas asneiras sobre positivismo e evolucionismo.*

Race et milieu social, de Vacher de Lapouge, publicado em 1909, mereceu-lhe, nas anotações, profundos espraiamentos e conceitos.

Não vou transcrevel-os todos; o trabalho seria grande; entretanto, fal-o-hia, se o resultado d'essas suas acuradas leituras, não estivesse derramado por suas ultimas obras, tão eruditas e bellas.

Darei o que se me affigura mais curioso.

No primeiro capitulo, pagina por pagina analysado, poz elle no fim, esta nota:

«No Brasil o negro está acclimado; o indio, nem precisa dizer-o, tambem; o europeu meridional, está menos; o norte-americano, ainda menos. Os primeiros e os mestiços tendem a predominar».

No sexto, que trata das pesquisas sobre despopulação, reflexionou:

«Aqui ha cousa seria a applicar ao Brasil; mas faltam documentos. Em que medida o indio e o negro *diminuem*, se é que diminuem; em que escala se está dando a *reversão*; quem *emigra* de uns pontos para outros, etc. No Brasil ainda a gente a fabular sobre o desaparecimento do negro e do indio. Contra essas phantasias protestam os factos da grande *acclimação* d'elles no paiz: o exemplo dos Estados Unidos; a tendencia á reprodução das raças mães; a *reversão* dos mestiços no fim de largos cruzamentos; a *persistencia* das raças; o *retorno*; a *hereditariedade* e sua força; a *degeneração* das chamadas classes altas; a *prolificidade* dos inferiores; idem das raças mães; a pouca fecundidade dos mestiços, etc.»

No oitavo capitulo, *Les lois fondamentales de l'anthroposociologie*, sublinhando todo um trecho, denunciou: *Muito bem, contra safadezas economicas.*

N'outro trecho: *D'este, não se deve perder uma palavra.*

Àdeante, conceituou:

«Adquiriu-se n'este seculo o conhecimento da economica, que não é senão um motor secundario da evolução historica, e a arte correlativa de enriquecer os povos não é, talvez, a melhor para lhes assegurar um longo futuro. A riqueza das nações é como a gordura das

mulheres. Quando vem, a fecundidade desaparece, quando vai, é a morte que sobrevem.»

Este final é do auctor, transcripto pelo critico.

Mais adeante, acompanhando um indice de nigrescencia, varias morphologias e varias leis; das altitudes, da colonisaçāo interior, das cidades, dos indices urbanos, da emigraçāo, dos casamentos, da concentraçāo, da eliminaçāo urbana, da estratificação, dos intellectuaes, das epochas — Sylvio discordou, em alguns pontos, levemente.

Mas, quando o auctor concluiu pela inferioridade do *mediterraneus* em face do *brachycephalo*, elle logo protestou:

«A explicação do auctor é falsa. Nada d'isto. O caso é de inferioridade, como pensa Ammon. O mediterraneo é um dolicoide inferior, de origem *africana*. E' inferior a *europoeus* e a *alpinus*».

Quando argumentou com Jacoby e Niceforo, sobre hereditariedade, fez uma profissāo de fé:

«Creio nos efeitos da educação, da instruçāo, da hygiene, do cruzamento, até certo ponto».

Nas referencias á extincāo das familias, emendou:

«Decadencia, sim : destruição, não».

N'estes trechos do auctor:

«E' ahi, com efeito, que o selleccionismo e o educationismo, as duas doutrinas antinómicas de aperfeiçoamento dos povos, se acham em contacto e em conflicto. Toda a these democratica de aperfeiçoamento pela educação, desmorona-se, porque toma por base o principio falso de que as qualidades psychicas, adquiridas pela educação, se transmittem como quaes-

quer outras qualidades. Só pertence á educação uma bella função, a de valorisar as innatas qualidades do individuo que só poderão ser superiores, se o é em si mesma a raça».

N'estes trechos, repito, Sylvio marcou: *Aqui está o nó da questão.*

Rebatendo Lapouge, n'outro logar, uma opinião de M. Houzé, Sylvio, aborrecido, declarou: *Burrices de Houzé.*

Mas, denotando uma preocupação absorvente, imperiosa, a palavra *Brasil* salta alli, aqui e acolá, por todo o livro...

Uma nota entusiastica do Mestre: *Viva a Inglaterra!* Isto, quando o auctor se refere á composição do povo inglez.

Depois de marcar na bibliographia auctores para consultar com um *V*, e de corrigir (em tudo o espirito methodico!) o indice apenas contendo o numero da pagina de inicio, escreveu nas folhas finaes, como que para reter, o seguinte:

«Já e já varios artigos: um sobre a questão das *terras*, dos *capitaes* e dos *colonos*, especialmente *allemães*; um sobre a *anthroposociologia* e o Brasil; um sobre o *Leplaysmo* e o Brasil; um sobre o Lagarto, minha terra, etc. O caso das *terras* e dos *capitaes* e *colonos* é como o das oligarchias: *oligarchia ou anarchia: decadencia ou desnacionalisação*. Não ha meio termo entre as duas pontas do dilemma: dupla face da imbecilidade: pacata a principio, tudo facilitando; gritadeira, depois, tudo querendo impedir. As soluções são outras».

Circulou e averbou de exquisita a seguinte these do auctor: *ser a gente do campo inferior*

em capacidade e ter a função de regenerar a gente da cidade.

E accrescentou, concordando: *E' que teem estes tendencia enorme a deteriorarem-se.*

Em *Les Sélections sociales*, do mesmo auctor, ha a mesma abundancia annotativa, o mesmo espirito de aguda observação, o mesmo processo analytico, as mesmas victoriosas contestações.

Como fizera com Houzé, n'este arrumou pancada em Novicow, citado pelo auctor.

Lá está á pagina 158: *Burrices de Novicow*. (Tinha antipathia pronunciada por este auctor).

Mas a dose mais forte coube a Topinard:

«Este Topinard confunde o *Ligure* ainda com o *Celta* e anda a repetir as burrices de Amedée Thierry sobre *Celtas morenos e Gaulzezes louros!!!*»

N'uma referencia á anthropologia metrica, o annotador reprochou: «O tal Roquette está com a velharada da anthropologia prospectiva!!»

Mais adeante, constatou: «Weismann teve duas doutrinas».

E paginas a seguir, isto: «Weismann mudou: admitte hoje a herança dos adquiridos em certos casos; quando modificam o plasma germinativo».

No final do primeiro capitulo, poz: *Muito bom.*

No começo do segundo, leis da vida e da morte das nações. synthetisou: «A selecção é a vida das nações».

E ao finalisar o capitulo, poz: *Muito bom.*

No terceiro, que trata da transmutação e da selecção, lançou á pagina 89, isto: *Trecho de ouro.*

Mas ao concluir o capitulo, criticou :

«Na questão da transmissão dos caracteres adquiridos, o auctor é muito obscuro. Com tudo parece ficar n'um meio termo, entre Spencer e Weismann antigo. Cf. Baldwin».

No quarto, apoiou o auctor n'esta pittoresca fórmula :

«A canalha sobrevive com a cultura. Não se herdam as qualidades adquiridas ; herdam-se as degenerações».

E arrematou o capitulo : *Bom.*

No quinto, desgostou-se, e escreveu : *E' falso. Falssissimo.*

E quando o auctor alludiu á selecção nos Estados Unidos, registrou : *Aqui, como que se arrepende e desdiz* ; para, paginas adeante, zangar-se de novo, dizendo :

«Causa nojo vêr este tolo de Lapouge estabelecer o valor do regimen da alimentação, do clima, etc., e, por fim, pela mania da selecção, desdizer-se, fazendo, por outro lado, d'esta, um verdadeiro mytho».

Arrematou o capitulo com este conceito :

«Tudo bom ; menos o não ligar valor sério á côr».

No sexto, quando o auctor vaticina para o Brasil o mesmo caminho do Haití, Antilhas e Jamaica e affirma que constituirá, sem duvida, d'aqui a um seculo, um immenso estado negro, a menos que não volte, e é provavel, á barbaria — Sylvio desalentou-se e escreveu : *O horror!*

No setimo, limitou-se a escrever : *Fraco.*

No oitavo, ao tocar na paz universal, o auctor diz :

«A guerra é o modo essencial e necessario



D. Maria Roméro.

Dona Maria Vasconcellos da Silveira Ramos Roméro, mãe de Sylvio



de selecção internacional, e isto mais parece augmentar do que diminuir de intensidade. A paz universal não seria possivel, senão pelo internacionalismo, e é muito duvidoso que as nações possam, mesmo sob o regimen socialista, confluir para um só todo. A tendencia é para o imperio global, mas cada qual o pretende realisar e razões de raça o impedem».

Sylvio, com um adverbio, definiu sua opinião: *Felizmente*.

A pagina 225, o auctor affirma que as nações são tão reaes quanto as raças; são sêres biologicos; ao que Sylvio juntou: *Bello*.

Poz *muito bom* no fecho do nono; e mais estas reflexões:

«A salvação está na selecção particularista. ousada, moral, hierarchisada, e na systematica. Este auctor parece fazer concessões ao socialismo, em largo sentido, com a selecção e com outros homens. Novo socialismo, filho da selecção, egualmente contrario á democracia rapace e ao actual socialismo canalha».

No decimo, sustentando Lapouge exdruxulas doutrinas sobre congregações, o annotador conclamou: *Que tal?!*...

Adeante, perguntou: *Então? E o sonho, o ideal nada vale? Só vale o materialismo da sciencia?*

Mas, ao terminal-o, disse:

«Muito cacete, com algumas observações boas e outras muito fracas — este capitulo».

Não annotou o decimo-primeiro, comquanto se perceba que o leu. O decimo-segundo — *Muito fraco*, annotou.

O decimo-terceiro, quando o auctor se deixa fascinar por uma nova organisação social,

mais ao seu gosto, o critico aparteou: *Fallará sério?*; e, do outro lado da margem, perguntou, malicioso: *E como concilia este progresso com a queda dos dolicoides?*

No decimo-quarto, acompanhando a descrição das phases do genio grego, Sylvio vibrou todo, aqui lançando um *que horror!*, alli varias admirativas, além resumindo o que vae lendo: *A triste agonia d'um grande povo, o ultimo acto, o fim, a raça está morta!...*

No decimo-quinto, desaprovou as ideias do auctor, quanto á fecundação artificial, d'este modo:

«Acho mau; o ideal seria seleccionar sem tirar á fecundação o lado moral, o affecto, a base da familia. Essa fecundação mechanica é muito grosseira, e prejudica o lado psychologico».

Quando, adeante, Lapouge, insiste em referencias aos judeus, commentou, vivaz: *Este demonio anda a sonhar com judeus!*

Nas conclusões, prevendo o auctor um periodo de parada na humanidade, o critico accidiu, suavisando:

Pode melhorar um pouco, antes da morte geral: e, como final, lançou esta impressão geral do capitulo: *Um pessimismo que chega a doer.*

O *A-t-on interêt à s'emparer du pouvoir?* de Edmond Demoulins, foi dos livros que elle leu com prazer e interesse.

A cada passo, marginou: *Bom; Contra Ferrero; muito curioso; aqui; bello; these; que tal?; optimo.*

A pagina 284 disse: *Medite-se isto. Que belleza! Magnifico!*

Ao terminar *Les lois sociologiques* de G. de Greef, Sylvio, como que recapitulando, escreveu no ante-rosto da obra:

O auctor tem o defeito de não compreender a religião de fórmia alguma. A ideia dos elementos e creações e de sua disposição, eu já tinha. Tambem tinha a ideia de que cada creação d'aquellas dava logar a uma sciencia social particular. O capitulo sobre o methodo é fraco. Sobre a supposta antithese entre o conhecimento scientifico e o vulgar, entre a inducção, e deducção, entre o methodo supposto das sciencias inferiores e as superiores, já sabíamos muito mais».

A' pagina 177, declarando De Greef continuar a obra de Spencer, aperfeiçoando-a, mimoseou-o com este adjectivo: *presumido*; como anteriormente com este outro conceito — *pedantesco* e com esta phrase sceptica — *bella e velha cantiga!*

Em *La Constituante et le régime représentatif* do mesmo auctor, encontrou trechos que assim marcou: *digno de meditação*; *digno de ser imitado*.

N'outro ponto, sobre o sistema representativo, alvitrou á margem:

«No Brasil achamos que a reforma a deve ser da Camara, continuando o Senado a representar, como agora, a opinião geral dos Estados».

Em *Introduction à la Sociologie*, a terceira obra de De Greef que leu, commentou:

«Mistura de socialismo, de evolucionismo de Spencer e de Positivismo de Comte — é a doutrina d'este auctor; nem mais, nem menos..

Junta-lhe tambem algo dos economistas e homens de sciencia».

A abertura é de varios *sics* e de restrictivas, a saber: *O auctor exaggera, concede de mais*; e fecha com alguns *bons* e um *bravo*!

Quando De Greef explana que a funcçao social de Deus tendia a diminuir á proporçao que o dominio do cognoscivel fosse elucidado e percorrido, o critico perguntou: *E o resto, que sempre ficará?*

Pouco adeante sublinhou a palavra *chimeras*, e perguntou:

«Porque chimeras? Ha alguma cousa verificada já: a necessidade mesma d'esse absoluto. E é tudo».

A pagina 84 rusgou: *Este trecho é uma penca de asneiras.*

A 220 tornou a rusgar: *Todo este capitulo VIII é copia impertinente de Comte.*

Em *Sociologie et Politique* de L. Gumplowicz, com prefacio de Worms, este é logo contestado pelo critico, quando pontifica que a politica é a arte de conduzir os grupos sociaes. *Falso*, contradictou Sylvio.

Na distincção feita por Worms entre sociologia e politica, retorquiu:

«Sim, se se trata da politica pratica, a arte politica. O auctor confunde o facto politico com a sciencia e a arte politica».

A pagina 8, bradou:

«Tudo muito fraco! Tão longe de Levy Bruhl, discutindo o facto moral».

A pagina 9, horrorizado com as confusões do auctor, encheu-a de admirativas, e fechou-a com estes desabafos:

«Distingue a arte da pratica ; confunde a arte com a sciencia !».

Na 10, resmungou : *Tudo embrulhado. Falso, falso, falso.*

Na 15 espantou-se :

«A arte é uma theoria ! Para este a sociologia não é o complexo das sciencias sociaes particulares. Para De Greef, é. Para mim, a sociologia é a philosophia das sciencias sociaes particulares».

A pagina 78, escreveu :

«E' contra a liberdade. Contra a acção das grandes individualidades, reduzidas a *mariettes*. Contra a acção pessoal. E' pelas massas, etc. — Nem tanto ao mar, nem tanto á terra. A acção é bilateral».

Mas o apogeu da indignação teve-o elle deante de uma nota abrangendo um artigo de Neuman-Spallart, em que este diminue Spencer comparando-o com Engel. *Forte besta !* — margeou.

A pagina 105, quando Gumplowicz separa a Sociologia da Economia Politica, emendou :

«Sim, n'um sentido restricto. Mas a primeira opinião é mais vasta. A Sociologia deve ser considerada como sciencia geral, philosophia das sciencias sociaes particulares. Não para tomar o logar d'ellas, mas para mostrar-lhes o lado sociologico e a base de todas.»

A pagina 130, sobre o sentimento do ideal doutrinou :

«Bom em notar o ideal; mal em suppol-o filho da razão ; é o contrario, como Kidd mostra. Ha contradicção entre o ideal emotivo e a razão.»

Em *La méthode historique appliquée aux sciences sociales*, de Charles Seignobos, no final do 8.º capítulo, divergiu:

«O auctor chama subjectivo ao que é apensamental, intellectual; assim, todas as sciencias seriam subjectivas.»

Contestou-o, aqui, alli, e, ao alto do capítulo 12.º poz:

«Para este a sciencia social é a economia politica e a estatistica demographica!!!.»

A' pagina 179, explicando Seignobos o caracter habitual dos documentos em que os autores visam sempre fim diverso do de observar e descrever exactamente a realidade, o critico poz: *Mensagens do Nilo*.

A' 188 disse:

«Seignobos abusava do valor da subjectividade e da imaginação.»

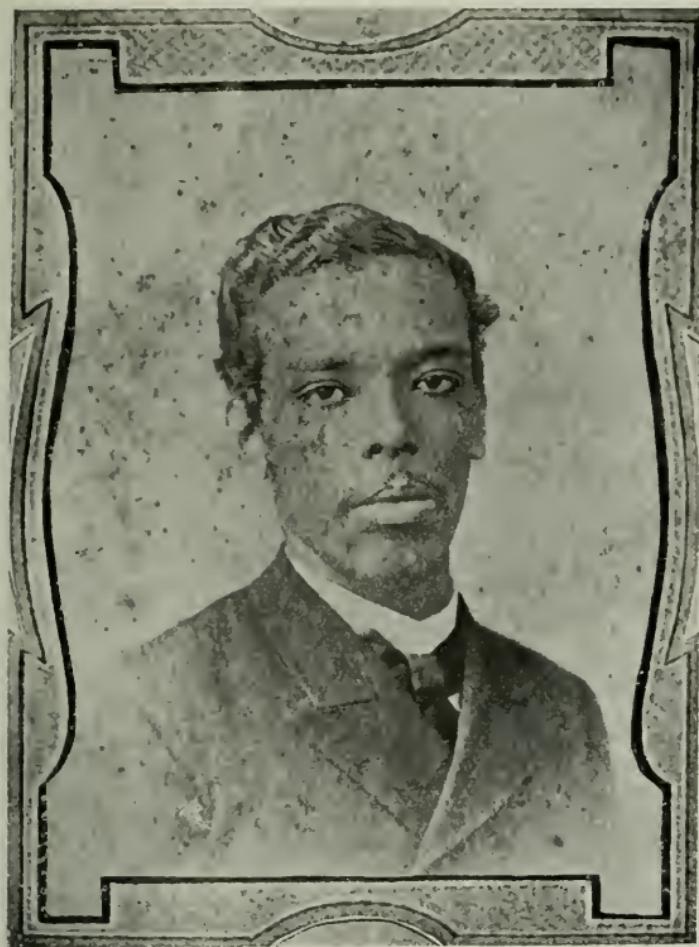
Em *Etudes sur l'histoire des institutions primitives*, de Sumner Maine, a annotação é quasi toda de destaque dos assumptos que o auctor vae abordando.

As unicas pessoaes, de impressão, são: *curiosissimo, serio, bello*, além do *sic*.

Em *L'esprit du droit romain*, de R. von Jhering, a annotação tambem é de destaque, mas não tão seguida e extreme de notas impressionistas.

Por toda a parte, alguns: *curioso, muito curioso, bello* e, como um *leit motif* — *velho e novo*.

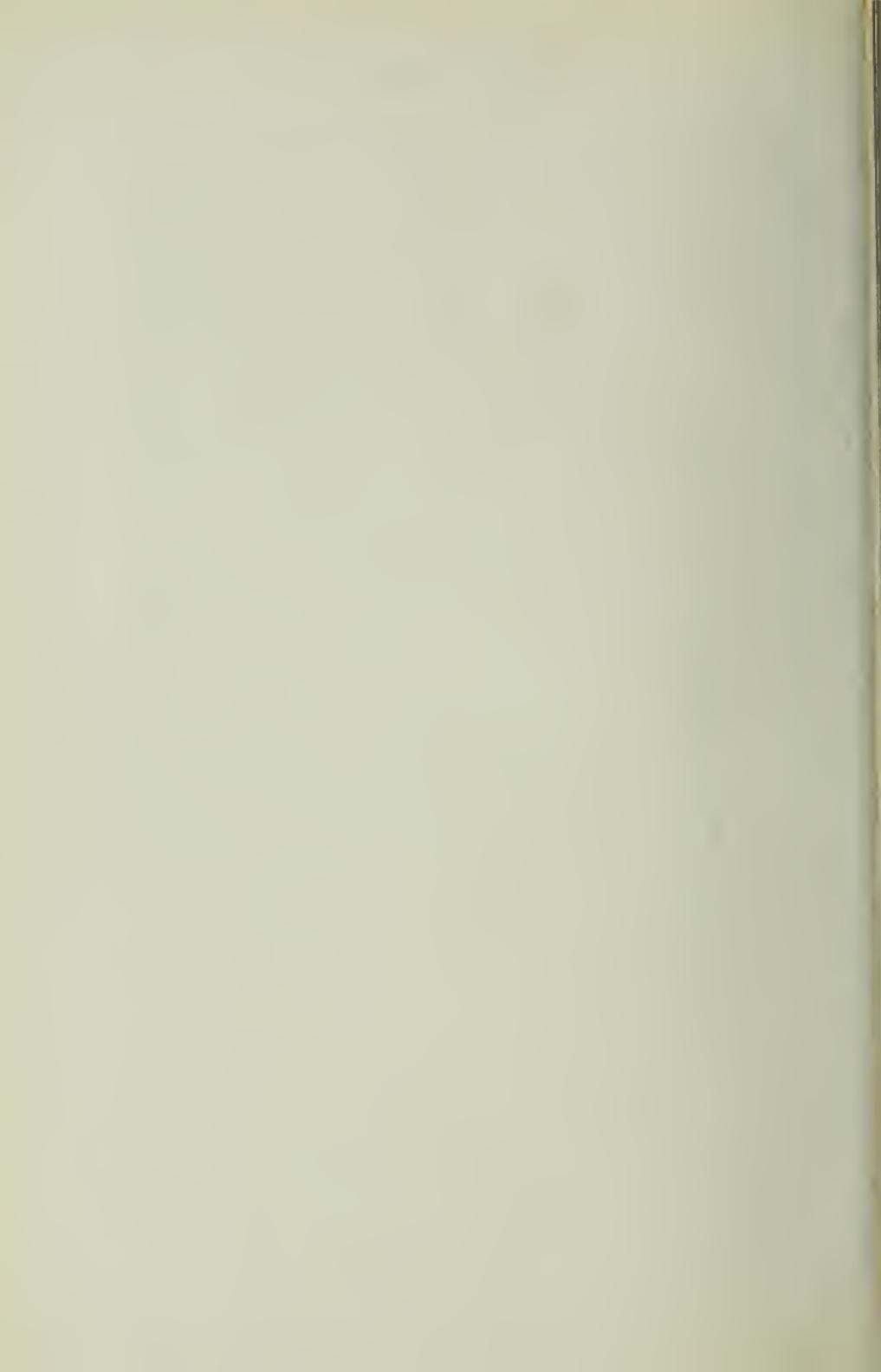
Em *Interprétation économique de l'Histoire*, de Thorold Rogers, o auctor começou descrevendo os aspectos economicos da Historia, que o critico foi registrando e destacando passagens, accrescentando a palavra *Brasil*, na



Tito-Livio de Castro.

Tito-Livio de Castro, auctor d'*A mulher e a Sociogenia*.

Sylvio Roméro salvou-o do olvido, n'uma odyssea, que narrou em prefacio
ao ultimo livro posthumo de Tito-Livio.



sua nobre e bella preocupação de applicar, comparar ou lamentar, em face da patria.

A pagina 133 Rogers refere-se a tecelões: o critico registrou:

«Ainda vi teares domesticos no interior de Sergipe.»

A pagina 307, a proposito da historia e da origem do *laisser faire*, Rogers declarou que Malthus pedia a suppressão de todos os socorros aos indigentes, e Newmarck condenava todas as convenções internacionaes tendo por objecto o commercio, e Herbert Spencer levava tão longe a theoria do individualismo, que se o viu deplorar o excesso de protecção de que a policia cercava os habitantes da Inglaterra. São especulações — concluiu — proprias para serem ennunciadas n'uma cadeira, perto d'um fogão de gabinete de trabalho, confortavelmente mobilado. Sylvio limitou-se a dizer: *Engraçado*.

Tendo feito a leitura da *Interprétation* em 1910, quando a *Sciencia Social* e a Anthroposociologia por completo o empolgavam, Le Play, Demoulins, Tourville, Ammon, Lapouge são recordados, a cada passo, nas paginas d'esta obra.

Apraz-me, por ultimo, rastrear as annotações de dois livros de Emilio Hannequin, uns *La Critique Scientifique*, de 1888, e outro, *Quelques écrivains français*, de 1890.

N'aquelle, depois de lido, Sylvio escreveu, nas paginas da frente:

— «Não é uma theoria da arte; é uma theoria da critica — este livro.

— O auctor poz em pratica estes preceitos, sendo seguido mais de perto por Faguet e Rod.

— Em todos elles, ha analyse esthetica, psychologica e social.

— Tem razão em tentar a critica scientifica, em fazer a analyse esthetica, quasi sempre descurada por Taine, em fazer a psychologica e a social, esta ultima, quasi sempre, desviada em Taine. Não tem razão em repellir os dados mesologicos, ethnographicos e physiologicos, e tambem, em reduzir o lado social á apreciação de maior ou menor numero dos seus admiradores.

— Quando Taine entrou na critica, já ella manejava a biographia, a historia e a psychologia. Taine tambem já achou precedentes na mesologia e na ethnographia. Insistiu porém n'estas. E' exactamente a parte contestada por Hannequin. Acho que nada é indiferente ao critico: mesologia, metereologia, geologia, physiologia, anatomia, psychologia, historia, ethnographia, educação, tudo deve ser interpretado⁽¹⁾.

— Este quiz ser original, e quiz propositalmente bater Taine; mas exactamente no que Taine é melhor. Taine é falho n'outros pontos. Este ao lado de cousas boas, é tambem falho em certos pontos. Em todo caso, a reacção d'este foi boa, e veiu provar que é preciso ir além de Taine. Elle não repelle em absoluto — a triade de Taine; porém a reduz muito».

Mais adeante, corroborou o critico:

— «Ha muito a dizer contra a triade de Taine — raça, meio e momento; porém, tambem ha

(1) Fez um folheto mais tarde. *Da critica e sua exacta definição.*

muito a dizer contra o criterio apresentado por Hannequin. Um mostra como se forma a obra d'arte e o outro como ella influe. É preciso juntar os dois processos.

Taine, além de erroneo na triade, é incompleto sobre a natureza da arte e fins da critica. Hannequin é falso no seu criterio de admiradores».

A pag. 102, recriminou:

«O auctor, no intuito de repellir a ethnographia, cahe em declamações inuteis».

Assim resumiu suas impressões totaes da obra: «Muito bom este livrinho».

Como quer que estivesse, na occasião, a estudar Machado de Assis, varios conceitos sobre o insigne romancista derramou pelas paginas lidas.

Em *Quelques écrivains français* tambem espalhou muito material para o estudo do auctor de *Dom Casmurro*.

No final do livro lançou uma nomenclatura dos mestres do *humour*: Sterne, Lamb, Shakespeare, J. P. Richter, Heine, Dickens, Carlyle, Swift.

Isolou Pöe, Baudelaire e Hoffmann, acrescentando:

«Não são propriamente humoristas; são terroristas e phantastas...»

Quiz estender estas *notas á margem*, e ha abundantissimo material que as opulentaria; mas o momento foi-me desfavoravel, porque meus livros estão longe das minhas vistas, encaixotados, e o Dr. Sylvio Roméro, filho, a quem recorri e gentilmente me forneceu muitos, tambem tem encaixotada uma grande parte da bibliotheca do querido morto.

Obras de Tourville, Rousiers, Ammon, Lester Ward, Kidd, Levy Bruhl, Brunhes, Scipio Sighele, Sainte-Beuve e selectos auctores nacionaes, por elle lidas e annotadas, é penna não estarem á mão, para aqui serem reveladas sucs sempre curiosas e interessantes impressões de leitura.

X

Notas finaes

Certa vez, escolhido pela congregação do Collegio Pedro II para examinador d'uma banca de concurso da cadeira de Logica, declarou que não examinaria, e, porque se insistisse, fez um officio peremptorio, dando as razões pelas quaes se julgava suspeito para juiz.

Foi publicado nos jornaes e é uma pagina admiravel de dialectica e serenidade.

Tendo philosophia oposta á, pelo menos, como notorio era, de um dos candidatos, e sendo intransigentemente contra o positivismo, confessava, com o desassombro de sempre, que, tocado de paixão, não poderia, por mais que quizesse, ser recto e imparcial no julgamento.

Nobilissimo escrupulo de consciencia, não houve demovel-o do proposito absenteista, acto que marcou na sua vida com *albo lapillo*.

Era de vêr-se a intima alegria com que se referia ao facto.

* * *

Preoccupado com o futuro da familla, quiz um dia segurar sua vida; mas o pavor ao

exame medico deixou-o por muito tempo sem tomar uma resolução.

Afinal, passando pela Campanha (Minas) o agente da companhia seguradora, que, nosso conhecido, e terrivel propagandista, varias investidas e informações lhe fizera e prestara em meu escriptorio, anteriormente — entenderam-se, de novo, sobre o assumpto.

Sylvio fez-me a honra d'uma consulta ácerca do contracto a ser firmado — quantum, praso, tabella — e, quando eu suppunha que tudo estivesse feito, eis que, de novo, me escreve participando que, de facto, estava tomado o seguro, para vinte contos de réis, mas... quem o fizera fôra minha comadre, sua digna esposa!

Não sei se chegou a ser examinado; era justamente o seu embaraço. o que sei é que, sendo sua esposa bem mais joven do que elle, o seguro devia ser em seu nome, salvo rejeição, que não houve, e não no d'ella.

Ao cabo de annos, por uma serie de circumstancias, converteu as duas apolices de dez contos de réis em apolices saldadas e instituiu, n'uma das mutuas paulistas, um peculio de igual quantia, que, infelizmente, por não estar completa á sua morte a serie em que se inscrevera, de lenta formação por ser de velhos, pouco ou nada a familia poude apurar.

Inscrevera-se, aliás, na *Associação dos Funcionarios Publicos Civis*, pagando religiosamente suas contribuições, e tomara uma caderneta da *Economisadora Paulista*, caixa de pensões vitalicias, para seus filhos menores, de que sempre manteve em dia o pagamento das mensalidades. Se não forem abandonadas

22/1/1900.

Monsieur et Madame Collaer,
Je vous remercie pour l'hommage gracieux
que vous avez bien voulu m'adresser de votre
"Essais de Sociologie" dans les deux premiers
chapitres où l'on trouve pour moi une considération
spéciale. Je lirai attentivement votre beau
livre et spécialement tout ce qui me concerne
car ce que vous observez me semble le
plus précis et étendu. Puisque vous me
l'avez donné à ce prix, je vous le rends
prochainement publiquement.

Pourrez-vous faire l'honneur de me
considérer à la plus élevée

S. De Groot
Recteur de l'Almoechtigste Maarschale
Rue Defacqz 11 Bruxelles.

Fac-simile do cartão postal dirigido pelo ilustre sociólogo De Groot a Sylvio Roméro (obsequiosamente cedido por Chrysantho de Brito, a quem fôra oferecido).



e a referida mutualidade proseguir, em menos de um lustro os mutuarios seus filhos alli terão uma pequena pensão mensal.

Taes medidas de previdencia comprovam a preocupação posta no futuro dos filhos e da esposa, e oxalá o destino não as inutilise.

As verbas de custeio de taes encargos, montando a quasi duas centenas de mil réis mensaes, eram intangiveis, bem como o pensionato d'um filho no Hospicio e a mezada da mãe e irmãs; e certas na confecção do seu orçamento, posso dizer-lhe, porque todas passavam pelos livros commerciaes da casa de negocio a que pertenci; mas ha que ajuntar-lhes os dispendios com a educação dos filhos, que timbrava em não descurar.

Comprehende-se o limite modesto da previdencia apparelhada e descripta: era, porém, o maximo que a sua receita permittia, e ninguem pôde arguir de imprevidente quem por tal forma agia em beneficio dos seus.

Louvores, sim, e muitos, merecia.

A proposito das duas apolices pertencentes á esposa, ocorre-me registrar um seu rasgo de generosidade, visando-me.

Quiz levantar um emprestimo sobre ellas, para valer-me n'uma afflictão, e se terminantemente não me oppuzesse, pela inutilidade do sacrificio, é positivo que o teria consummado.

Allegava que eu no momento precisava (tinha motivo para assim pensar) e que o caso era de reciprocidade.

Pode-se avaliar quanto me penhorou a offerta não aceita.

* * *

Punha grande zelo na liquidação de suas contas a tempo e horas, e, se não podia, fazia amortizações até se libertar dos compromissos.

— As boas contas fazem os bons amigos — repetia-me a miudo.

D'uma notável sensibilidade, a lagrima que não pudesse enxugar e a aggressão injusta que o alvejasse, deixavam-no molesto e triste.

Pedidos de dinheiro, tinha-os e attendia-os sempre, na medida de suas forças; e ás vezes eram explorações, de que se apercebia, mas servia, encurtando a dadiva; ou não se apercebia e, avisado mais tarde, fazia protestos de corrigir-se, lamentando sua bôa fé.

A quantos até ternos de roupa mandou fazer, e pagavam-lhe com negra ingratidão!

Nenhum recondito fim ou interesse lhe conhecí n'estes rasgos do coração.

Eram puros, desinteressados, limpídos.

— Não tomo emenda, compadre; F... fez-me isto...

Mas, não era só a lagrima não enxuta, como disse, que o apoquentava: eram os *ataques espontâneos e injustos*.

Comquanto no seu claro espirito dêsse desconto á violencia do inimigo, quando este buscava apenas aparecer litterariamente, inquiria-se onde e quando o offendera e, se nada achasse, doía-se intensamente.

Uma vez, aggrediu-o com palavras escriptas, é claro, um filho d'um seu amigo d'outr'ora, e Sylvio não poude esconder na intimidade a magua que o facto lhe causara, comquanto em publico affectasse o contrario.

Se, porém, alguma vez tivesse sido o pri-

meiro a referir-se depreciativamente á pessoa respondente, confessava que esta tinha razão.

— Está no seu direito e no seu papel.

Exemplo: o conselheiro Lafayette Pereira.

— Provoquei-o; defende-se.

* * *

Nos ultimos annos, apezar de nunca ter afrouxado o ardor nas suas contendidas de verdade (que muitas não n'o eram), dizia-me:

— Prefiro ignorar o mal que de mim dizem por ahi, mas é contar pela certa que alguma *alma caridosa* m'o virá transmittir. Certa parte da humanidade tem prazer em desfechar más noticias. Veja você se alguem gosta de trazer-nos as que nos alegram e confortam — concluia, cheio de amargura. — Nunca me dê más noticias, comadre.

Eis o motivo pelo qual, sem nada lhe dizer, respondi a alguns de seus aggressores, merecendo depois sua approvação, a despeito da insufficiencia das defezas.

* * *

Um traço da fidalguia e da fidelidade da sua amisade, tive-o eu de quando, levado pela juventude, ainda no começo das nossas relações (e quanto me acho hoje distante de taes impulsos!), deixei-me arrastar pela demagogia á solta nas ruas da cidade e do Congresso, e fui, no meu e no seu nome, inscrever-me na lista dos visitantes d'um agitador, que, aliás, não estava com a má causa.

Sylvio estava em Minas e, de lá, escreveu-

me uma carta que é modelar pela franca divergencia mas, ao cabo, pela irrevogavel approvação dada ao meu acto em phrases tão nobres e elevadas, que não resisto ao desejo de as transcrever:

«Em carta posterior a essa que você respondeu, já eu, logo que soube da visita, me apressei em approval-a; e approvo-a, não resta a menor duvida. Para o mundo inteiro eu fiz a visita e o digo com prazer. Não ha forças humanas que me façam desauctorar um amigo e discípulo da qualidade do meu querido Arthur. Digo até mais: Fez V. bem e eu agradeço, em pôr lá o meu nome; pois isto era para me ser agradavel, como era por prazer espiritual que V. lá ia. Na sua primeira carta dava-me, porém, você apenas noticia de que pretendia ir, e eu lhe escrevi immediatamente, no só intuito de obstar a sua ida; pois era principalmente o seu nome que eu lá não queria. Tudo por coherencia doutrinaria. Mas você foi, e eu approvo a ida. — *Sylvio Roméro*».

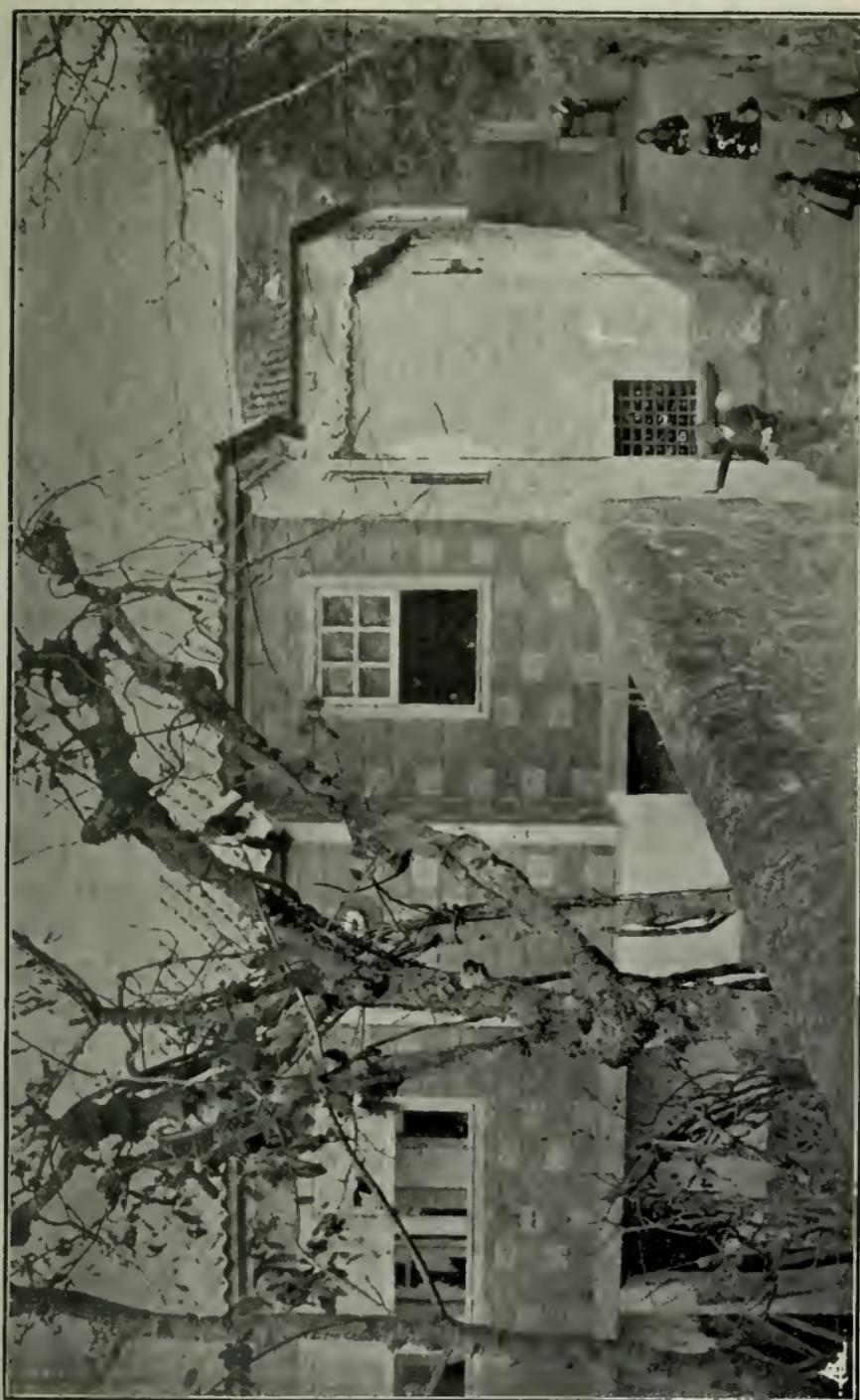
* * *

Ás vezes, rusgava commigo pelos habitos que sempre tive de tudo methodisar.

— Horas para isto, horas para aquillo, tanta inflexibilidade, tantos zelos, para que? Pois você não vê que essa positividade mata todo o ideal, que é o alimento indispensavel ao espirito? Nem só de pão vive o homem...

Mas, passados dias, se lhe falhavam elementos que não procurara systematisar, logo volvia:

— A razão está contigo. É preciso ter or-



Casa do Montilhão, em Joanne, Minho, Portugal, que hospedou Sylvio Roméo em 1900



dem, ter methodo na vida. A desordem nunca fez bem a ninguem.

Para gracejar eu dizia-lhe :

— Não ha genio sem desordem ; o caro mestre paga o seu tributo. Eu, como não sou genio, estou livre da desordem».

* * *

Nos graves transes da minha vida, tive-o sempre moralmente ao meu lado, fazendo-me a honra de dizer lindas e immerecidas cousas sobre minha energia a terceiros.

Esta solidariedade era silenciosa, mas efficacissima.

Dava-me o braço, obrigava-me a sahir do *brazeiro moral*, e taes graças e momices fazia e dizia, que eu era forçado a rir, quando engolia lagrimas...

Dulcissimo balsamo, de que jámais me esquecerei, como lhe sinto a auzencia !

* * *

Impressionavel, de uma grande sensibilidade, quando não era mais possivel o esforço da concentração, ao sopitar dores moraes, fazia explosões de assustar.

Vi algumas, e d'outras tive noticia.

As que assisti foram a da remoção do primogenito da Casa de Saude São Sebastião para o Hospicio Nacional, a da perda de filhos e irmãos e a da visita ao corpo de Euclides da Cunha...

N'outros logares d'este livro alludo á pri-

meira e á terceira, e da segunda, não ha como comparal-o á imagem da Dôr.

* * *

Não comprehendia que se recommendasse a alguem a subjugação dos nervos, o abafamento da vibração, do dominio de si mesmo.

— Onde já se viu vida sem vibração? — perguntava. Vá com o que lhe digo, compadre, vibrar é viver. Olhe as guerras, os cataclysmos, as tempestades; trazem o mal, mas tambem fazem o bem. Lembre-se do Camões:

Depois de procellosa tempestade,

: : : : : : : : : : : : : : : :

* * *

Timbrando na conservação do feitio nortista, constantemente empregava e explicava locuções de Sergipe.

Com grave escandalo de *parédros* que, afinal, acabavam achando-lhe infinita graça, dizia, a quem lhe perguntasse quantos filhos tinha:

— Para mais de vinte... *Filho por cima do mundo...*

Estou assumptando, era outra phrase, que muito usava, de accentuado sabor nortista.

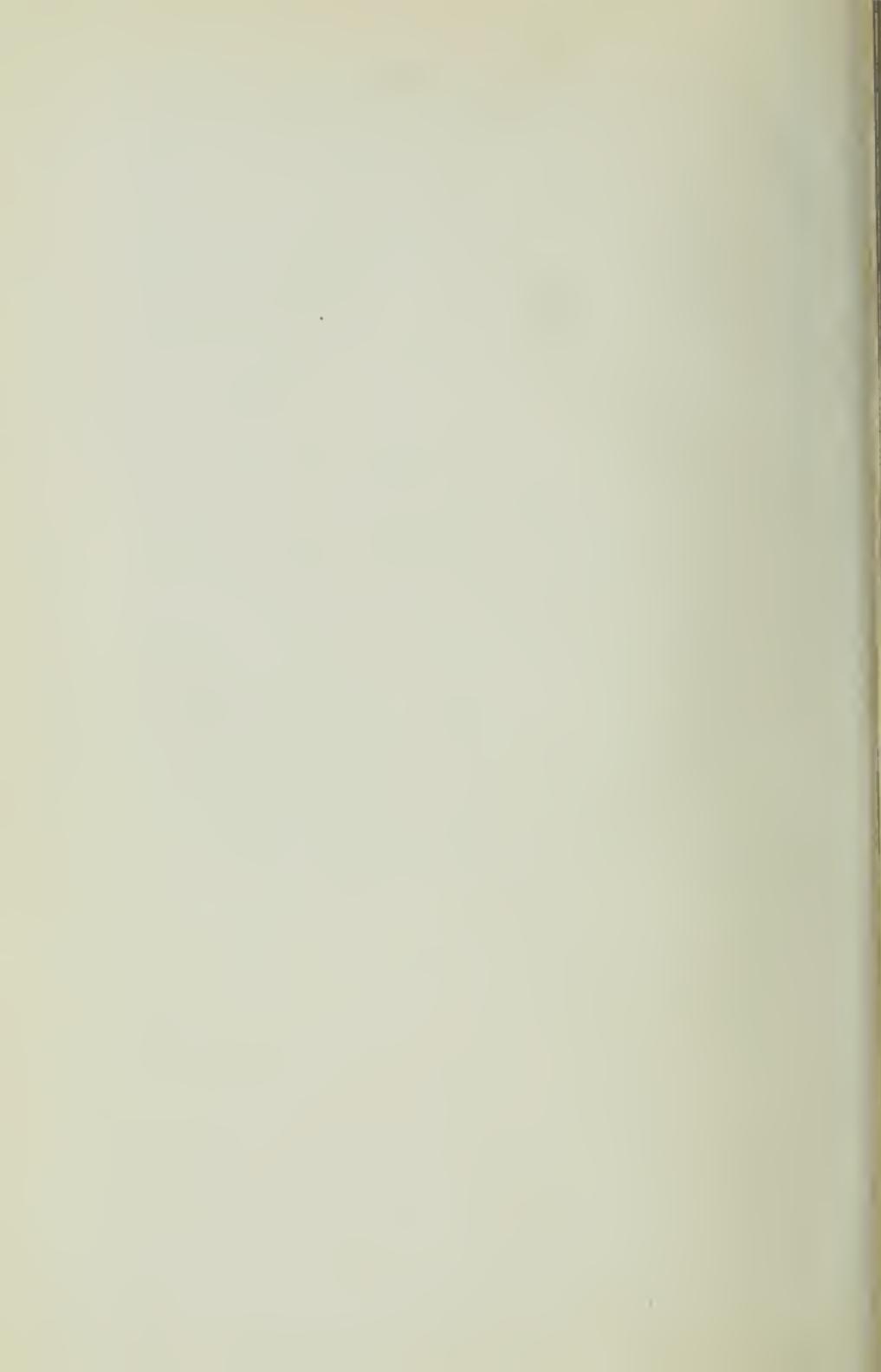
* * *

Fazia espirito com as suas molestias, mau grado o terror pela morte.



Sylvio Romeiro.

(Em 21 de outubro
de 1897, aos 46
anos e seis meses
justos de idade)



Quando tinha palpitações de coração, graciejava :

— Hoje é o aceleramento de galope... o tropel infernal e arreliento...

Ou a outra modalidade exasperante :

— Cá está a corda de relogio, quando falha ou sahe do rithmo... Um horror ! Valha-me Deus, compadre !

* * *

Quando da visita ao chiromante e phrenologo Viremont, que narrei na *Sorte*, occultando-lhe o nome, Sylvio voltou radiante pela afirmação de que teria longa vida ; entretanto, só mais uma decada viveu, mal ferido por desgostos e molestias.

— Dos 65 aos 75 annos, dissera-lhe o chiromante, sereis chefe poderoso e vereis vossos inimigos baterem em retirada. O grupo dos vossos discípulos, unido e forte, cerrará fileiras, glorificando-vos.

A predição falhou em parte, e, em parte, realizou-se.

Sem me contar, deixou fervorosos discípulos e admiradores, e as ultimas turmas academicas o engrandeceram e engrandecerão pelo tempo a fóra, sendo certo que a Sciencia Social, combinada com a Anthroposociologia, por elle divulgada no Brasil, é hoje adoptada por cultissimos espiritos do nosso meio nacional.

O que falhou, foi a extensão de vida : aos 63 annos deixou de pulsar aquelle grande coração.

* * *

— Passei pela politica, sem nunca ter feito politica; passei pelo jornalismo, sem nunca ter feito jornal; passei pelas letras, sem nunca ter vivido d'ellas; formei-me em direito e nunca advoguei. Reputo isto um bem, com quanto tivesse sido um mal; um bem, pela autonomia de pensar e pela relativa independencia economica, que a minha enxada de professor sempre me assegurou; um mal, porque sem jornal, politicagem e advocacia não se tem força n'esta terra, e viver de livros, seria votar a familia á fome...

Cruciantes verdades, que dizia sem azedumes, como observador, mas que sabia condimentar com muito espirito.

* * *

— Quer você saber? Eu daria um bom advogado. Em Paraty, tendo de dizer em autos, era aquella certeza: todos gabavam os meus articulados. Todos me temiam pelas minhas razões, que achavam fulminantes. Que advogado se perdeu!...

E ria a bom rir.

* * *

A delicadeza d'alma levou-o a comprar jazigos separados para as suas duas consortes fallecidas, e era de ver-se o escrupulo posto no que concernia aos seus deveres d'esse genero.

Não foi enterrado no mais recente, porque não estava terminado o prazo da ultima inhumação de um neto; mas de certo, irá para lá, quando opportuno fôr.

* * *

Não fecundar actos ou cousas estereis, é um dever, dizia-me a meudo, e não ha como cumpril-o.

— Não devemos despender nunca esforços em prol do que nos não aproveita.

— E' a theoria do egoismo, mestre — apar-teava eu.

— Qual egoismo, qual nada ; é a praticidade da vida. Pense bem e verá que tenho razão.

Intervinha eu, de novo :

— Quantas vezes o tenho visto dar esmolas !

— E o que tem com a these o dar esmolas ?

— Pois não despende esforços — tirar do bolso a moeda, entregal-a, estender a mão para esse effeito ?

Sylvio sorria e revidava, presto :

— Sim. Tens razão. Mas o esforço de dar a esmola é compensado pelo prazer de ajudar a mitigar uma privação e de corresponder-me com o Céo...

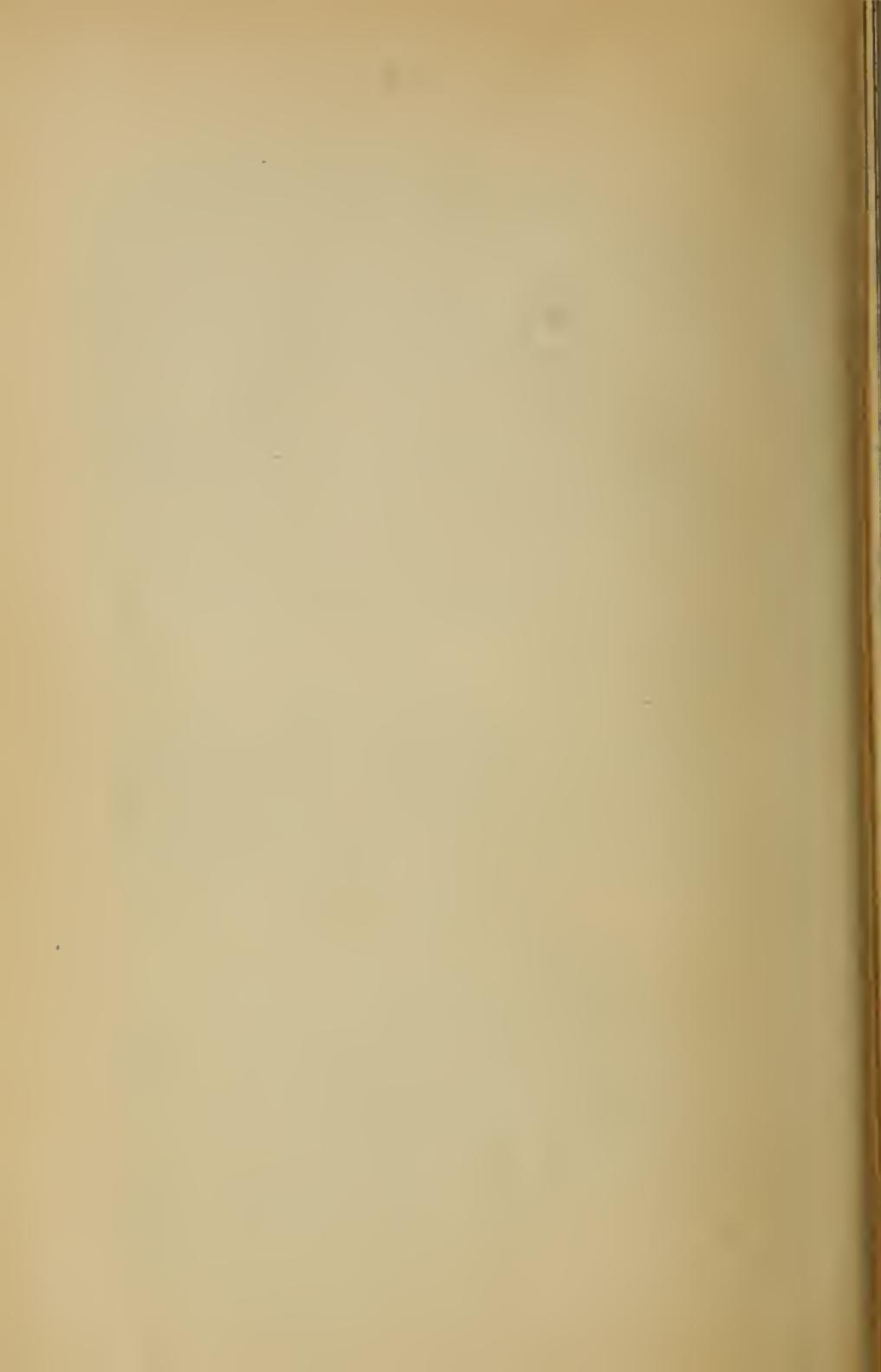
E recitava-me entusiasmado, os versas de Tobias :

A CARIDADE

Fazei o bem. Sobre a terra,
E' a belleza suprema ;
Tem mais luz do que um poema,
Vale mais do que um tropheu.
Por uma dadiva ao pobre,
Que é de Deus o grande eleito,
Podeis comprar-lhe o direito,
De que elle goса no Céo !

(Tobias Barreto).





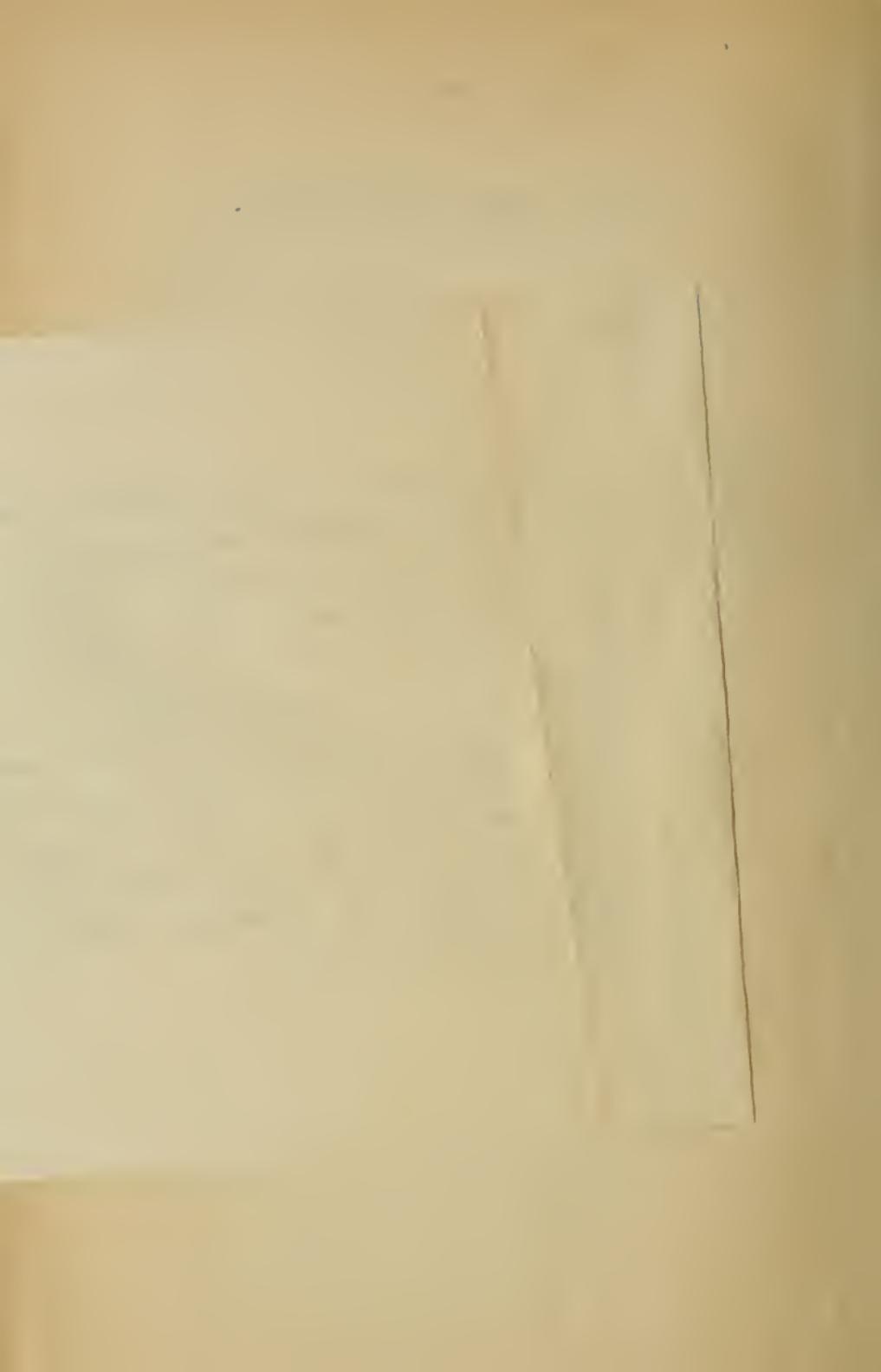
INDICE DAS MATERIAS

	Pag.
Dedicatoria	5
Carta do Dr. Edgar Roméro	7
Carta do Dr. Sylvio Roméro (Filho)	9
Prefacio	11
CAPITULO I — O Homem (Biographia)	19
O Homem (Temperamento)	22
» II — O Professor	31
» III — O Philosopho	41
» IV — O amigo	47
» V — O verdadeiro applicador da <i>Sciencia Social</i> ao Brasil	67
» VI — Cartas da Europa.	77
» VII — Alguns trechos de cartas e cartas de varias epochas sobre varios assumptos	91
» VIII — Phrases, conceitos, satyras.	107
» IX — O critico e o anthroposocio- logo (Notas á margem dos livros lidos)	117
» X — Notas finaes	141



INDICE DAS GRAVURAS

Entre diversos erros que escaparam á revisão, feita fora das vistas do auctor, notam-se como mais importantes as seguintes: *Demoulins* por *Domlins* em varias paginas; *Beníldo* em vez de *Beníde*; *oligarchia* por *oligarchia*; *se desacompanhar* por *sem desacompanhar* (pag. 75); *de Ouro-Preto* por *visconde de Ouro-Preto*; *reportorio* em vez de *repertorio*; *Fallar* por *fallado* (pag. 48); *desculpa* por *desculpc* (pag. 50); *Malla* por *Mala*; *intermitente* por *intermittente*; *dezaseis* por *dezeseis*; *afigura* por *afigura*; *sellecionismo* por *seleccionismo*; *acusia-a* por *acussei-a*; etc.

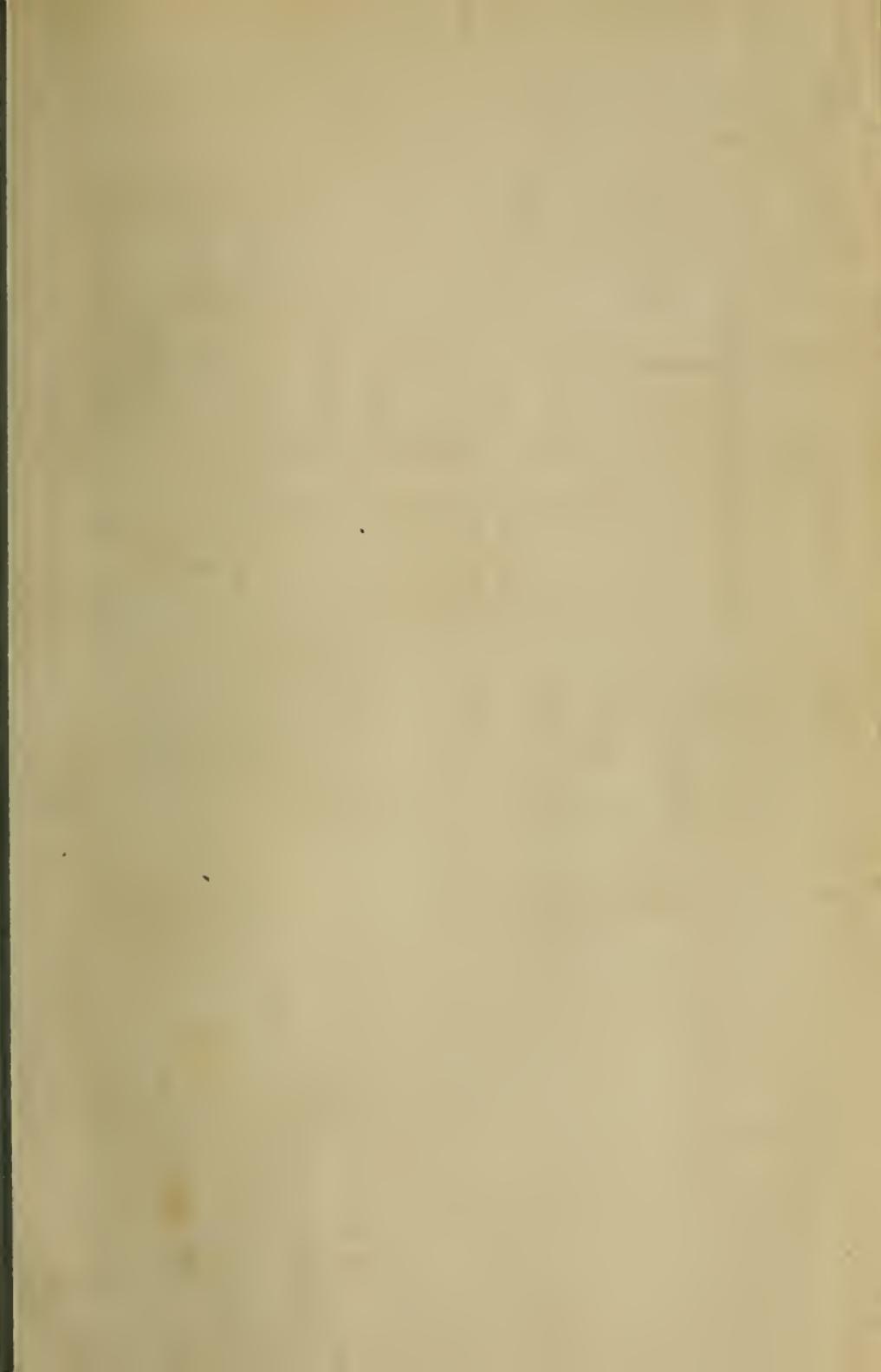


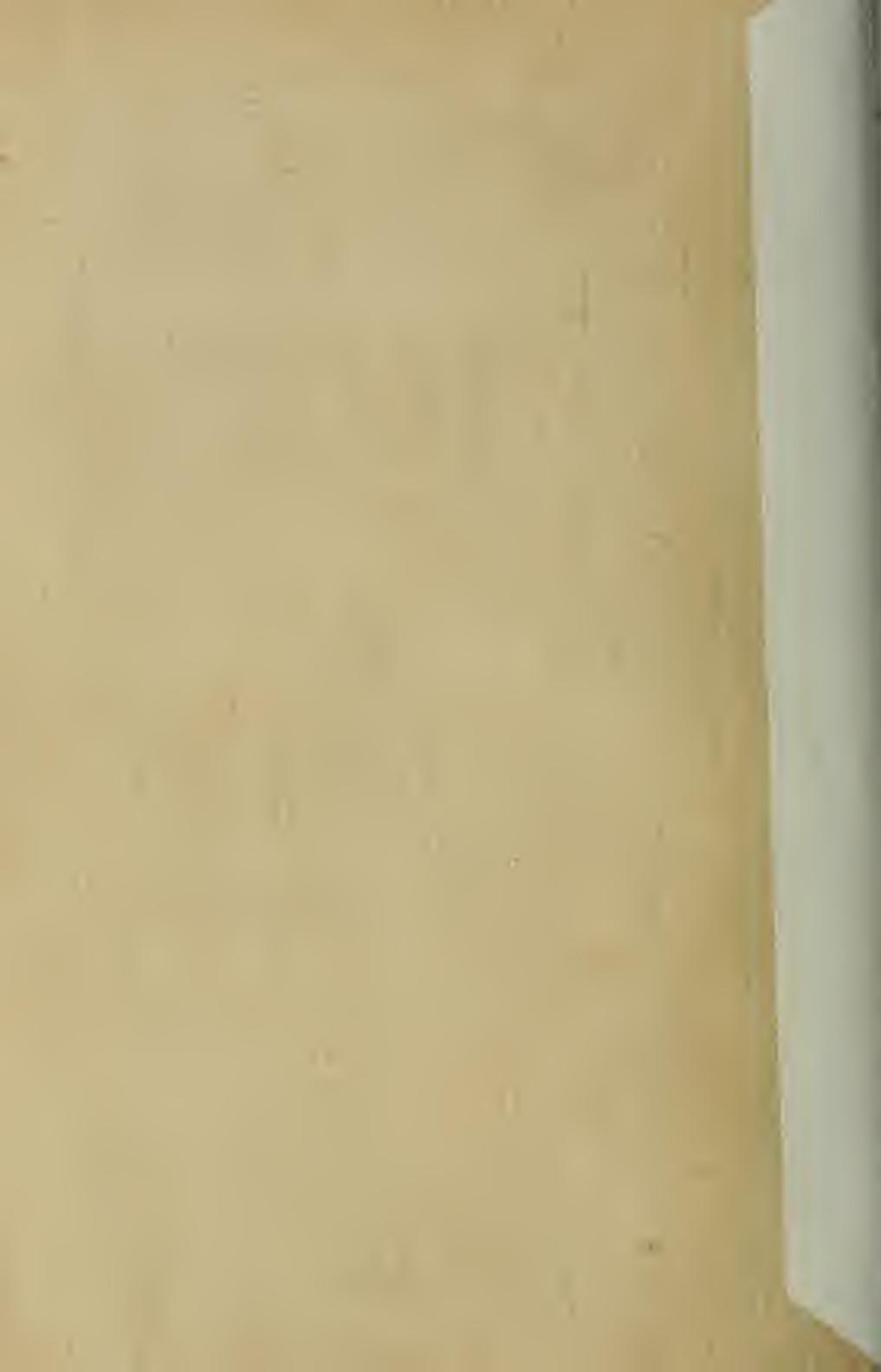
INDICE DAS GRAVURAS



	Pag.
Retrato de Sylvio Roméro com o auctor.	15
A casa em que nasceu Sylvio Roméro (Lagarto, Sergipe)	31
O <i>Engenho Moreira</i> , onde passou a infancia Augusto Franco (retrato e autographo)	47
Fac-simile de um autographo de Sylvio	65
A centenaria Antonia, ainda viva, e que foi mucama de Sylvio Roméro	67
Sylvio Roméro aos 45 annos de edade	81
Vista da cidade de Lagarto (Sergipe)	91
Sylvio Roméro em Juiz-de-Fóra (Minas Geraes)	101
Casa onde Sylvio Roméro passou a infancia (Lagarto)	109
André Roméro	117
D. Maria Roméro	125
Tito-Livio de Castro	131
Cartão-postal dirigido por De Greef a Sylvio	137
A Quinta do Montilhão (Portugal)	143
Sylvio Roméro (em 21 de Outubro de 1897, aos 46 annos e seis mezes justos de idade)	147
	149







PQ
9509
.5
R6G8

Guimarães, Arthur
Sylvio Roméro de perfil

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D	RANGE	BAY	SHLF	POS	ITEM	C
39	10	06	02	12	001	9